

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

Patrícia França Alborghetti

**ENVELHECIMENTO E CONJUGALIDADE:
UM ESTUDO DE GÊNERO COM CASAIS IDOSOS EM FLORIANÓPOLIS**

**FLORIANÓPOLIS
2003**

Patrícia-França Alborghetti

**ENVELHECIMENTO E CONJUGALIDADE:
UM ESTUDO DE GÊNERO COM CASAIS IDOSOS EM FLORIANÓPOLIS**

**Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre em Psicologia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e
Ciências Humanas.**

**Orientador: Prof^ª. Mara Coelho de Souza
Lago
Co-orientadora: Prof^ª. Maria de Lourdes
Freitas de Souza**

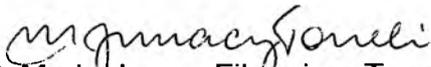
**FLORIANÓPOLIS
2003**

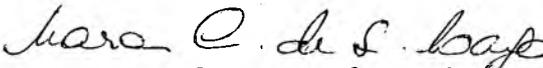
Patrícia França Alborghetti

Envelhecimento e conjugalidade: um estudo de gênero com casais idosos em
Florianópolis

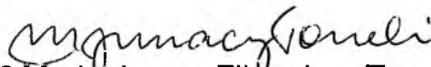
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 19 de março de 2003.


Prof.^a Dr.^a Maria Juracy Filgueiras Toneli
Coordenadora


Prof.^a Dr.^a Mara Coelho de Souza Lago
Departamento de Psicologia, UFSC


Prof.^a Dr.^a Flávia de Mattos Motta
UDESC


Prof.^a Dr.^a Maria Juracy Filgueiras Toneli
Departamento de Psicologia, UFSC

À minha sorridente Isabela

AGRADECIMENTOS

Especialmente à Professora Mara. Sua presença constante, mesmo quando a dor lhe invadiu o coração, e a permanente acolhida durante todo o percurso, fortaleceram-me para que eu pudesse chegar até o final do curso.

A toda minha família, principalmente vó Olinda, por sempre iluminar meu caminho, desde o pré-escolar.

Aos meus pais, Pedro e Selma, por me darem todo o amparo necessário.

À minha irmã Luciana e ao meu cunhado Cláudio, por toda ajuda e estímulos nos momentos difíceis.

Ao meu irmão Pedro César, por estar sempre disponível às minhas solicitações.

À bela Isabela, por ter me escolhido como mãe e ter sido um bebê maravilhoso, permitindo-me elaborar e finalizar o trabalho.

À grande amiga Kenia e toda sua família, por atenção e carinho.

Aos amigos e amigas da graduação: Elisa, Teresa, Aninha, Ana Paula, Mauricio, Emílio, Jacques, Sidnei, Mário, Sonia, Zuleica.

Às amigas da pós-graduação: Sonia gaúcha, Karina, Renata, Leyza.

Ao Zé, a quem devo o empurrão inicial para a seleção do mestrado.

Ao Departamento de Pós-Graduação, em especial Janete e Cristiano.

A todos/as os/as entrevistados/as que me abriram as portas de seus corações.

À Cíntia, por tudo.

Velhice

Mário Prata

- Não, não se faz mais velhos como antigamente.
- É verdade. Não se faz.
- Veja você. Você está com 54. Lembra quando você era jovem, 54 era um velhinho, não era?
- Avô, avô...
- Então. E as mulheres de 54?
- Bisavós, bisavós...
- Não exagera. Avós, também. Aliás, mulher de 40 já tava velhinha. Todas de preto. Iam à igreja. A mãe da gente tinha 40, né? Era uma santa, né? Imagina se fazia o que as de 40 fazem hoje...
- Onde é que você quer chegar?
- É que a nossa geração mudou tudo. Mudou até a velhice. A gente é de uma turma que rompeu com tudo. Esse negócio de Beatles, Rolling Stones, pílula, tropicalismo, isso fez mudar tudo.
- Prossiga.
- É que a gente mudou os velhos que a gente ia ser. Veja a sua roupa. Você está vestido igual a um cara de 20, 30 anos. Você não está de terno e gravata como os cinqüentões de antigamente.
- Você está é justificando a nossa velhice.
- Que velhice, cara! Você hoje faz tudo que um cara de 20 faz.
- Mais ou menos, mais ou menos.
- A nível comportamental...
- A nível, cara?
- Desculpa, mas comportamentalmente falando, ficou tudo igual. O cara de hoje, com 50, não se comporta mais como um cara de 50 dos anos 50. Nivelou, entendeu?
- Explica melhor.
- As meninas também. As nossas amigas de 40, por exemplo.
- Melhor não citar nomes.
- É que hoje elas fazem coisas que a gente não poderia imaginar que a mãe da gente fizesse com a idade delas. Estão todas aí, inteiriças. Liberadas, está entendendo? Mandando ver. E nós também. Fora que tem o Viagra que dizem, dizem vai segurar mais pra frente.
- Você já usou?
- O quê?
- Viagra.
- O que é isso cara? Ouvi falar, ouvi falar. Mesmo porque, não se conhece ninguém no mundo que assuma que já tomou. Parece que existe um acordo lá entre eles. Ninguém conta. É de lei. Mas não desvia o assunto. Eu não estou falando no desempenho sexual. Estou falando de cabeça. Nivelou tudo. E, pra sorte nossa, nivelou por baixo. Veja a roupa do seu filho. Igual à sua. Antigamente um cara de 23 se vestia completamente diferente de um cara de 53. Ou você alguma vez viu o seu pai de tênis? (nem de pênis). Acho que até para jogar tênis, ele devia jogar de sapato.
- Se a gente então não está velho, vai ficar velho quando?
- Pois é aí que eu quero chegar. Não existe mais a velhice. Nos anos 60, a gente fez tanta zorra que, sem querer, garantimos o

nosso futuro sem velhice. Pode escrever aí. Não existe mais velhice.

- Ficamos imortais?

- Quase. Antigamente o sujeito começava a morrer mais cedo. Ficava uns 10, 15 anos morrendo. Agora não, ele vai ficar até os 80, 90. Daí ele fica doente e morre logo. Acabou a agonia. Pensa bem: a gente está com 50. Temos mais uns 30 pela frente. Firmes. É isso, cara: não existe mais a velhice. E fomos nós que detonamos com ela. Mas tem o cabelo branco, as rugas, a barriguinha...

- Detalhes, cara, detalhes. O cabelo branco, a ruga e a barriguinha hoje em dia são encarados como charme. Mesmo porque os cabelos não ficam mais tão brancos como nos nossos pais. E as rugas também. Os velhos estão cada vez com menos rugas. E pra barriguinha estão aí as academias. Tem as fórmulas.

- E isso vale também para as mulheres, né?

- Principalmente. Eu estava falando nas nossas amigas de 40. Pega as de 50. Tudo com corpinho de 30. Cabeça de 20. Tão até melhores do que nós, cara. Peraí, a sua namorada não tem nem 30.

- E isso me preocupa. Tem cabeça de 50. De 50 das antigas. O que serve para a nossa geração, não serve pra nova geração. Resumindo: não existe velhice para a nossa geração. A gente batalhou isso. Agora essa nova geração que vem aí vai envelhecer. Se ela quiser continuar a ser como a gente, vai acabar sendo igual aos nossos pais, como diria o grande Belchior.

- Eu não estou entendendo aonde é que você quer chegar.

- Quero chegar nos 90. Me passa o uísque. Me passa o fumo. Me passa o Viagra. Me passa a saudade que eu tenho dos meus 20 anos. Me passa a vida a limpo. E mete os Beatles aí na radiovitrola. Help, please me!

RESUMO

Com o expressivo número de idosos nas sociedades atuais, muitos têm sido os trabalhos desenvolvidos com a intenção de ampliar o conhecimento sobre esta etapa da vida e sobre aqueles/as que dela fazem parte. Foi este o objetivo central da presente pesquisa, que buscou analisar a velhice e as representações dos/as idosos/as sobre suas relações de gênero na situação de vida conjugal. Partindo do pressuposto de que a participação da mulher idosa em grupos voltados para a terceira idade poderia favorecer a redução de assimetrias na conjugalidade gerôntica, foram entrevistadas cinco mulheres com experiência em grupos de idosos e seus respectivos maridos. Para uma comparação com estes sujeitos, foram entrevistados também dois casais cujas mulheres não haviam participado de qualquer grupo de atividades para idosos. A análise das informações obtidas na pesquisa não indicou qualquer diferença significativa na vivência conjugal entre os cinco casais em que as mulheres haviam participado de grupos e os outros dois casais, nos quais as mulheres não tiveram tal experiência. As diferenças percebidas referiam-se sim, às singularidades e particularidades de cada casal, não sendo possível fazer generalizações. As relações de gênero manifestaram-se em falas sobre a vida conjugal e sobre as outras relações de parentesco. Como resultado da pesquisa, pôde-se identificar concepções de feminilidade e masculinidade, considerações sobre sexualidade, relações familiares, além das significações da velhice para as mulheres e homens entrevistados.

Palavras-chave: envelhecimento, conjugalidade, relações de gênero.

ABSTRACT

With the expressive number of seniors in the current societies, many have been the works developed with the intention of enlarging the knowledge on this stage of the life and on those that are part of her. It was this the central objective of the present researche, that looked for to analyze the old age and representations of elderly people about its gender relationships in the situation of married life. Leaving of the presupposition that the senior woman's participation in groups for to the third age could favor the reduction of asymmetries in the situation of married old peoples's life, five women were interviewed with experience about old people's groups and its respective husbands. For a comparison with these subjects were also interviewed two couples whose women had not participated of any group of activities for elderly people. The analysis of the information obtained in the research didn't indicate any significant difference in the married existence among the five couples in that the women had participated in groups and the other two couples, us which the women didn't have such experience. The noticed differences referred yes, to the singularities and particularities of each couple not being possible to do generalizations. The gender relationships showed in speeches about the married life and about the other family's relationships. As a result of the research, it could identify femininity conceptions and manliness, considerations about sexuality, family relationships, besides the significances of the age for the women and men interviewees.

Key words: aging, married life, gender relationships.

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO	11
<i>SOBRE O TEMA</i>	14
<i>SOBRE A METODOLOGIA, OS SUJEITOS ENTREVISTADOS E OS LOCAIS DA PESQUISA</i>	16

DAS TEORIAS ÀS ANÁLISES

CAPÍTULO 1 - SOBRE VELHICE	27
<i>A POLISSEMIA DO CONCEITO</i>	27
<i>MAS, AFINAL, SÃO REALMENTE VELHOS ESTES IDOSOS?</i>	38
<i>ASPECTOS PSICOLÓGICOS</i>	45
<i>SEXUALIDADE</i>	57
<i>PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS PARA A TERCEIRA IDADE</i>	62
CAPÍTULO 2 - SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO	69
<i>GÊNERO</i>	69
<i>GÊNERO E VELHICE</i>	73
CAPÍTULO 3 - SOBRE AS RELAÇÕES FAMILIARES	82
<i>AS FAMÍLIAS</i>	82
<i>AS FOTOGRAFIAS DA FAMÍLIA</i>	93
<i>CONJUGALIDADE</i>	98
<i>VELHICE E RELAÇÕES FAMILIARES</i>	108
<i>AVÓ: MÃE ADOÇADA</i>	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	129

Introdução

Durante toda a existência humana, desde o nascimento até a morte, ocorrem modificações bio-psico-sociais. Neste percurso de desenvolvimento, destaca-se a velhice como mais uma fase que dará continuidade a estas mudanças. O envelhecimento ocorre por toda a vida, não sendo específico de apenas uma faixa etária. Esta perspectiva está presente na idéia de Edgardo Korovsky (1998, p.159) o qual afirma que, “no existe en verdad en el envejecimiento un hecho puntual que señale su comienzo. Es un proceso que se inicia con el nacimiento o tal vez antes y se continúa a lo largo de toda la vida.”

Entretanto, como salienta Norberto Bobbio (1997, p.17), “a velhice é um tema não acadêmico” e é recente o despertar da preocupação com a mesma como um assunto para discussão, observação e estudo.

Alda Britto da Motta (1997) alerta que há uma acentuada preocupação com o custo social da velhice e pouco conhecimento sobre o modo de vida dos velhos, estando este conhecimento permeado por preconceitos e estereótipos.

Lembrando Simone de Beauvoir (1990), através dos mitos e clichês do pensamento burguês, o/a velho/a passa a ser visto como *um/a outro/a*, alguém que carrega em sua condição um segredo vergonhoso, do qual é indecente falar. Assim, dar voz às representações que os/as idosos/as têm sobre suas vidas diárias pode contribuir para um maior conhecimento acerca do envelhecimento e de sua vivência, buscando-se reduzir o estranhamento da velhice considerada como um “futuro longínquo e irreal” (Beauvoir, 1990). É importante que se apresentem oportunidades de reconhecimento da velhice, não como uma assustadora metamorfose e sim como um futuro previsto e esperado para um

grande contingente de pessoas, uma vez que a expectativa é de que o Brasil venha a ser um dos países latino-americanos com o maior número de pessoas com idade acima de 65 anos, durante os próximos 40 anos.

Buscar romper o elo automático entre idade avançada e diminuição das capacidades físicas e deterioração mental deve ser um dos objetivos da pesquisa acadêmica, uma vez que esta perspectiva negativa é vivenciada não só pelo/a idoso/a, enquanto inserido na situação, mas também por crianças, adolescentes e adultos que convivem com pessoas velhas. Desta maneira, os/as próprios/as idosos/as acabam, muitas vezes, considerando o envelhecimento humano exclusivamente a partir de perdas e de um afastamento social, associado também às noções de inatividade e inutilidade. Parafraseando Joel Birman (1995), a velhice tem sido vista como uma posição negativa de uma existência que se fechou: não há reconhecimento simbólico, não há relação com o futuro pois o velho estaria desinvestido de seu presente.

O tema de envelhecimento, “inicialmente pertencente aos domínios da geriatria e da gerontologia” (Marisete Safons, 1999, p.25), tem sido cada vez mais explorado. Assim, é de fundamental importância que a psicologia abra mais espaços para que se estude e se conheça este momento da vida, que está mais próximo e evidente para grande parte das pessoas.

O presente trabalho carrega em sua formulação minha intenção de direcionar um olhar àqueles/as a quem se chama de velho/a, idoso/a, coroa, vovô/ó, da terceira idade. Ao articular conhecimentos sobre velhice e gênero, conceitos fundamentalmente interdisciplinares, precisei me valer das contribuições de diferentes disciplinas das ciências humanas, além da psicologia e da psicanálise.

Os estudos de Ecléa Bosi, Sylvia Leser de Mello, Conceição Nogueira, Maria Cristina Veloz Guimarães, Maria Juracy Siqueira, são representativos da produção da psicologia social sobre os temas centrais da dissertação.

Na psicanálise, além de escritos de Freud, fui buscar reflexões sobre os temas abordados em Jane Flax, Joel Birman, Glacy de Roure, Edgardo Korovsky, entre outros, sem esquecer as contribuições de Erik e Joan Erikson sobre os ciclos de vida.

Na história, fundamentei-me especialmente nos escritos de Phillipe Ariés e Joan Scott. A sociologia me possibilitou o acesso às obras de Norberto Bobbio e Anthony Giddens, fundamentais para a reflexão sobre velhice, o primeiro, e conjugalidade, o segundo. São da sociologia também os estudo de Alda Britto da Motta sobre velhice.

Grande parte dos autores que apoiaram minhas reflexões, na análise do material obtido na pesquisa de campo e na fundamentação teórica e metodológica da pesquisa, são oriundos da antropologia: Cláudia Fonseca, Roberto Cardoso de Oliveira, Guita Debert, Clarice Peixoto, Cornélia Eckert, Flávia Motta, Klaas e Ellen Woortmann, entre outros.

Não poderia deixar de citar o trabalho de Simone de Beauvoir na filosofia.

Procurando articular as concepções dos diferentes autores, busquei analisar e interpretar as questões relacionadas com as representações dos/as idosos/as sobre suas vidas em diversos aspectos, principalmente sobre suas experiências conjugais, enfatizando assim, as relações de gênero vivenciadas nestes contextos.

Na estruturação deste trabalho procurei, ainda na introdução, explicitar a escolha do tema, a metodologia utilizada na pesquisa, as estratégias para chegar aos casais entrevistados e a caracterização dos sujeitos da pesquisa.

Buscando entremear reflexões teóricas com a análise do material obtido na pesquisa empírica, dividi a dissertação em três capítulos. No primeiro, debrucei-me sobre o tema da

velhice, discutindo conceituações, incluindo os sujeitos da pesquisa nessa geração, detendo-me em aspectos psicológicos do seu envelhecimento, nas suas representações sobre sexualidade neste ciclo da vida e na sua participação em grupos para a terceira idade.

No segundo capítulo, detive-me sobre as questões de gênero e velhice.

O terceiro capítulo da dissertação foi centrado na análise das falas dos/as entrevistados/as sobre suas relações familiares e na discussão dos temas família e conjugalidade.

Sobre o tema

A escolha do tema *gênero e conjugalidade entre casais idosos* surgiu a partir de uma experiência que tive em um estágio curricular em Psicologia, na coordenação de um grupo voltado para a terceira idade, oferecido pelo Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI/UFSC), sob orientação da professora Maria de Lourdes Freitas de Souza.

O NETI/UFSC foi criado em 1982 e, a partir de 1984 foram iniciadas as primeiras atividades de educação permanente com a realização de um curso sobre o folclore da ilha de Santa Catarina. Em 1986 foram desenvolvidos cursos de extensão, o que resultou em grande aceitação por parte da comunidade. Em 1989, iniciaram-se as atividades de educação continuada e com o *curriculum* comprometido com a questão da velhice. Visto o interesse dos participantes, a equipe técnica do NETI, em 1990, formulou o projeto “Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica”, apresentando-o ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC, que o apoiou integralmente. Este curso é destinado

exclusivamente aos maiores de 50 anos, a menos que sobrem vagas. A partir daí, outras atividades tiveram início e vêm sendo desenvolvidas com regularidade, tais como: curso de Formação de Monitores de Ação Gerontológica, curso de Especialização em Gerontologia, Intercâmbio Comunitário em Gerontologia, Grupo de Avós, Grupo de Estudos e Interações Humanas, Grupo de Crescimento Pessoal, Inglês, Grupo de Encontro de Amigos, estágios curriculares e extra-curriculares. O NETI tem como objetivo especializar pessoas capacitadas sobre os conhecimentos de gerontologia para que possam, futuramente, assessorar outras entidades em relação a programas de valorização da terceira idade. Procura, ainda, resgatar o papel dos idosos na sociedade brasileira, educando-os e, também, a própria sociedade nesse sentido, além de manter atividades de ensino, pesquisa e extensão.

O grupo que coordenei em 1999 se chamava Grupo de Encontro de Amigos e era composto por 10 participantes do sexo feminino. Com o decorrer das atividades, muitas vezes as integrantes que eram casadas (cinco delas) relatavam algumas influências da sua participação naquele grupo em seus relacionamentos conjugais. Uma dessas mulheres, em seus constantes depoimentos, apontava atitudes de poder e dominação por parte de seu marido e expressava sua insatisfação com a estrutura de seu casamento, chegando a solicitar a separação conjugal a seu companheiro. A separação não ocorreu mas, a partir desse movimento, tal participante afirmou que “as coisas estavam mudando” no seu casamento e que agora ela fazia o quê, como e quando queria, do contrário, iria embora de casa. Este acontecimento me chamou a atenção na medida em que, para mim, existia uma imagem idealizada de casais de terceira idade que teriam relações livres dos conflitos da juventude, de maior igualdade, respeito e compreensão. Através desta mulher pude perceber que as assimetrias também se manifestavam na conjugalidade gerôntica.

Interessei-me em estudar a velhice e as relações que se mantêm e/ou se estabelecem neste momento da vida, partindo da perspectiva dos próprios sujeitos. Assim, minha pergunta de pesquisa era:

“Quais as representações das/os idosas/os sobre suas relações de gênero na situação de conjugalidade?”

Sobre a metodologia, os sujeitos entrevistados e os locais da pesquisa

Inspirada no modelo antropológico da pesquisa etnográfica, com entrevistas livres, gravadas, obtive depoimentos de mulheres e homens idosos, buscando “penetrar no mundo de suas representações, no seu universo simbólico” (Lago, 1996 a, p.19), para apreender as formas como eles/as relatavam suas experiências de conjugalidade na velhice e as formas como significavam suas relações de gênero no casamento.

Algumas questões norteavam as entrevistas, dentre elas as que se referiam a lembranças da época em que o casal se conheceu, o namoro e o casamento.

Trabalhando a questão da memória de velhos, Ecléa Bosi (1979) buscou recriar o passado da cidade de São Paulo através das lembranças dos idosos entrevistados. Para esta autora, o que é lembrado passa por todo um processo de apoio familiar ou grupal, pois “o conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos de escolha e rejeição ao que será lembrado” (p. 281). Segundo Bosi, em se tratando da técnica de pesquisa, as histórias de vida combinam com as

perguntas exploratórias, desde que seja dado ao recordador toda a liberdade para encadear e compor, como bem quiser, os momentos do seu passado.

Em outro trabalho, Bosi (1993) ressalta que a memória é uma atividade sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. Cada pessoa o vive de forma diferenciada, de acordo com a classe e a idade, por exemplo, sendo impossível a apreensão plena do tempo passado.

Trabalhar com pessoas velhas é lidar com quem possui muitos fatos passados na sua constituição e, assim, segundo Cornélia Eckert (1997), “compreender a velhice é também conhecer a forma como as pessoas, em processo de envelhecimento, experimentam e atribuem significado, no presente, à sua trajetória pessoal e de grupo.”

Para Elza Maria de Souza (1999), lembrar situações passadas oportuniza a reflexão sobre quem somos, facilitando o entendimento do presente e preparando a vivência do futuro.

Em minha pesquisa, apesar de evocar vivências da época em que o casal se conheceu, o período do namoro, o início da vida de casados e outras lembranças que vieram à tona nas falas dos/as entrevistados/as, na análise não me detive na questão da memória como Bosi fez em seu trabalho. Não pretendia reconstruir a história destes sujeitos, valorizando a atividade de recordar. Estimular as reminiscências de meus/minhas informantes sobre suas vivências conjugais funcionou como um catalizador para a emergência do que era de meu interesse pesquisar: como as relações de gênero eram representadas nos discursos destes casais.

As entrevistas ocorreram com caráter de conversa, entremeadas por chás, cafês e trocas de receitas de quentão, de pudim de laranja ou de pontos de crochê. Esta interação entre pesquisador/a e objetos de estudo é, segundo Cláudia Fonseca (1999), o ponto de

partida do método etnográfico. Considerar as subjetividades presentes na pesquisa como constituintes da mesma é fundamental para que se reconheça os entrevistados como *nativos de carne e osso*, bem como legitimar o/a pesquisador/a como sendo parte integrante dos resultados obtidos da interlocução necessária entre dois mundos: de quem entrevista e de quem é entrevistado.

O antropólogo Vincent Crapanzano (1991) lembra a impossibilidade de se eliminar o pesquisador do encontro etnográfico, ou seja, a simples presença deste já influencia as narrativas daqueles que estão sendo pesquisados. Assim, em quase todos os momentos das entrevistas levei em consideração a minha subjetividade também presente nos contextos da pesquisa de campo.

Roberto Cardoso de Oliveira (2000) discorre sobre o enorme *poder* que o entrevistador tem sobre o informante e que acaba empobrecendo o ato cognitivo deste último. Desta maneira, muitas vezes não existe uma relação dialógica entre os dois. Para que esta relação dialógica ocorra é preciso que se realize um *encontro etnográfico*, ou seja, que o pesquisador seja capaz de ouvir os entrevistados e por eles também ser ouvido. Para que isto ocorra, o pesquisador deve viabilizar uma aceitação senão ótima, pelo menos afável daqueles que serão pesquisados.

Participaram da pesquisa cinco casais e duas mulheres casadas. Foram entrevistados, ao todo, 12 sujeitos. Suas idades variavam de 65 a 80 anos, entre as mulheres, e de 62 a 77 anos, entre os homens. Seis das mulheres estavam na faixa dos 60 anos de idade e uma estava com 80 anos. Entre os homens, cinco deles se encontrava na faixa dos 70 anos, enquanto dois estavam na faixa dos 60 anos. Os níveis de escolaridade dos sujeitos entrevistados variavam desde as séries iniciais do primeiro grau até o curso de segundo grau completo.

Posso caracterizar os casais que entrevistei como oriundos das camadas populares de diferentes municípios do estado de Santa Catarina, alguns, e outros egressos do trabalho no campo e na pesca, em comunidades litorâneas na ilha. Atualmente poderíamos caracterizá-los como ascendentes às camadas médias da população, se considerarmos que possuem casa própria (alguns com mais de uma residência), carro próprio (duas mulheres tinham veículo seu). Um casal possuía uma lancha e outro barco de pesca. Não podemos homogeneizá-los, no entanto, visto que dois dos entrevistados continuam trabalhando para complementar a renda e dois casais são proprietários de estabelecimentos comerciais.

Como minha intenção inicial era verificar possíveis alterações no relacionamento conjugal a partir da participação da mulher em grupos voltados para a terceira idade, o critério para a escolha dos/as participantes desta pesquisa não foi aleatório: voltei àquelas mulheres casadas que participaram do Grupo de Encontro de Amigos do NETI/UFSC, coordenado por mim em 1999. Através delas, tive acesso a seus maridos, que também me forneceram entrevistas, sendo possível então, dar voz aos dois sujeitos que viviam a relação conjugal. Tal escolha explica-se pela conveniência na seleção dos sujeitos uma vez que estas mulheres já me conheciam, o que poderia facilitar o contato e a disponibilidade para participarem da pesquisa. Esta facilitação mostrou-se necessária, na medida em que dois fatores reclamavam urgência na pesquisa de campo: em primeiro lugar, a paralisação das instituições federais de ensino, iniciada em agosto de 2001, com a conseqüente perda de seis dos 24 meses destinados à realização da pesquisa e conclusão do curso de pós-graduação; e, em segundo lugar, outro projeto se interpôs em meu caminho: uma gestação com data de parto prevista para o mês de julho de 2002.

Apesar de receosa por achar que não estava sendo “neutra” na escolha dos entrevistados, segui adiante e utilizei o que já tinha disponível em minhas mãos:

conhecimento prévio das informantes e facilidade no contato para as possíveis entrevistas. Nesta condição, experimentei a perspectiva de Mara Lago (1996, p.19) que, referindo-se ao modo etnográfico de pesquisar, afirma existir um “profundo envolvimento do pesquisador com seu objeto de estudo”, no meu caso, exacerbado pelo meu conhecimento anterior das mulheres entrevistadas. Não conhecia previamente os maridos delas, exceto Seu Beto¹, esposo de Dona Beatriz.

Assim, era chegado o momento de iniciar as abordagens. Entretanto, ao vasculhar os materiais com as informações das participantes do Grupo de Amigos de 1999, deparei-me com uma desagradável surpresa: não tinha mais nenhum número de telefone para entrar em contato com quem quer que fosse do referido grupo. Mas uma vaga informação me deu pistas para iniciar minha busca: lembrei-me que o marido de uma das participantes do grupo, Seu Clóvis, trabalhava em uma determinada loja. Coloquei-me diante da lista telefônica e liguei para a loja. Consegui falar com ele, identifiquei-me e obtive assim, os números de telefone para entrar em contato com sua esposa, Dona Clara. Seu Clóvis mostrou-se muito atencioso ao telefone e, quando eu liguei para sua casa em outro momento, ele me atendeu, repetindo a cordialidade. Identifiquei-me novamente, mas Dona Clara não me atendeu, pois estava indisposta. Deixei meu número de telefone e pedi para que ela entrasse em contato comigo, fato este que não ocorreu. Posteriormente, telefonei e falei com ela que me atendeu muito afavelmente, apesar de um tanto resistente em falar pessoalmente comigo (na primeira vez que nos falamos ela me pediu para que eu voltasse a telefonar na semana seguinte...).

¹ Os nomes próprios constantes desta dissertação são fictícios, na intenção de preservar o anonimato dos informantes. Optei por utilizar nomes que começassem com a mesma letra, em ordem alfabética, para ambos os cônjuges entrevistados.

Finalmente entramos em um acordo e combinamos data, hora e local para a entrevista, com Dona Clara declarando que não tinha medo de falar, dizendo em tom jocoso que já passou muita coisa na vida e que “mulher é como saco de farinha: sempre que se bate sai mais um pouco” ou seja, possivelmente ela teria contribuições para meu trabalho. Percebi assim que havia muito a ser dito por essas mulheres e seus maridos.

Consegui os telefones das outras informantes com Dona Clara, sendo que todos os outros contatos telefônicos mostraram-se bastante fluidos e os enredos dessas histórias começaram a tomar corpo.

Inicialmente as entrevistas foram realizadas com as mulheres que, posteriormente, me apresentavam a seus esposos, para que também me fornecessem entrevistas. Entretanto, duas informantes não me possibilitaram o acesso a seus maridos. Dona Clara enfaticamente impediu que eu conversasse com Seu Clóvis pois, segundo ela, ele negaria tudo o que ela havia dito. Além do que, os filhos não iriam gostar de saber que ela tinha contado sobre as dificuldades de sua vida conjugal. Mesmo afirmando que eu não tinha intenção de “conferir” as informações mas apenas conversar com seu marido, não obtive sua concordância para a entrevista com ele.

Quando perguntei à Dona Graça se eu poderia conversar com Seu Gerson, a mesma disse que não, pois “ele não gostava muito de falar”. Apesar de minha insistência, não consegui entrevistá-lo também.

Segue a descrição dos cinco casais supracitados:

Dona Beatriz e Seu Beto estão casados há 47 anos. A idade dela é de 67 anos e a dele de 66 anos. Ambos têm o primeiro grau como nível de escolaridade. Ela não é beneficiária da previdência social e ele é aposentado como militar. Os dois são naturais de Florianópolis. Atualmente eles moram sozinhos numa comunidade pesqueira do interior da

ilha, onde Seu Beto tem uma criação de mariscos como complemento da renda, juntamente com um filho. O casal têm quatro filhos, dois homens e duas mulheres, sendo uma delas adotiva. Dona Beatriz já participou de diversos grupos para a terceira idade promovidos pelo NETI/UFSC, tais como o Grupo de Avós, Contadores de Estórias, Crescimento Pessoal, Grupo de Amigos e do coral. Atualmente faz hidroginástica com seu marido na Universidade Federal de Santa Catarina, além de organizar ações beneficentes no Centro Social do Saco dos Limões.

Dona Alice, 65 anos, e Seu Augusto, 62 anos, são casados há 40 anos. Ela tem o segundo grau completo e ele tem os três primeiros anos de estudo. Os dois têm três filhos, sendo dois homens e uma mulher. O casal tem três netos. Ela também não recebe benefícios da previdência social enquanto ele é aposentado pela Secretaria da Fazenda, no setor de microfilmagem. Os dois são naturais do centro de Florianópolis e atualmente moram em um bairro continental da cidade. Ela já participou de atividades promovidas pelo NETI/UFSC, tal como Grupo de Formação Gerontológica, Contadores de Estórias, Grupo de Amigos e coral. Atualmente participa de um grupo de idosos na Associação do bairro onde mora, além do coral da UFSC. Desde que se aposentou, há 30 anos, Seu Augusto se “encaixou” nas atividades do EMAÚS, “um movimento universitário para jovens”, segundo ele.

Dona Graça, 80 anos, casou-se pela primeira vez aos 14 anos, com o violeiro da cidade, 20 anos mais velho. Eles tiveram duas filhas e, após quatro anos de casados, o marido faleceu. Em 1953, 13 anos depois, ela conheceu Seu Gerson, oito anos mais novo do que ela, com o qual se casou e teve uma filha. Ela é natural da cidade de Grão-Pará, em Santa Catarina e ele de Braço do Norte, no mesmo estado. Atualmente, moram no centro de Florianópolis, com um neto de 21 anos. Seu Gerson é dono de uma vidraçaria onde ainda

trabalha e, como Dona Graça afirma, ele a “sustenta” já que ela o ajudou muito quando a empresa não estava bem. Os dois têm o segundo grau completo. Atualmente ela não participa de nenhum grupo para a terceira idade mas já frequentou os Cursos de Avós, Contadores de Estórias, Crescimento Pessoal, Grupo de Amigos, Formação de Monitores da Ação Gerontológica, oferecidos pelo NETI/UFSC. Apesar de não estar inscrita em nenhum grupo, frequentemente é convidada para participar de passeios e eventos oferecidos por estes. Não entrevistei Seu Gerson mas, segundo Dona Graça, ele não participa de nenhum grupo de idosos porque não se considera velho.

Dona Clara e Seu Clóvis estão casados há 49 anos. Ela tem 65 anos e ele 67 anos. Ambos são naturais de Urubici, região serrana do estado de Santa Catarina onde habitaram por muitos anos. Atualmente moram sozinhos num bairro do interior da Ilha de Florianópolis. Ela é beneficiária da previdência social e ele, apesar de ser aposentado como comerciário, trabalha como gerente em uma loja de artefatos de couro para complementar a renda. Dona Clara estudou até a terceira série do primeiro grau e Seu Clóvis concluiu o que era conhecido como Artigo 99 (curso supletivo). O casal tem quatro filhos: um homem e três mulheres, sendo uma delas adotiva. Dona Clara relata que sempre frequentou atividades religiosas promovidas pela Igreja Carismática (como o círculo de oração, por exemplo), participou do Grupo de Amigos e do Grupo de Crescimento Pessoal (por três semanas), oferecidos pelo NETI/UFSC. Atualmente não está participando de nenhuma atividade, quer seja religiosa ou de grupos para a terceira idade.

Dona Erna e Seu Édson estão casados há 49 anos. Ela tem 75 anos e ele tem 77 anos. Os dois são naturais do interior do estado de Santa Catarina e moram sozinhos no centro de Florianópolis. Dona Erna não recebe aposentadoria e Seu Édson é aposentado como mecânico do Ministério da Aeronáutica. Os dois possuem o segundo grau completo.

Eles têm três filhos, dois homens e uma mulher. Dona Erna já participou dos grupos de Avós, de Amigos e de Crescimento Pessoal oferecidos pelo NETI/UFSC. Atualmente realiza atividades físicas para a terceira idade proporcionadas pelo NETI, no campus da Universidade Federal. Seu Édson nunca participou de nenhum grupo.

Além dos cinco casais já descritos, mais dois casais foram entrevistados. O motivo para a escolha dos mesmos foi não terem participado anteriormente de grupos para a terceira idade. Já que eu desejava investigar as possíveis mudanças nos relacionamentos conjugais, em função da participação em grupos de terceira idade de um ou ambos os componentes do casal, pareceu-nos adequado, a mim e à orientadora, entrevistar também aqueles que nunca fizeram parte destes grupos, com o intuito de comparar seus relatos.

Dona Dora e Seu Donato eram conhecidos meus e quando lhes solicitei uma entrevista fui prontamente atendida.

O acesso aos últimos entrevistados foi casual. Conheci Dona Fátima num ônibus urbano, no trajeto centro-bairro. Ela sentou-se ao meu lado nos bancos destinados a idosos, deficientes e gestantes, iniciando imediatamente uma conversa comigo sobre minha gravidez. Logo a conversa mudou de rumo e ela começou a falar sobre sua vida pessoal e a relação conflituosa que teve com dois dos seus filhos, dependentes de drogas ilícitas. Num trajeto de aproximadamente 4 km, soube de muitas informações relevantes para minha pesquisa. Sendo assim, identifiquei-me como pesquisadora e pedi à Dona Fátima que me concedesse uma entrevista, solicitação prontamente aceita. Agendei um dia para lhe telefonar e marcar a entrevista, que só pôde ser realizada após um mês e meio, porque meu bebê nasceu um dia depois deste nosso primeiro encontro.

Descrevo estes dois casais:

Dona Dora e Seu Donato estão casados há 49 anos e moram sozinhos num bairro da cidade. Os dois são naturais de uma antiga comunidade pesqueira de Florianópolis. Dona Dora tem 67 anos e Seu Donato tem 73 anos. Ela estudou durante três anos e ele por um ano. Ela é aposentada como costureira e ele como comerciário. O casal tem dois filhos, sendo um homem e uma mulher. Nenhum dos dois participou de grupos para a terceira idade.

Dona Fátima e Seu Fernando são casados há 50 anos. Ela tem 68 anos e ele tem 70 anos. Ela concluiu o segundo grau e ele, o primeiro grau. Os dois são donos de uma padaria onde ele trabalha pela manhã e ela trabalha à tarde. Dona Fátima é natural de Tubarão (SC) e Seu Frederico nasceu em Florianópolis. Atualmente moram sozinhos em um bairro continental da cidade. Eles têm quatro filhos, sendo dois homens e duas mulheres. Possuem cinco netas e dois bisnetos. Nem ela e nem ele participam ou já participaram de grupos para a terceira idade.

DAS TEORIAS ÀS ANÁLISES

CAPÍTULO 1

Sobre Velhice

A polissemia do conceito

***“Porque a gente tá velho mas não tá ainda assim decarquilhado,
de ficar deitado numa cama, não sair mais”***
(Dona Beatriz, 67 anos)

O envelhecimento é um fenômeno recente. Evidentemente que as pessoas em todos os tempos passaram por processos de envelhecimento biológico, mas a classificação da velhice como uma etapa da vida começou a se estabelecer a partir do final do século XIX e início do século XX, de acordo com Tamara Hareven (1999).

No Brasil também vem ocorrendo uma “explosão” na quantidade de pessoas idosas. Desde 1900 a expectativa de vida no país dobrou, da idade de 33,7 para 68,3 anos em 1999. Tal situação começa a direcionar o Brasil para ser, nos próximos 40 anos, um dos países mais envelhecidos do continente latino americano. Pelo menos em termos de ciclo de vida, o prolongamento da existência biológica, cronológica e social tem aproximado o Brasil, em seus estratos superiores, de países europeus e dos EUA. Entretanto, em aspectos gerais, esta situação do idoso pode ser definida como uma velhice subdesenvolvida, uma vez que a sociedade não tem acompanhado esse crescimento em termos de assistência bio-psico-social a uma expressiva parcela de pessoas de camadas populares que são da terceira idade

e que estão, como nunca, cada vez mais expostas a carências nutricionais, sanitárias, educacionais, habitacionais, etc. que acabam por contribuir com uma perspectiva negativa acerca do envelhecimento.

O inchamento da categoria de pessoas velhas por causa do “aumento da sobrevivência em todas as idades e da extensão da faixa dos acima de 60 anos” (Langevin, 1998, p.131), banalizou o fato de se chegar à velhice, conforme é pensada atualmente.

De acordo com o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento, coordenado pela ONU (www.onu.org, 2002), o envelhecimento da população mundial é resultante de uma expressiva transição das taxas de natalidade e mortalidade muito altas, para taxas de natalidade e mortalidade baixas. Hoje em dia, em alguns países desenvolvidos, a proporção é de uma pessoa de idade elevada para cada cinco habitantes, sendo que nos próximos cinquenta anos a relação será de um idoso em cada quatro pessoas. Em alguns países esta estatística ficará em torno de um em cada dois habitantes.

Renato Veras (1994) pontua que o processo de envelhecimento de uma nação não está ligado à redução da mortalidade, mas vinculado à diminuição de suas taxas de fecundidade. Ou seja, a ampliação do número de pessoas velhas nos últimos 100 anos, é causa da modificação tanto do número de nascimentos, quanto das taxas de sobrevivência. A futura população idosa de 60 anos já nasceu e, se a mortalidade precoce for reduzida, haverá um grande crescimento no contingente de pessoas velhas.

Para explicar o crescimento no número de pessoas idosas, Veras apresenta a teoria de transição epidemiológica de Omran (1971), que parte de uma explicação onde as taxas de mortalidade alta/fecundidade alta passam para taxas de mortalidade baixa/fecundidade baixa e segue uma lógica crescente em termos de expectativa de vida.

Como produto de uma construção social, desde sua concepção, busca-se delimitar formalmente a definição da velhice, sendo um dos critérios utilizados para tal limitação a idade cronológica: ser velho/a é ter mais de 65 anos em nações ricas e mais de 60 nas pobres. Essa é a definição de *velho demográfico* (Marcelo Leite, 1999, p.2), utilizada pela Organização Mundial de Saúde e adotada no Brasil. Mas este modelo não abarca todas as realidades da senescência, uma vez que existem países em transição demográfica onde a expectativa de vida tem aumentado gradativamente em algumas regiões, atingindo índices de países de primeiro mundo.

Mesmo no Brasil, conforme Dirceu Magalhães (1989), há um prolongamento da vida que tem se expandido nas camadas médias e elites, chegando à esperança de vida de 70 a 80 anos em média, enquanto se mantém em patamares críticos de 40 a 50 anos em camadas e regiões de baixa renda. Dessa forma, não é conveniente utilizar uma idade estanque como referência de limite para considerar velhas as pessoas, uma vez que este rápido envelhecimento manifesta-se de modo desigual entre muitos países e dentro de um mesmo país também. Com as atuais condições farmacêuticas, médicas e sanitárias que estão se generalizando mais rápido do que as condições econômicas, sociais e culturais, pode-se diferenciar socialmente dois tipos de velhos/as: o/a velho/a rico/a, com qualidade de vida igual ou pelo menos semelhante à dos países desenvolvidos, e o/a velho/a economicamente hipodotado/a que tem sobrevivido graças aos avanços da medicina, mas sem condições materiais que lhes assegurem um bom envelhecimento.

Segundo Frederico Barreto (1999), com os progressos nos serviços de saúde, saneamento urbano e produção de alimentos, em todo o mundo a média de expectativa de vida aumentou vinte anos nos últimos cinquenta anos.

Para Norberto Bobbio (1997) este aumento é um problema porque, além do aumento de pessoas idosas, há também o crescimento no número de anos que essas pessoas vivem como velhos/as e, de acordo com ele, os benefícios de uma longa vida oferecida pelos progressos da medicina podem não ser tão desejados assim:

Quem vive rodeado de velhos sabe que para muitos deles a idade avançada tornou-se – graças também aos progressos da medicina, a qual, muitas vezes, nem tanto nos faz viver quanto nos impede de morrer – uma longa, e não raro impaciente, espera pela morte. Nem tanto um continuar a viver, mas um não poder morrer (p.25).

Guita Debert (1997) descreve que, historicamente, pode-se definir três etapas sucessivas no tocante às definições das categorias de idade. Na pré-modernidade, a idade cronológica era menos importante do que o *status* da família na determinação do grau de maturidade e do controle de recursos de poder. Na modernidade, houve a cronologização do curso da vida, dividindo-a em etapas, como a infância, a adolescência e a velhice. A pós-modernidade teria, como característica marcante, a desconstrução do curso da vida em prol de um modo unietário. Por isso, utilizar atualmente a idade como única forma de definição para a velhice, está perdendo a força já que, cada vez mais, há um “embaçamento das classes de idade” (Debert, 2002, *online*), reduzindo o “fosso entre as gerações”, e levando à constituição dessa sociedade “unietária” onde comportamentos que eram considerados adequados às diferentes idades perdem a nitidez.

A autora marca que

a juventude e a velhice perdem sua associação à idades cronológicas específicas. A juventude se transforma num bem que pode ser conquistado a qualquer idade com

adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas. Da mesma forma, a velhice é percebida como uma consequência da negligência dos indivíduos com o corpo e com o próprio bem-estar, um problema de consumidores que falharam na escolha de atividades motivadoras e de outros produtos e serviços capazes de combater o envelhecimento. (Guita Debert, 2002, *online*)

Para Marcelo Salgado (2002, *online*), a conceituação de velhice “é o primeiro problema a ser colocado pelo profissional que pretende trabalhar nesse campo social” uma vez que através de uma conceituação precisa sobre a velhice podem surgir interpretações corretas da realidade para, assim, estabelecer bases de “melhoria que possam orientar um sistema de intervenção sócio-cultural.”

Dispor critérios de limite e definição para este período da vida não é uma tarefa amena pois, como aponta Salgado,

as mutações provocadas pela velhice, último tempo natural do processo de vida, não se caracterizam com a mesma evidência que as de etapas anteriores, em especial como as da infância e da adolescência, cujo término se reveste de fundamentais transformações nos planos físico e mental. (Salgado, 2002)

O autor descreve preceitos que incidem sobre a velhice e que frequentemente são utilizados na sua caracterização. São eles:

- 1 Tempo de vida, que leva em consideração a expectativa média de vida, ou seja, a relação entre a taxa de natalidade e a taxa de mortalidade.
- 2 Mutações biológicas caracterizadas pelo desgaste físico que os anos produzem nos indivíduos. O desenvolvimento humano passaria por algumas etapas, com distinções

específicas. A primeira etapa ocorreria “desde a época da vida embrionária com a formação, a fortificação, o desenvolvimento propriamente dito do organismo humano e suas subsequentes capacidades” (Salgado, 2002, *online*). Na segunda fase, com poucas inutações, haveria uma reversão da primeira etapa e tudo o que foi conquistado começaria a sofrer um desgaste, em menor ou maior intensidade, dependendo de condições particulares, estruturais e ambientais. Assim, o homem começaria a envelhecer desde o nascimento porque, mesmo adquirindo novos aspectos de sua natureza, os anteriores já estariam se desgastando. Esta perspectiva já não é tão usada para descrever o envelhecimento, pois este não afeta igualmente todos os sistemas orgânicos, os órgãos, nem incapacita as pessoas para a vida.

- 3 Conceito individual, que não é científico mas é muito importante pois dele resulta a auto-imagem que determina comportamentos mais ou menos integrativos. Embora o físico e a mente envelheçam juntos, o processo não ocorre no mesmo ritmo para ambos. Com o envelhecimento físico há uma perda da força e da forma muscular. Já o envelhecimento mental caracteriza-se, ao contrário, pelo amadurecimento, tornando o indivíduo mais hábil para apreensões de várias ordens, principalmente os raciocínios abstratos que, em idades anteriores, nem sempre foram possíveis. Uma das características do desenvolvimento da mente seria o controle das emoções e o encontro de objetivos de vida e este é o maior paradoxo da velhice e aquilo que a relativiza: “Os indivíduos se vêem fisicamente envelhecidos mas, mental e emocionalmente, se sentem acrescidos.” (Salgado, 2002, *online*)

Salgado fornece uma definição para o conceito de velhice onde afirma que devemos entendê-la

como uma circunstância ampla com múltiplas dimensões. Sendo um momento do processo biológico, não deixa de ser também um fato social e cultural. Especialmente dentro dos dois últimos aspectos, é toda uma realidade dependente de juízos de valor, pelo que não pode ser jamais interpretada nas posições positivas e negativas sem o risco de se cometerem graves enganos (Salgado, 2002).

Condensando tal conceito, o autor propõe que a velhice seja entendida como uma etapa da vida onde, em virtude da alta idade cronológica, “ocorrem modificações de ordem biopsicossocial que afetam a relação do indivíduo com o meio.”(Salgado, 2002, *online*)

Quando se trata de perceber o significado da velhice, Dirceu Magalhães (2002, *online*) alerta que sempre está se lidando com uma relação: a relação dos adultos com aqueles que são mais idosos. Mas não podemos esquecer da relação dos idosos com os adolescentes e com as crianças também, sendo esta, tanto quanto a relação com os adultos, intensamente afetiva. Para Magalhães, é esta afetividade que motiva a busca dos adultos por soluções para as questões sociais que afetam os/as idosos/as, uma vez que eles também estão envelhecendo e aproximando-se do que Bosi (1979) chamou de *comunidade de destino*.

Britto da Motta (1997) esclarece que a imagem social que se tem sobre a velhice, influencia de forma direta o problema conceitual sobre este objeto de estudo. Ser chamado/a de velho/a incomoda, pois este termo, quando aplicado a objetos, refere-se a algo gasto, que deve ser descartado, jogado fora. Em referência a pessoas e animais, velho pressupõe um desgaste da saúde e da energia e leva a pensar no descarte final da morte. A palavra velho/a tem um sentido homogeneizador, de desvalores, de negatividades e perdas: da função, da capacidade, da qualidade, do sentido, da razão. Carrega consigo as

“representações disfóricas” (Sant’Anna, 2000, p. 34) sobre o envelhecimento, ou seja, representações revestidas de idéias pejorativas e desqualificadoras.

De acordo com Mara Sant’Anna (2000), no começo do século passado, em torno de 1910, o que definia uma pessoa como velha, era o fato de ela estar mendigando pelas ruas e de não ter quem a sustentasse. Não era especificamente a idade que determinava sua condição social e necessidade de asilamento.

Um outro termo utilizado para designar a velhice, e bastante em evidência atualmente, é terceira idade. Esse conceito foi criado na França, nos fins da década de 60, para designar a velhice, ou “uma parte ‘melhor’ dela” (Britto da Motta, 1997, p. 131). No Brasil, a denominação terceira idade começou a tomar vigor a partir da década de 80.

À terceira idade está associada a imagem do velho jovem, ou melhor, reconhece-se agora duas classes de idosos, os ‘mais jovens’ e os ‘muito velhos’, sendo os mais jovens uma geração de mais idade, porém “ativa, informal, livre e ‘leve’.” (Britto da Motta, 1997, p. 132). Assim, o velho começa a atrair atenções e a ser reconhecido como um sujeito social.

Entretanto, essas novas expectativas referentes ao papel do idoso acaba por gerar comportamentos prescritivos, uma *síndrome de velho Cocoon*², aquele que deve ser dinâmico e participativo, sexualmente ativo, frequentador de salões de dança, em forma, com os conhecimentos atualizados. É através dessa diferenciação entre os velhos jovens e os muito velhos que é possível destacar uma *quarta idade*, onde estão incluídos aqueles que não correspondem aos estereótipos da terceira idade (plena saúde física e disposição).

² Alusão ao filme Cocoon (1985), do diretor Ron Howard: “após passarem a utilizar uma piscina abandonada sem saber que ela também vem sendo usada por alienígenas, um grupo de velhinhos passa a sentir os efeitos do rejuvenescimento” (<http://www.adorocinema.com/filmes/cocoon/cocoon.htm>).

Bobbio (1997) também sugere a existência de uma quarta idade, apesar de ainda não possuir uma designação formal já que, para a realidade social deste autor, a velhice fisiológica (e não a burocrática) começa quando as pessoas se aproximam dos oitenta anos, o curso da vida humana, tradicionalmente dividido em três idades, inclusive em trabalhos sobre o tema do envelhecimento e em documentos oficiais, foi prolongado para aquela que se convencionou chamar de 'quarta idade'. No entanto, não há nada que melhor comprove a novidade do fenômeno do que constatar a inexistência de uma palavra para designá-lo: mesmo nos documentos oficiais, aos *âgés* seguem-se os *três âgés* (Bobbio, 1997, p.18).

Para alguns idosos de classes populares, conforme verificado por Motta (1997), termos como terceira idade – muito menos quarta idade - não são formas comuns de referirem o fenômeno da velhice. Entretanto, “quando provocados, produzem um discurso semelhante aos de classe média, onde a terceira idade significa uma etapa de maturidade ou de envelhecimento alegre e dinâmica ” (p. 132). Ao se valerem do discurso utilizado pelas camadas médias acerca da terceira idade, esses idosos de camadas populares acabam por expressar uma representação idealizada de envelhecimento, de pouco acesso real para a grande maioria.

Já o termo idoso/a tenta trazer em sua expressão uma posição de neutralidade sobre aqueles a quem denomina, não carregando tantos estigmas de exclusão como o termo *velho*, ou tantos estereótipos de velhice idealizada, como o conceito de terceira idade.

Mas é importante lembrar Simoni Guedes (1994, p.8) que salienta a necessidade de se falar em *experiências de envelhecimento*, enfatizando a multiplicidade e a diversidade de possibilidades. Sem esquecer que representações são sempre constituídas socialmente, isto

significa que cada pessoa vive esta experiência ou a significa de forma individual, considerando-a um horrível esperar pela morte, um momento próprio para o prazer, ou outra significação:

Como em muitas culturas estudadas por antropólogos, no filme A Balada de Narayama, do diretor Shohei Imamura (1983), ser velho era não ser mais útil para a comunidade, devendo então esta pessoa ser deixada na montanha Narayama para morrer congelada. Entretanto, este ritual de envelhecimento/morte era vivenciado idiossincraticamente pelos personagens: assim, pode-se assistir à experiência de uma mulher que “acelera” seu envelhecimento com muita alegria e, feliz, cumpre o ritual, ocupando seu lugar na montanha, esperando encontrar seu falecido marido. Neste percurso surge outro homem levado por seu filho para o alto da montanha. Este velho resiste ao ritual, mas é carregado à força, amarrado, sendo finalmente jogado despenhadeiro abaixo. Esta obra de ficção compreende uma dicotomia bipolar que pode ser vislumbrada quando o assunto é velhice: este período da vida pode ser vivido de forma tranqüila, sem rupturas ou pode estar associado a perdas, ao declínio buscando-se, então, desviar ao máximo deste caminho inevitável.

Quando reflete sobre a senectude, Bobbio apresenta uma perspectiva negativa sobre o envelhecimento e compara esta fase com uma parábola descendente, o momento da decadência, da degeneração, não só do indivíduo, mas

metaforicamente, de uma civilização, de um povo, de uma raça, de uma cidade.

Dentro de uma visão cíclica é o momento no qual o ciclo termina. De fato, o inverno é representado como um velho decadente que caminha com dificuldade sob a neve... (Bobbio, 1997,p.45)

A partir do momento em que a velhice deixou de ser encarada como um processo natural de sobrevivência do mais forte e passou a ser entendida como um período diferente de vida, caracterizado pela decadência, declínio e fraqueza, houve uma associação automática entre idade avançada e diminuição das capacidades físicas e deterioração mental (Hareven, 1999). O problema é que esta perspectiva é vivenciada não só pelo/a idoso/a enquanto inserido/a na situação, mas também por todos aqueles que convivem com pessoas de terceira idade. Desta maneira, os próprios idosos acabam considerando o envelhecimento humano exclusivamente a partir das “perdas e de um afastamento social” (Veloz, Camargo e Nascimento-Schulze, 1999, *online*), estando associado também às noções de inatividade e inutilidade.

Na sociedade tradicional, segundo Dirceu Magalhães (2002, *online*), a função social da pessoa velha era lembrar e dar expressão às suas lembranças, consideradas patrimônio coletivo, expresso e revivido permanentemente no contato com novas gerações (crianças ou adultos). Já na sociedade industrial e de serviços, o produtivismo e o consumismo imperantes valorizam a inovação e o conhecimento novo, subestimando e relegando a lenda, o tabu, os ritos, as tradições enfim, exceto quando servem para a expansão e o progresso. Há uma desvalorização do antigo, do tradicional, da memória e da lembrança. Um traço marcante deste período é a perda da função social da memória, exercida pela velhice. Assiste-se até mesmo à degradação e espoliação do antigo.

Magalhães traça um paralelo entre as verdades e os mitos funcionais criados sobre a velhice que colaboram na manutenção do equilíbrio social. Um dos mitos é a crença de que, nas sociedades tradicionais, os velhos eram respeitados e tratados com veneração pelo seu saber e experiência. Na verdade, na sociedade pré-industrial a velhice era rara, ao contrário de hoje em dia que é numerosa, então este mito segue a lógica da culpa pelo descaso atual

com a velhice e tem a função de moralizar e estimular a família a cuidar de seus velhos.

Como resultado, esta atribuição à família de assistir e cuidar de seus velhos, em geral

também é um mito pois, “a coesão familiar só funciona quando articulada à ação

institucional pública. Dificilmente poderá a família arcar sozinha e exclusivamente com a

responsabilidade de cuidar dos idosos.” (Magalhães, 2002, *online*)

Outra crença muito em voga atualmente é de que a aposentadoria é uma época onde

o indivíduo vai dispor livremente de sua vida e usufruir os bens e serviços que a natureza e

a sociedade lhe oferecem. Na verdade, em alguns casos, “o aposentado é um indivíduo

isolado, com baixa sociabilidade e poder de consumo, a menos que retorne ao trabalho

formal. Na maioria dos casos as aposentadorias não permitem a satisfação das necessidades

primárias dos indivíduos.” (Magalhães, 2002, *online*)

Mas, afinal, são realmente velhos estes idosos?

Jorge Bento (1999) salienta que há três ou quatro décadas, pessoas com 40 ou 50 anos

já eram consideradas velhas. Hoje, entretanto, houve uma evolução do conceito velhice e

esta classificação se aplica apenas para pessoas com mais de 60 anos em países em

desenvolvimento e com mais de 65 anos em países desenvolvidos, como anteriormente

citado.

Porém, como Klaas Woortmann e Ellen Woortmann (1999) aduzem, não se pode

tomar a categoria *velho/a* de forma isolada porque só existem *velhos/as* em relação a

jovens. E, mais do que *velhos/as*, existe um *processo de envelhecimento* onde as pessoas

envelhecem diferenciadamente, de acordo com sua posição no sistema social e segundo o caráter da sociedade onde vive. Os autores lembram também que a maneira como os/as velhos/as são tratados/as é muito variável e depende de contextos específicos pois, em sua pesquisa sobre velhos camponeses, por exemplo, “aquele que é ‘velho’ para o Estado pode não ser velho para o trabalho; não é velho para a família ou comunidade” (p. 137).

A relativização de quem é velho apareceu de forma marcante nas falas de meus entrevistados. Dona Beatriz chama de “velhinha” a mulher que os auxilia na limpeza do marisco, apesar de as duas aparentarem ter a mesma idade. Mas, em relação a si mesma, Dona Beatriz não se considera velha. Conforme Motta (1997, p.130), “fica lógica a ambivalência: velhice existe, mas não em nós”:

“Dona Beatriz - A velhice pra mim, eu acho que não tem velhice. Na minha cabeça eu não to velha, na minha cabeça. Eu tô debaixo do chuveiro eu agradeço a água que tá caindo em cima de mim, eu agradeço o meu rosto, eu me cumprimento no espelho, eu dô bom dia pra mim, me cumprimento, faço física no banheiro. Eu sou assim.”

Reconhecer a velhice na outra mulher está ligada ao vê-la como uma coitada, alguém que precisa muito de ajuda:

“Dona Beatriz - a velhinha, a velhinha é uma mãe pra mim, ela tá no curso dos idosos, então coitada, ela é muito doente então é eu que socorro muito ela. Mas eu adoro ela.”

Ao passo em que Dona Beatriz diz ser forte e não se entregar, seja para a doença ou para a velhice, ou melhor, a velhice pressupõe a doença, a queda, a entrega:

“Dona Beatriz - Eu me arrumo e tu pensas que eu fico sempre por baixo dos outros? Não, me arrumo, vou chique, quando vou pra aniversário saio chique, pra casamento eu saio arrumada, eu saio chique. Dentro da minha, coisa, dentro do meu... Eu não me entrego não, não me entrego. Eu disse pro medico lá: ‘não me derrubo tão cedo’.”

Conforme Isolda Belo (1996, p.48-9) esta sinonímia entre doença e velhice “obscurece o fato de que envelhecer não é um processo restrito ao corpo, mas sim, que é composto por elementos sociais de fundamental importância”. A autora mostra que os aspectos biológicos servem como uma justificativa para que não se busque transformar a realidade socioeconômica deste segmento.

Dona Beatriz também relativiza a velhice quando diz que seus pais “são novos, novos” mesmo tendo nove décadas de vida. O fato de sua mãe fazer compras no supermercado a faz fugir da imagem de *velhinha*, “imagem associada à infantilidade, respaldando um tipo de relação social impregnada pelo paternalismo, que impõe o distanciamento do idoso, no que diz respeito à tomada de decisões” (Belo, 1996, p.43):

“Entrevistadora - A sua mãe tá viva?

Dona Beatriz - Tá. O meu pai tem 91 e ela vai fazer 90.

Entrevistadora- Os dois vivos?

Dona Beatriz - Tudo os dois. São novos, novos. Ela faz supermercado tudo.”

Para esta entrevistada, a velhice apresenta-se como “uma coisa”, não sendo considerada como um processo e sim “como algo que se opõe ao período da juventude e maturidade, de maneira inteiramente nova, diferenciada” (Belo, p.42), além de estar diretamente ligada a uma condição de vir a ser desprezada por ser velha:

“Dona Beatriz - Não sei se eu tô errada mas eu, eu, eu não acho que eu tô velha. Não tenho aquela coisa de velhice...”

Entrevistadora - O que seria essa coisa, assim?

Dona Beatriz - Não sei, que eu tô velha, vou me meter num canto, vão me desprezar porque eu tô velha. Não vou, não tenho isso aí. Então, às vezes eu faço assim pra eles né: [mostra as pernas, levantando as calças até a altura dos joelhos] ‘olha aqui, ó, ó, ó. Vê se isso é perna de 68 ano?’ Faço assim né, aí pra eles, brincando com eles né.”

Belo acentua que existe um pensamento de senso comum onde a segregação do velho é imutável e acontece naturalmente, por causa da forma como o corpo foi cuidado durante a vida. Como afirma a autora, “há uma associação imediata entre velhice e corpo desgastado; pensar em velho remete à imagem de um corpo decadente” (p.40). Talvez por causa desta associação de que o corpo preservado afastaria a vetustez, Dona Beatriz faça questão em expor seu esforço para não ser “tomada” pela velhice.

Ao falar sobre velhice, Dona Beatriz fala sobre uma irmã mais nova do que ela em idade, porém “mais velha em caráter”. Segundo a entrevistada sua irmã não aceita estar velha e pinta o cabelo negando esta condição:

“Entrevistadora - O. quê que é a velhice pra senhora?

Dona Beatriz - Velhice, se entregou acabou. É só pensar que tás velha, tu tás velha. Eu não penso que eu tô velha. Eu tô, claro que eu tô, as minhas força fisicamente vão acabar mas o meu espírito jamais!

Entrevistadora - E essa irmã mais nova da senhora?

Dona Beatriz - Então, tem 58 anos e não aceita. Se tu vês como ela tá enrugada e de cabelo amarelo, que ela pinta né, ela não aceita.”

O fato de Dona Beatriz ter 68 anos e não se achar velha é um exemplo de que a velhice é muito mais do que as manifestações corpóreas. É, como Salgado (2002) alega, uma mescla entre o tempo vivido, as mutações biológicas sofridas pelo corpo e o conceito individual de cada um.

Dona Graça também associa claramente a velhice a um estado de espírito quando afirma que, apesar de ser oito anos mais velha do que o marido, ela é mais nova do que ele. Em contrapartida, segundo a entrevistada, ele não participa de grupos para a terceira idade porque não se acha velho:

"Dona Graça - Ele tem a cabeça, a cabeça dele é mais velha que a minha e ele é mais moço do que eu, tem 72 anos (...) Mas ele não gosta de dançar, ele não gosta de farra assim, de festa. Às vezes eu estou contando piada, estou rindo com as minhas amigas assim, numa festa, na mesa, ele fica sempre embaixo me cutucando.

Entrevistadora - Ele não vai muito nas festas?

Dona Graça - Ele vai, mais vai obrigado, né?"

Quando questionada sobre o que é a velhice, Dona Graça afirma que "não existe velho". Sua fala apresenta a *lógica do mercado* a qual valoriza a juventude e utiliza a beleza como símbolo do ser jovem:

"Dona Graça- Velho? Eu não sei. Velho, eu acho que não existe velho. Existe é a cabeça da pessoa, a cabeça que pensa. A pessoa pensando que é velho, se botando numa cama, se botando numa cadeira a fazer crochê. Morre ali, fica doente, ali só pode esperar a morte, fica velho mesmo, né? Agora a pessoa que às vezes diz: 'ai, eu sou velho pra ir ali...' Como o meu marido às vezes:

'- Vamos em tal lugar?

- Ah, mas nós já somos muito velhos pra ir, não sei o que...'

Não senhor! Não existe velho, você arrumando bem, você fica um velho charmoso, uma velha charmosa. Velha é uma palavra que a gente exclui, né? A *melhor idade*. Mas eu disse:

'-Eu não me acho, eu não me acho e não tenho vergonha, não me acho velha em entrar em qualquer lugar, em qualquer salão.'

Agora desfilei, todos me deram parabéns, porque a melhor que desfilou fui eu. Eu levanto o peito, levanto a cabeça e penso na cabeça, a velhice não existe. Isso tá na cabeça, a cabeça que pensa."

Apesar de ser uma divisão bipolar e reducionista, a separação em dois tipos de velhos/as proposta por Magalhães (2002) serve para denominar pelo menos Dona Graça. Esta entrevistada dispõe de recursos financeiros que lhe possibilitam uma qualidade de vida igual, ou pelo menos semelhante, à dos países desenvolvidos o que, possivelmente, ajuda-a a não se considerar velha:

" Dona Graça - Eu tenho uma memória boa, faço tudo, tudo. Não tenho nada assim, não sei. Eu disse mesmo, eu não sei o que é velhice, o que é

ficar velho. Não sei se é porque também a pessoa, não existe doença de velho. A doença de velho não existe, a pessoa se tratando, né? A pessoa tomando o seu remédio, tomando vitamina, tomando pra memória, tudo isso. Quer dizer que não existe doença de velho. Antigamente: Ah, porque a pessoa tá com uma dor aqui, é doença de velho, já tá velha. Já não pode mais andar, porque já tá velha, não existe, né? Hoje em dia não existe doença. Tem muito recursos, tem muita coisa."

Belo (1996) salienta que a "tentativa de negação da velhice, associando-a a um estado de espírito" ocorre quando há o reconhecimento social do velho pelo desempenho de certas atividades. Assim, associa-se automaticamente sua imagem à do jovem pois, "não é possível ser velho e produtivo ao mesmo tempo (...) se ele produz, aceita-se a produção, omite-se a senescência." (p. 43)

Assim, para Dona Graça, participar de viagens, desfiles de moda e de concursos para *Miss Terceira Idade*, garante-lhe a manutenção da vitalidade e da jovialidade. O corpo aparece como o representante mais evidente para a velhice ou juventude e, já que é de total responsabilidade do indivíduo, o que ele representa (velhice ou não) é resultado de negligência ou de cuidado.

O cuidado com o corpo é preeminente para muitos. Quando cheguei no horário combinado na casa de Dona Fátima, fui recebida pela empregada da casa pois a entrevistada estava na academia. Dona Erna também agendou um horário entre a sua ginástica na Universidade Federal de Santa Catarina e o almoço. Seu Beto e Dona Beatriz fazem hidroginástica juntos na universidade.

A associação entre velhice, corpo parado e morte é recorrente. Como não é do tipo de pessoa que fica "prostrada na cama", Dona Beatriz comenta que não pode parar porque senão o corpo endurece:

"Dona Beatriz - Porque eu não posso parar, porque de fato mesmo eu parando ai mesmo que ... por isso

que eu ando na praia, eu estendo roupa porque ... eu me sinto mal se eu ficar o dia todo aqui, sentada. Quando eu me levantá eu já me levando com esses dois aqui, tendões, já duro. É doido, é por isso que eu faço, que eu não posso parar, que eu tenho que fazer. Mesmo que doa eu tenho que fazer. Não extravagância!"

Seu Beto associa o corpo a um produto perecível, que possui data de validade. Para ele, ser velho é estar com a "idade vencida":

"Seu Beto - (...) eu já tô com a idade vencida. Tô cansado, né.

Entrevistadora - Que idade o senhor tá, Seu Beto, desculpa perguntar?

Seu Beto - 66, fiz agora mês passado.

Entrevistadora - O quê que é tá com a idade vencida?

Seu Beto - A gente já tá sentindo o cansaço, muita coisa não... peixe que faço, não consigo. Faço mas não... antigamente corria, pulava de uma pedra. Hoje nem na areia assim, as perna não ajudo. E outra, pra puxar uma rede o cara movimenta tudo isso aqui, aí chega de noite me da uma dor aqui assim, ó. Tem que cuidar."

Seu Edson compara o corpo com uma máquina que enferruja se não for bem cuidada. A produção discursiva utilizando a metáfora da máquina traz o paradigma mecanicista usado como explicação do orgânico. Percebe-se também o paradigma funcionalista onde cada órgão ou sistema tem sua função. O entrevistado salienta que alguns zelam mais pela máquina do que outros por causa da diferença de oportunidades, de conhecimentos:

"Seu Edson - O nosso organismo, nosso corpo não deixa de ser uma máquina, é uma máquina. Que tem os seus órgãos, cada com sua função, as funções. Sabemos que ela deseja realmente, tanto na parte de alimentação, na vida em si, no repouso, em alimentação, nos exercícios para esta máquina funcionar durante grande número de anos. Ou aqueles que não zelam pela máquina, pelo seu corpo, terão um período menor de vida né.
Entrevistadora - A máquina enferruja o senhor acha?"

Seu Edson - A máquina... nós vamos tendo limitações. A idade com o decorrer dos anos, é lógico. As células realmente, elas não são mais aquelas células jovens, elas envelhecem, muitas são substituídas e outras que se atrofiam, como nossos músculos, o nosso esqueleto também vai apresentando problemas, a nossa bomba, o nosso coração. As nossas tubulações, nossas artérias, vasos e tudo o mais, elas também tem problemas de envelhecimento pela idade. Obstruções e a vida um dia...uma máquina mais bem zelada, mais bem usada ela tem uma vida mais longa. E aquelas máquinas que não tiveram oportunidade, o esclarecimento, a educação, para realmente usarem melhor ela, elas terão uma vida mais curta. A nossa vida, nosso organismo, nosso corpo, é uma máquina, como todas suas partes, cabeça tronco e membros (risos)."

A velhice, ou simples perspectiva de envelhecimento, traz à cena o corpo, os aspectos biológicos e as representações sobre eles. Assim, ser velho é estar "enferrujado/a", "duro/a", "decarquilhado/a", "vencido/a".

Aspectos psicológicos

Cada pessoa tem sua experiência psicológica do tempo, resultante de suas interpretações do passado, do presente e do futuro. Por ser uma experiência idiossincrática, uma suposta psicologia do envelhecimento não abrangeria tal miríade e, por esta razão, Alberto Stoppe Jr. e Mario Louzã Neto (1999) indicam a impossibilidade de se falar em uma Psicologia do Envelhecimento.

De acordo com os autores, aparentemente a personalidade não se altera com o avançar da idade e, apesar da dificuldade em se estabelecer uma ciência voltada aos aspectos psicológicos dos/as velhos/as, existem certas características gerais na

psicodinâmica (comportamentos), nas funções cognitivas e na personalidade dos/as idosos/as. Na velhice, as modificações na personalidade não estão relacionadas com a idade em si, mas sim com as perdas, principalmente de saúde e de suporte social. Estas alterações são individuais e multideterminadas, portanto de difícil avaliação e, é por este motivo que,

até o presente momento, os estudos não suportam a idéia de uma ‘personalidade do idoso’ ou de transtornos ou traços de personalidade mais característicos do envelhecimento. De forma geral, os traços de personalidade mantêm-se mais ou menos estáveis ao longo do ciclo de vida, influenciando a saúde mental, a satisfação-com-a-vida e protegendo ou favorecendo o surgimento de transtornos mentais de múltiplas maneiras, dependendo dos fatores aos quais o indivíduo é exposto (Stoppe Jr e Louzã Neto, p.52).

Na teoria do desenvolvimento psicossocial proposta por Erik Erikson (1998), são descritas oito idades no ciclo da vida humana. Estes estágios psicossociais do desenvolvimento estariam, conforme o autor, relacionados aos estágios psicosssexuais de Freud. Os estágios psicossociais “permanecem para sempre ‘vinculados’ a processos somáticos, ao mesmo tempo que permanecem dependentes dos processos psíquicos do desenvolvimento da personalidade e do poder ético do processo social” (p. 54). Em seu modelo de desenvolvimento, são descritas oito crises psicológicas pelas quais a pessoa passa, da infância até a velhice, em busca de sua identidade. As crises psicológicas configuram-se como sendo as lutas entre as tendências sintônicas³ e distônicas das pessoas. “Forças humanas ou qualidades de ego” (Erikson, 1998, p. 53) emergem destas lutas que

³ O elemento sintônico auxilia o “crescimento e a expansão, fornece objetivos, celebra o auto-respeito” (Erikson, 1998, p. 90). São as qualidades que nos auxiliam diante de situações distônicas da vida.

ocorrem nos estágios psicossociais, ordenados sequencialmente, em três períodos cruciais da vida: no período de bebê, a esperança emerge da antítese entre *confiança básica versus desconfiança básica*; na adolescência surge a fidelidade, a partir da *identidade versus confusão de identidade*; na idade adulta aflora o cuidado a partir da *generatividade versus autoabsorção*.

Na velhice, oitavo e último período apresentado por Erik Erikson, a antítese dominante é a *integridade do ego vs. desespero diante da vida*. Como afirma o autor, o traço sintônico dominante neste momento é a *integridade*, que se caracteriza como sendo um senso de *coerência e inteireza*, uma “tendência a manter as coisas unidas” (p. 58). Devido ao aspecto distônico, o desespero, manifesta-se o sentimento de que o tempo que está por vir é curto demais para que se tente iniciar uma nova vida para experimentar caminhos diferentes. Neste período, a *sabedoria* é a força psicossocial que emerge.

Em aspectos psicoterapêuticos, Erikson fala da regressão a estágios anteriores que muitos/as velhos/as podem passar. Isto acontece quando “os pacientes velhos parecem estar fazendo um luto não só pelo tempo perdido e o espaço esvaziado, mas também (...) pela autonomia enfraquecida, iniciativa perdida, intimidade ausente, generatividade negligenciada” (p. 57).

Após a morte de seu marido, Joan Erikson acrescentou à teoria do esposo o nono estágio que abrangeria as pessoas com mais de oitenta anos. Apesar de existir uma variedade no *timing* do desenvolvimento humano, “a velhice, depois dos oitenta e noventa anos, traz consigo novas exigências, reavaliações e dificuldades diárias” (Erikson, 1998, p. 89), por esta razão justifica-se a necessidade de designar um nono estágio para esclarecer os desafios. Segundo a autora, neste período do ciclo da vida o elemento distônico apresenta-se com maior proeminência e potência do que no oitavo estágio. Assim, Joan

Erikson revisa os elementos distônicos e sintônicos que os indivíduos envelhecidos precisam enfrentar, revivendo os conflitos biopsicossociais dos estágios precedentes de seu ciclo vital.

Erikson é considerado psicanalista culturalista. No entanto, sua teoria se afasta do campo da psicanálise na medida em que o autor se ocupa em descrever o fortalecimento e a estruturação do ego – na realidade, constrói com Joan Erikson, uma “psicologia do ego”.

Com relação às teorias feministas pós-estruturalistas que buscam, justamente a desconstrução das concepções binárias que marcam os estudos de feminilidades e masculinidades, os Eriksons são autores de apelo problemático, posto que se fundam em posições dicotômicas para pensar os ciclos da vida. Como são dos primeiros autores na psicologia que se dedicaram ao estudo de todo o ciclo vital, detendo-se nas reflexões sobre a vida adulta e a velhice, fato incomum na disciplina, tornaram-se autores de referência obrigatória.

Ao dar um enfoque psicanalítico ao *futuro de todos nós*, Joel Birman (1995) aponta o início de uma atenção e reconhecimento sociais atualmente conferidos à velhice. Tal postura pode resultar de uma culpabilidade pelo, até então, descaso e desprezo pela velhice mas também é uma problemática antropológica que transcende a subjetividade individual e se inscreve em processos coletivos de grande complexidade. Reconhecer simbolicamente a velhice como um lugar social e cultural, pode também ser resultado do aumento progressivo da longevidade e da mudança dos valores ligados à quebra do modelo de família nuclear moderna⁴. Ou seja, nascem menos crianças e as atenções sociais que

⁴ Mais notável nos países de primeiro mundo onde as pessoas não se casam mais como antes ou então optam por não terem filhos, diminuindo a população de pessoas jovens e favorecendo o aumento do volume, densidade e visibilidade social das pessoas velhas.

anteriormente estavam voltadas a esta parcela da população direcionam-se aos mais velhos que, em números socialmente expressivos, demandam mais políticas públicas.

O autor acrescenta que, ao adquirir um lugar social, aqueles/as considerados/as velhos/as passam também a serem reconhecidos como sujeitos psíquicos e agentes sociais.

Esta recente preocupação social com os/as velhos/as começa a reconhecer a subjetividade destes sujeitos que eram considerados como alguém que existiu apenas no passado e que já concluiu seu percurso psicossocial. Esta existência baseada na *falta*, no fechamento da dimensão de futuro gerava uma *desnarcisação* sobre a economia libidinal dos/as idosos/as.

Birman lista alguns efeitos simbólicos no psiquismo das pessoas de terceira idade, da falta de possibilidade de um projeto de futuro. O sujeito se vê diante de um *impasse* e uma *tragicidade* “na medida em que revisita o passado sem ter qualquer possibilidade de rearticular o presente e de se relançar face ao futuro” (p.40). Assim, pessoas idosas podem desenvolver formas negativas de ordenação psíquica para manejarem condições de falta e *impasse*.

Quando a velhice representa o fechamento do processo de temporalização, a *desnarcisação* do sujeito e a perda do reconhecimento simbólico, pode não existir, para o autor, demanda psíquica para a realização do processo de elaboração das perdas materializadas pela redução da força física, da beleza, do poder e da sedução, por exemplo. Quando não se vislumbra para os/as idosos/as um horizonte de futuro, há a impossibilidade de substituição simbólica das perdas pelos ganhos possíveis em outras dimensões da existência.

Apesar de estar havendo uma retomada da velhice e o reconhecimento simbólico da subjetividade dos idosos, o autor aponta que existe um paradoxo resultante da modernidade

ocidental: o/a velho/a é “um sujeito em suspensão” (p.43) pois, mesmo sendo reconhecido como sujeito, está fora do mundo das trocas simbólicas e do lugar de agente social.

A proposta de Birman, “capaz de oferecer ao idoso uma escuta marcada pelo reconhecimento simbólico, sublinhando o seu lugar de agente na transmissão simbólica dos valores e do circuito do desejo” (p.48), é realizar uma leitura *pluridimensional* do complexo de Édipo⁵. Ou seja, é considerar o Édipo como um lugar mítico em que as dimensões da dívida simbólica⁶ e da ancestralidade se articulam e, assim, as novas gerações devolveriam a “seus antepassados o reconhecimento simbólico, pela transmissão dos valores e dos desejos que lhes possibilitaram sua constituição como sujeitos⁷” (p. 48.).

Em se tratando da atenção da psicanálise dada à velhice, Edgardo Korovsky (1998) aponta a escassez de trabalhos de psicoterapia psicanalítica voltados a esta população e supõe que tal carência resulta do fato de que, para as pessoas velhas, a analisabilidade é desfavorecida pela idade porque “los ancianos acumulan demasiadas capas de material a remover” (p. 157). Persiste a crença de que os velhos só podem receber terapia de apoio, apesar de alguns autores ressaltarem o benefício de tratamentos mais longos (conferir, por exemplo, o caso clínico apresentado pelo médico psicanalista Benedito Manuel da Silva Ramos no site www.cbp-rj.org.br/revista2000gigante.htm).

Segundo Korovsky, existem patologias próprias da terceira idade (tanto nos aspectos somáticos, quanto psíquicos e vinculares) mas considerar o envelhecimento como

⁵ Segundo Jean Laplanche e Jean-Baptiste Pontalis (1971, p. 64), o complexo de Édipo refere-se “ao conjunto organizado de desejos amorosos y hostiles que el niño experimenta respecto a sus padres”, vivido no período entre os três e os cinco anos de idade, na fase fálica. Na forma chamada *positiva*, há o desejo da morte do rival de mesmo sexo e desejo sexual pela figura de sexo oposto. Na sua forma *negativa*, o amor está direcionado ao progenitor do mesmo sexo e ódio e ciúme pelo genitor do sexo oposto. Estas duas formas encontram-se, em graus diferentes, na forma chamada *completa* do complexo de Édipo.

⁶ Segundo Birman, a *dívida simbólica* é o reconhecimento pelo sujeito de tudo o que lhe foi transmitido pela ancestralidade e pela memória inconsciente.

uma doença acaba encobrindo a patologia onipotente de que, se conseguirmos curá-la, conseguiremos a juventude eterna. Porém, muitas destas patologias catalogadas são, na verdade, reações compreensíveis de quem atravessa determinados processos. Ainda mais considerando-se que é difícil se estabelecer uma distinção nítida entre a idade adulta e o começo da senectude pois, “vamos envejeciendo, y en un momento dado nos sorprendemos vejos.” (Korovsky, 1998, p.159)

É relevante marcar que muitos fatos importantes ocorrem neste momento da vida, o que afeta o estado afetivo e social do geronte, configurando-se no que o autor chama de *crise da senescência*. Alguns eventos podem ser enumerados, tais como a entrada dos filhos na vida adulta; o nascimento dos netos; a aposentadoria; a morte do cônjuge e de amigos; as modificações na imagem corporal; o papel que lhe outorgam a família e os que estão a sua volta.

Korovsky alerta que, na senectude, existe um conflito entre “lo ideal del yo⁸ y el yo por las aspiraciones y expectativas ideales⁹” (p. 159) e tal conflito passa por uma crise narcísica que implica em observar o próprio declínio, além das perdas objetais. Muitos dos sintomas atribuídos à velhice são manifestações de defesa narcísica.

O autor acrescenta que, juntamente com o envelhecimento, existe uma acomodação das funções orgânicas às novas condições decorrentes das mudanças metabólicas. Já no aspecto psíquico, de um lado se mantém a força do pulsional mas, de outro, diminui a

⁷ Complementarmente, uma leitura *unidimensional* do complexo de Édipo é aquela restrita apenas às figuras do pai, da mãe e dos filhos, regulada pelas “rivalidades incontornáveis e pelos impasses do gozo” (Birman, 1995, p. 47).

⁸ Conforme Laplanche e Pontalis (1971), o ideal de eu é o “termo utilizado por Freud em sua segunda teoria do aparato psíquico. É uma instância da personalidade que resulta da convergência do narcisismo (idealização do eu) e das identificações com os pais, seus substitutos, e os ideais coletivos. Como uma instância diferenciada, o ideal do eu constitui um modelo ao qual o sujeito tenta se ajustar”(tradução minha).

capacidade de controlá-lo, assim como também se reduz a capacidade de adaptação aos acontecimentos do mundo exterior. Muitas vezes surge a somatização como forma de controle (e de expressão) de afetos transbordantes, como o medo, a agressividade ou sentimentos de perda.

Korovsky lista alguns sintomas comuns nos/as idosos/as, cujos significados inconscientes possibilitam uma compreensão mais profunda da pessoa velha: a redução da capacidade física estaria ligada à inatividade que, por sua vez, poderia resultar da depressão; com a imobilidade, a osteoporose se aceleraria, ocasionando a falta de sustentação no/a idoso/a; as articulações rígidas poderiam resultar das dificuldades de adaptação às mudanças conjunturais da vida e as artroses, dores e curvaturas exageradas na coluna, marcariam a ação dobrada do peso dos ideais; a hipertensão representaria a raiva e a humilhação reprimidas, mantendo o narcisismo a salvo já que a calcificação dos ateromas manteria a postura erguida do/a idoso/a; a perda de memória às vezes apareceria como manifestação de depressão; a reiteração de evocações poderia ter uma intenção de reafirmação narcisista, resgatando experiências positivas que serviriam de ponte temporal com as novas gerações.

⁹ Laplanche e Pontalis (1971) descrevem o eu ideal como sendo uma formação intrapsíquica que alguns autores, diferenciando-a do ideal do eu, definem como um ideal de onipotência narcisista construído sobre o modelo de narcisismo infantil.

A velhice é um momento da vida permeado por dilemas e expectativas diversos. Nas falas de alguns/mas entrevistados/as, ora ela aparece como “uma coisa”, suscitando um estranhamento e tentativas de afastamento, ora surge como um momento natural da vida pelo qual todos, ou pelo menos a maioria, um dia passará. Além de trazer junto consigo ambivalências, a velhice carrega também questionamentos. Um deles refere-se a qual papel a ser desempenhado neste momento da vida pois, como lembra Renato Guimarães (1999, p.96), “ninguém se prepara para ser criança mas todos concordam que a criança deve brincar, o jovem estudar e o adulto trabalhar. Qual o papel a ser desempenhado na velhice?”

Julieta Sathler e Ligia Py (1994, p.15) comentam que, a “gradual fragilização do idoso permeia sua aproximação fantasiosa relativa à morte” mas, elas mesmas questionam: “de que morte falamos? Morte perda da vida ou da morte-perda-de-possibilidades, ao longo da vida?”.

O lado psi do/as entrevistados/as

“Eu tive uma depressão sem-vergonha...”
(Dona Clara, 67 anos)

Em sua entrevista, Dona Clara fala de suas impossibilidades e impotência, apresentando a velhice como um momento de morte de possibilidades. Apesar de sua insatisfação com o casamento e o fim de seu amor pelo marido não serem recentes, segundo

seu relato, se ela fosse mais jovem sairia para dançar, arranjaria amigas e, talvez, um outro companheiro:

"Dona Clara - quando eu vejo acaba tudo! Quando eu tô querendo caminhar vem aquela assim, aquela avalanche e mata meu espírito, mata minha vontade, mata... me dá um..."

Entrevistadora - E essa avalanche vem dele?

Dona Clara - Dele! Sempre dele! Tudo dele! Tudo dele! Então as vezes eu penso assim "ah meu Deus, se eu fosse linda e elegante..."

Para Dona Clara o desamor em seu casamento é semelhante a uma morte:

"Dona Clara- Eu queria assim, nunca mais enxergar ele na minha frente. É sério isso. Isso tira a vida da gente, porque não tem liberdade, não tem..."

Paradoxalmente, a entrevistada declara que se sente muito só, pois o marido trabalha fora o dia inteiro e chega em casa apenas à noite.

Outra característica marcante nas falas de Dona Clara são os indícios persecutórios nos quais seu marido é detentor de poderes sobrenaturais e maléficos, de pacto com o diabo. Segundo a entrevistada, todo o seu dissabor pela vida resulta de comportamentos do marido em relação a ela:

"Dona Clara - minhas amizades ele corta, ele vai lá na... ele vai lá na ponta assim, e ai ele tem uma habilidade assim diabólica que ele assim, desmancha tudo Patrícia, tudo o que eu fiz de bom, ou que que quis fazer de bom. O que eu tento viver ali né, ele corta."

Em seu trabalho intitulado *Das unheimliche*, Freud (1969 [1925], p.275-6) fala sobre o tema do "estranho", aquilo que "relaciona-se indubitavelmente com o que é assustador - com o que provoca medo e horror". Freud salienta que todos os temas de *estranheza* relacionam-se com o fenômeno do *duplo*. Ou seja, o sujeito identifica-se com a outra pessoa, ficando em dúvida sobre quem é seu eu (*self*), ou até mesmo substitui seu

próprio eu (*self*) por um estranho. “Em outras palavras, há uma divisão e intercâmbio do eu (*self*). E, finalmente, há o retorno constante da mesma coisa” (p.293). Segundo o autor, a qualidade de estranheza só pode advir do fato de o *duplo* ter tornado-se um objeto de terror apesar de ser uma criação de um estágio mental anterior, onde tinha um aspecto mais amistoso. Nestas coisas assustadoras deve haver algo reprimido que *retorna*, algo que deveria ter ficado escondido mas veio à tona. O que está em nós recalcado, reprimido, inconsciente, é atribuído a outra(s) pessoa(s), configurando-se assim, como sendo algo horrível, assombroso, *estranho*. Precisei me valer deste escrito de Freud, para poder refletir sobre estas falas de minha entrevistada:

“Dona Clara - Ele é assim uma pessoa muito má, ele é dominador, ele é... tem pensamento muito ruim. Sempre digo, tem um... tem uma coisa com ele. Tem alguma coisa do mal com ele (...)Ai eu fui em diversas pessoas, na Renovação mesmo, e tinha um pastor em Lages muito bom, ele era evangélico mas tinha uma farmácia e ele era superdotado assim né, ai ele disse que não adiantava que ele era tão ruim que ...

Entrevistadora - Superdotado, como uma visão assim? Sensitivo?

Dona Clara - Isso. Tipo profeta né. Ai ele disse que o Clóvis tem um, assim uma coisa muito ruim com ele. Se ele ganha R\$100, 50 é dele e 50 é do outro.

Entrevistadora - Do outro?...

Dona Clara - Do inimigo, satanás. É muito difícil viver com ele, muito difícil e não há quem viva no domínio dele que se defenda dele, que se livre dele sabe?”

Michel Foucault (1994) alerta, em sua obra, para os discursos que promovem a medicalização do social. Em algumas entrevistas, a saúde física, ou a falta dela, teve destaque nas falas. Stoppe Jr. e Louzã Neto (1997) salientam que a hipocondria se caracteriza por respostas mal-adaptadas às modificações relacionadas ao envelhecimento. Os autores pontuam que pode existir um benefício secundário com o ‘uso’ da doença como

por exemplo, diminuir as responsabilidades ou manter a auto-estima, explicando suas limitações a si mesmo e aos outros. Ao explicar porque não participa das atividades promovidas pelo EMAUS, ou porque não faz roupas infantis para doação Dona, Alice se justifica dizendo que não tem mais saúde para isso. Questão bastante inflamada entre ela e o marido.

Dona Beatriz afirma que não *se entrega* para a doença, apesar de desejar muito que o marido e os filhos participem de seu tratamento médico. A falta de interesse deles nesta questão é motivo para que ela fique bastante abalada e deprimida, sendo necessária a utilização de um antidepressivo receitado pelo médico. Sua fala traz a contradição de quem deseja ser cuidada, mas não pede e nem deixa que saibam o quanto ela precisa de atenção:

"Dona Beatriz - Eu queria que eles se preocupassem mais assim, com a minha doença, levasse mais a sério. Porque eu acho assim, sabe, que eles não levam tanto a sério porque eu não me entrego, entendes. Eu saio, eu passeio, eu vou a excursão..."

Dona Fátima e Dona Beatriz vêem a depressão como uma queda e, para a última, sua força interior e os tratamentos médicos não as deixam sucumbir:

"Dona Beatriz- Eu tenho uma força tamanha, assim superior que, na mesma hora que eu to sentida, que eu to chorando, que eu to caindo, que eu vendo que eu vou caindo em depressão, eu já me levanto, entendes.

Entrevistadora - Sozinha....

Dona Beatriz - Sozinha, sem ajuda de ninguém, simplesmente com o tratamento que eu to fazendo com o médico, e agora eu parei de tomar tudo, a única coisa que eu posso tomar é Anador quando me dá crise."

"Dona Fátima - E precisei de psicóloga mas eu sou muito forte espiritualmente, eu achava que eu nunca iria cair e quando eles estavam numas fases muito terríveis um dia eu cai, parece que uma pessoa me deu um empurrão muito forte e eu cai. Não foi rápido, é que aquilo foi me abalando, me abalando até que um dia eu cai."

Dona Clara apresenta aspectos depressivos em algumas falas, como por exemplo:

"Dona Clara - Então, eu não tenho mais assim muita perspectiva de vida. Assim bem... tô assim, fazendo por fazer, comer por comer, não rio mais, não tenho mais prazer."

As discordâncias entre Dona Clara e seu marido muitas vezes resultam na ida dela para o hospital por causa da pressão alta:

"Dona Clara - Até 15 dias atrás, eu ainda fui pro hospital. Sempre eu to indo pro hospital, Patrícia (...) eu fico mal quando ele briga muito comigo. Ai agora eu não resisto mais sabe. Agora a minha pressão sobe, sobe. Vai a 22."

Sexualidade

"E sobre a parte de sexo... É uma consumição..."
(Dona Alice, 65 anos)

De acordo com Flávia Motta (1998), um estereótipo relativo principalmente a velhice feminina, é de que "a mulher, ao entrar na velhice, deixa de ser mulher para ser 'velha' (termo neutro). Em geral, não nos referimos a uma mulher idosa genericamente como uma mulher, mas sim como uma velha" (p. 25). Para a autora, existe uma norma que confere às mulheres na velhice uma vida que esteja voltada ao âmbito da família, das atividades domésticas ou religiosas e/ou filantrópicas.

Ao analisar o conceito de *feminilidade* em seu trabalho, Flávia Motta verifica que suas informantes não são assexuadas e, para estas mulheres *faceiras*,

a relação homem/mulher, o sexo e o corpo feminino: estes sim são assuntos que, freqüentes em suas conversas, são sublinhados como demarcadores de uma diferença, de algo que as torna parte de uma categoria de pessoas e não de outra – de uma representação de si enquanto feminina e sexuada. (Motta, 1998, p. 85-86)

Observando ainda a questão da sexualidade, a autora fala sobre a jocosidade envolvida com este tema: as piadas sobre sexo acabam por colocá-lo na categoria do lúdico. “A relação homem/mulher é coisa séria – mas também tem algo de divertido” (p. 103).

Arhon Hutz (1986) aponta a crença de que na menopausa a mulher estaria livre das *obrigações sexuais*, devido ao fim da sua vida reprodutiva, numa clara associação entre sexo e procriação. Na verdade, muitas mulheres na menopausa vivenciam experiências de maior prazer sexual por não precisarem se preocupar com a contracepção e, assim, poderem manter relações sexuais única e exclusivamente pelo prazer proveniente desta atividade.

Entretanto, Guidi e Pinto (1999, p. 11) afirmam que a afetividade dos idosos por elas pesquisados “parece estar baseada em fatores outros que não a vivência da sexualidade”. Contrariamente, em minha pesquisa sexo e sexualidade surgiram espontaneamente nas falas de alguns/mas entrevistados/as, explicitando a importância deste aspecto da relação conjugal. Ao perceber que o gravador estava desligado, Dona Beatriz confidencia que, há algum tempo atrás, fez uma greve de sexo. Quando eu pergunto como está a relação dos dois atualmente ela me responde que “ele tá assim, aceso, toda vida”:

“Dona Beatriz - Não, hoje a hora que eu... Cruze, é só eu chegar perto dele, depois que ele fez a cirurgia mermo ele renovou. Depois também , eu tive uma época também que eu tomei hormônio né . Fiz um tratamento de hormônio, era um hormônio que era um nojo, né , era bom pra saúde da gente né , porque isso é uma coisa que é natural da mulher e do homem, né . E ai ele ficava... via que eu tava né , acesa, ele ficava que ficava, nunca... Minha

filha, hoje a mãe tá bem! Eu porque as vezes tiro o corpo fora, né . "

Dona Beatriz fala sobre sua vida de casada, de *relação*, afirmando que o marido está "aceso toda vida":

"Dona Beatriz: E é assim mermo, nossa vida de casado, de relação, a gente tá legal. Tá legal mermo. Só porque assim, às vezes eu acho que, eu digo: 'rapaz nós tamo tão velho!' Ele diz: 'que velho nada! Isso ai tem idade? Isso ai tem hora?' Tu vê que ele tá assim aceso toda a vida.
Entrevistadora - E a senhora acha que tem idade?
Dona Beatriz - Acho que não. "

Ao falar sobre este assunto, Dona Alice identifica o marido como sendo um homem "fogos" e descreve como a atividade sexual para era penosa pois, por causa da diabete, seu interesse diminuiu. O sexo era visto como uma *consumição* porque Seu Augusto manifesta desejo diariamente, gostava de "dar um cheirinho no cangote todo dia", como ele mesmo declarou:

"Dona Alice - E sobre a parte de sexo... É uma consumição...
Entrevistadora - Como assim, consumoção?
Dona Alice - Qué todo dia, qué todo dia. É uma tentação(...)"

A entrevistada fala do desconforto que sente durante o ato sexual e sobre o alívio após a consumação deste. A dor e sensibilidade que sente nas pernas por causa das varizes transforma o momento do prazer em um suplício:

"Dona Alice - Então tem dia que... ele tem as perna muito grossa, ele é forte né, tem as perna muito grossa, às vezes roça ali, aí eu quase morro! Daí eu fico naquele nervoso...
Entrevistadora - Daí a senhora não relaxa...
Dona Alice - Não relaxo...
Entrevistadora - Não consegue nem aproveitar...
Dona Alice - Não consigo, nem proveito mais."

Segundo o relato de Dona Alice, relações sexuais dolorosas já vêm de longa data:

"Entrevistadora - E vocês casaram na igreja?"

Dona Alice - Casamos! Eu fui de véu e tudo. Ele foi o primeiro homem que tocou em mim. Nunca tive relação com homem nenhum. Ele foi o primeiro. Três dia pra ele me tirar a virgindade. Quase morri! (gargalha) Uma dor, uma dor que eu senti!"

Dona Clara relata a impossibilidade de sentir prazer sexual com seu marido e declara que a última relação sexual que teve com ele há mais de três anos foi horrível. A entrevistada reclama que o marido nunca a deixou conhecer o prazer porque sempre fez sexo "rapidinho" e de forma "tradicional". Atualmente, aliado a estas condições, ele está com uma disfunção erétil na qual seu pênis fica todo enrolado. Depois do episódio relatado, Dona Clara não quis mais "ser mulher dele", sendo agredida fisicamente pelo marido¹⁰ por causa desta decisão:

"Dona Clara - A última relação eu pensei que eu ia morrer e que ele também morresse. Foi uma coisa desagradabilíssima, sofrido, penoso, muito desagradavel, ai daquele dia eu não durmo mais com ele Patricia. Eu durmo na sala, vendo televisão, tem um bicama, eu abro o bicama, eu fico ali quietinha..."

A entrevistada conta que, para evitá-lo, ela se rebelou e não se arruma mais, ficando sem pentear os cabelos ou até mesmo sem tomar banho:

"Dona Clara - Então eu mantive assim uma rebeldia Patricia, de nem às vezes tomar banho. Nem pentear meu cabelo quando ele chegava. Pra mim ficar assim, sabe como é que é? O contrário que uma mulherzinha tem que fazer quando for esperar o marido dentro de casa. Me escondo, faço café, deixo tudo arrumadinho na mesa, subo, fico lá em cima, até na chave, fechada."

Contrariamente, Dona Graça comenta que sempre deu o que o marido quis: carinho, andou bem arrumada e limpa, evitando assim que ele tivesse uma "amiga" (amante).

Dona Alice compara o marido a uma *bucica* (cadela) no cio. Diz que faz sexo para evitar que ele busque tal satisfação com outra mulher. Mesmo indisposta e sem vontade, mantém relações com o marido para que ele não fique *reimento* (reclamando):

"Dona Alice -- A gente às vezes não tá disposta, tá enjoada, tá cansada né... Ai eu sei que então, sobre essa parte que é meio complicado pra mim.

Entrevistadora - Como é que vocês resolvem isso assim? Claro, faz pra satisfazer ele e ai, como é que a senhora fica assim?

Dona Alice - Ah, a gente fica chateada né, aborrecida. Depois fica aliviada, porque ele se satisfaz né, fica aliviada.

Entrevistada - Todo dia?

Dona Alice - Não, agora! Essa vez foi três vezes na semana já. Então ele saiu ficou doido da vida porque ontem eu não deixei (risos). Ai ficou doido, é assim, fica reimento. Ai, depois quando, ganha fica que é o..."

Referindo-se ao prazer da mulher idosa, Dona Clara diz que nunca teve coragem de buscar o seu prazer (não só o de cunho sexual) por causa dos filhos. Refere-se ao que Maria Lúcia Rocha-Coutinho (1994) chama de *sacralização da função de mãe*, ou seja, a naturalização da subordinação da mãe às necessidades da casa, dos filhos e do esposo, implica o desprezo do próprio desejo frente ao desejo dos outros, "implica a aceitação da invisibilidade pessoal ao preço da sacralização da função" (p.39).

"Dona Clara - Eu sempre digo Patrícia, eu não tive coragem suficiente. Não, eu não tive. Pelos meus filhos, Patrícia, eu tranquei isso. Pelos meus filhos eu fiquei. Eu não quis brigar com os meus filhos até eles entender... Porque filhos, pelo o que eu percebo, eles acham que mãe não pode ter prazeres. A mãe tem que ser a mãe. É um ídolo deles que ninguém pode tocar. Então eu preferi viver assim, mas se não tinha quebrado tudo no mundo e ido atrás. Por isso quando eu vejo umas assim, até pode ser mulher de televisão por ai que a gente vê né, alguma notícia, eu louvo a ela por ela ter aquela coragem. Porque ela quebrou com

¹⁰ Parte significativa da produção dos estudos feministas e de gênero, não só brasileira, está voltada para a questão da violência contra a mulher. Produção teórica e luta militante dos movimentos feministas que resultaram na criação, no Brasil, das chamadas Delegacias de Proteção à Mulher.

todos os tabus e foi em frente e pensou um pouquinho nela. E eu não... eu não quis fazer isso.”

As falas de alguns/mas entrevistados/as apresentam a sexualidade com um aspecto muito relevante em seus relacionamentos. Assim, o sexo apareceu com uma conotação de tentação, algo gostoso, bom para a saúde, que “acende” a pessoa.

Por outro lado, em alguns momentos, o sexo relatado como sendo uma atividade penosa e sofrida para algumas das entrevistadas. Também ficou claramente associado a uma forma de poder mulher sobre o marido, de manipulação da relação conjugal. Negar a consumação da atividade sexual apareceu como um meio de castigar o marido ou obrigá-lo a comportar-se conforme as expectativas da esposa. Ao mesmo tempo, enfeitar-se, tornar-se cheirosa e cativante para o marido seria a maneira feminina de agir, conforme algumas entrevistadas, no sentido de impedir que os homens buscassem ou desejassem outras mulheres.

Participação em grupos para a terceira idade

Além dos estudos mostrando a atual representação da velhice em termos de contínuo processo de perdas, Debert (1996) lembra que os grupos de convivência de idosos e as universidades para a terceira idade vêm surgindo como espaços para o compartilhamento das experiências bem sucedidas da velhice.

Britto da Motta (1998b) enfatiza que os/as velhos/as estão por toda parte, organizados ou organizando-se em grupos de lazer e atividades culturais e, muito recentemente, grupos de intenção auto-afirmativa, como os *clubes da melhor idade*. A autora lembra que os idosos estão cada vez mais visíveis e atuantes, participando de movimentos importantes e políticos, como é o caso do movimento dos aposentados.

Nessa perspectiva de adoção e de atuação em novos papéis, encontra-se a maioria dos/as idosos/as que participam de grupos de terceira idade, que buscam reformular os conceitos negativos sobre a velhice, passando este momento da vida a ser percebido como menos angustiante e com mais possibilidades de satisfação.

Segundo Simoni Guedes (1994),

não se trata de negar o processo biológico do envelhecimento progressivo da cada ser, mas de chamar a atenção para o fato de que este processo, sem dúvida universal, pode ser vivido de muitas e diferentes maneiras (p. 8).

Para este predomínio de mulheres em grupos de terceira idade Britto da Motta (1997) destaca razões mais do que demográficas. Os motivos estão culturalmente ligados ao momento histórico na trajetória social dos gêneros. Assim, como pontua a autora, as mulheres estão menos resignadas à velhice e “estão vivendo um tempo de maior liberação, que as anima a pensar, afinal, um pouco em si” (p.136).

Dona Graça relata que encontrou outras formas de se realizar e ser feliz na terceira idade, devido a sua participação nos grupos oferecidos pelo NETI/UFSC. Foi através do Grupo de Avós que pôde ter uma visão mais ampla de sua função de avó, convivendo melhor com seus netos.

Por romper com a trajetória de submissão a casa e à família, distanciando temporariamente a mulher da vida doméstica, Benedita Cabral (1997) sugere que o grupo também representa a conquista de um lugar de satisfação pessoal. Ao participarem de grupos para a terceira idade, muitas mulheres “discorrem com facilidade sobre suas experiências, ideais e dificuldades, demonstrando segurança naquilo que fazem e pensam” (p.161).

Anthony Giddens (1993) lembra que, durante o período vitoriano, as mulheres estabeleciam contato umas com as outras em uma condição de igualdade social e pessoal, sendo essas amizades responsáveis por ajudar a suavizar os desapontamentos do casamento, mostrando-se também, por si sós, compensadoras.

Trilhando o caminho que aborda a questão da socialização a qual, possivelmente facilita o enfrentamento do envelhecimento, Janice Vitola (1998) indica que as mulheres idosas parecem ser mais receptivas aos contatos sociais e a estabelecer novas relações, ampliando seus relacionamentos que transcendem a família, enriquecendo e oportunizando formas diferentes de viver. As amizades são relações com maior probabilidade de reciprocidade, principalmente na velhice, quando é tão importante compartilhar vivências semelhantes e encontrar eco para suas experiências.

Ao falar sobre sua participação nos grupos do NETI/UFSC, Dona Graça manifesta a importância dos mesmos em sua vida, inclusive para a formação de novos vínculos, novas amizades:

“Entrevistadora - Eu fiquei pensando assim, a senhora lembra como era sua vida antes de participar desses grupos? Mudou alguma coisa? Como é que é?
Dona Graça - Ah, mudou muita coisa. Eu fiz muitas amizades, minhas amizades todas que eu fiz foi no NETI. Assim, a gente combinava e ia: ‘Oh, vamos em

tal lugar. E ia aquele grupinho, até hoje ainda tem o grupo.

Entrevistadora - E a senhora começou a participar lá, a senhora lembra quando foi?

Dona Graça - Foi em 95. Acho que foi em 95 que eu fui pro grupo de Gerontologia, né? Depois eu fiz o das avós, né? Mas eu não me desgrudei de lá, estou sempre lá. Sempre, sempre, sempre eu estou.

Entrevistadora - Então assim, essa oportunidade que o NETI esta oferecendo...

Dona Graça - É ótima, eu já coloquei lá muitas amigas minhas que hoje me agradecem, que estavam sem fazer nada em casa, eu disse:

'-Porque tu não vais pro NETI?'

'-Ah, então põe o meu nome lá. Botei o nome, foram chamadas. Elas chegaram assim, quando tem reunião elas chegam a me chamar e agradecer publicamente pelo que eu fiz pra elas. Isso já é uma coisa que a gente se sente bem, né?"

Comparando grupos religiosos com grupos de terceira idade, Seu Beto pontua que estes últimos são lugares para se arrumar amigos/as:

"Seu Beto - Eu também participava muito em grupo de igreja, né. Era a pastoral familiar, movimento de irmão. Daí eu achei que a igreja não era o meu lugar. Eu sou católico mas igreja pra mim...A igreja é pra ir lá ver a missa e ir embora. Se tu te envolver, sempre tem um que quer ser mais do que o outro. No grupo não, no grupo a gente arruma amizade. Eu também era do grupo de velho com ela só que eu não ia, só viajava né (...)Nós fizemos mais amizade, todo ano nós fizemos aqui caldo de peixe pro grupo da universidade, pros idosos ali do Saco dos Limões, lá pro SESC. Lá na hidroginástica, tem 20 pessoas, só que homem só tem 5, lá só tem mulher também, a gente chega lá conversa, bate papo. Pelo menos tá conhecendo gente."

Na pesquisa sobre a participação de homens em grupos para a terceira idade, Kátia Ploner (1997) pôde observar que eles definiram estes grupos "como pertencendo e sendo indicados para as mulheres. Logo, os homens que se dirigem para estes espaços estariam procurando pelo estereótipo que o feminino representa: relacionamento amoroso ou cuidado" (p. 124).

Seu Donato justifica a sua não participação em grupos para a terceira idade por estes estarem, freqüentemente, voltados apenas para as mulheres. O entrevistado afirma que se, na Associação do bairro onde moram houvesse grupos para homens, *talvez* ele participasse destes.

Seu Beto fala sobre a grande quantidade de mulheres nestes grupos, principalmente viúvas. Segundo o entrevistado, o grupo é uma distração para essas mulheres que, até então, viveram confinadas em função do marido e dos filhos:

"Seu Beto - Grupo de idoso geralmente é só viúva. Então, eu acho assim viveram 40, 50, 30 ano em função só do marido e dos filhos. Antigamente não era como agora, agora tão tão independete, não deu certo... Antigamente não. Casou tinha que... Elas viviam naquele tempo tipo que confinada né. Quando viuvavam aí se soltavam, dançavam, dançavam, dançavam (...)

Entrevistadora - Então o fato de ter muita viúva nos grupos isso é... o que que o senhor acha assim?

Seu Beto - Acho que é bom porque elas se distraem."

Ao discorrer sobre a viuvez como uma liberação, Peixoto (1997) afirma que a mulher, "liberada do cuidado dos filhos, está ávida para exercer outras atividades e estabelecer novos contatos fora de casa. O marido representa, assim, um freio na realização desses desejos e sua morte o símbolo da liberação da tutela masculina" (p. 157).

Ao ser questionado sobre qual o motivo que leva os homens a não participarem de grupos para a terceira idade Seu Beto responde que ele gostaria de participar de grupos para homens idosos. Quando eu lhe digo que na maioria dos grupos os homens podem participar ele responde:

" Entrevistadora - O senhor disse que acha que deveria ter grupo pra idoso né, mas nesses grupos pode ter homem também..."

Seu Beto - Não, geralmente é... Não sei, o homem é mais acanhado né. A mulher é mais expansiva. Lá no SESC também tem de casais. Foi o que eu fui com ela. Só tinha casais, não tinha viúva. Só tinha casais. Esse aí era uma boa, só que era isso aí né.

Entrevistadora - Mas o senhor participar de um grupo sozinho sem a Dona Beatriz o senhor nunca foi?

Seu Beto - Não, não fui porque não achei ainda. Não achei. Já tentei lá no...não vai, não sei."

Ploner salienta que muitos homens se recusam a ir em lugares que eles consideram próprios de mulheres¹¹, que estão relacionados a atividades femininas ou de lazer; que não estão ligados ao trabalho:

as coisas de homem têm mais valor do que as de mulheres. Neste sentido, fazer atividades ditas masculinas irá trazer mais reconhecimento social e satisfação pessoal do que ir para um lugar de menor *status* social (tanto por ser de mulheres, quanto por ser de velhos/as)." (p. 127)

Neste sentido, Seu Augusto desvaloriza as atividades realizadas por Dona Graça pois ele as considera sem validade. Segundo o entrevistado, as mulheres que participam dos grupos que Dona Alice freqüentam, deveriam trabalhar, fazendo roupas de bebê para doação, por exemplo. Ao falar sobre suas atividades, Seu Augusto as reconhece como extremamente importantes pois elas estão muito próximas de atividades profissionais, de um "trabalho de verdade".

Dona Clara comenta que a felicidade que sentiu quando participou do Grupo de Amigos fez com seu marido achasse que ela tinha encontrado um amante.

¹¹ Não podemos descartar também certos componentes homofóbicos nas preocupações dos sujeitos, já que muitas vezes o masculino se define como o diferente do feminino e frequentar lugares próprios de mulheres poderia misturá-los ou confundí-los com elas.

Dona Dora declara que não participa de nenhum grupo para não deixar Seu Donato sozinho. Ela participa apenas de um grupo para diabéticos na Associação do bairro onde moram. Este grupo é voltado para a comunidade em geral, não apenas às pessoas idosas.

A pergunta inicial de pesquisa, buscando articular as transformações nas relações de conjugalidade à participação das mulheres, ou dos casais, em grupos de terceira idade, acabou diluindo sua importância no decorrer do trabalho de campo. Em função da análise das falas dos sujeitos nas entrevistas, foram se impondo com mais força outras temáticas, como a vivência da velhice e os aspectos psicológicos a ela ligados, as relações conjugais na velhice e as relações familiares e geracionais.

CAPÍTULO 2

Sobre as relações de gênero

*“Eu aqui dentro de casa sou o pé de boi:
eu lavo louça, eu passo roupa, eu lavo, eu faço comida...”*

(Seu Augusto, 62 anos)

Gênero

Muito se têm utilizado a expressão *gênero* no decorrer da vida cotidiana. Mas qual tem sido, efetivamente, a contribuição desta categoria para as vivências e relações da atualidade? Mais importante ainda, o que é gênero?

Dentre os/as teóricos/as, Joan Scott (1990) é uma autora muito citada em estudos de gênero. Scott faz uma incursão histórica e contextualizada para a definição desta categoria, afirmando que a utilização da palavra gênero inicialmente deu-se com a intenção de se “insistir sobre o caráter fundamentalmente social das distinções fundadas sobre o sexo”, numa clara “rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’ ”(Scott, 1990, p.5). Assim, esse conceito implicava numa noção relacional no vocabulário de análise, onde as mulheres e homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de um deles poderia ser alcançada por um estudo que os considerasse em separado. Isso significa que o estudo de um implicava o estudo do outro.

O conceito de gênero começa também a ser utilizado para designar as relações sociais entre os sexos; as “construções sociais – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”(Scott, 1990, p. 7). Refere-se assim, “às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (p.7).

Para a autora, gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos sendo o gênero um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (p. 14). Em entrevista a Grossi, Heilborn, e Rial (1998), Scott declara que gênero, além referir-se ao já citado “discurso das diferenças sexuais (...), não se refere apenas às idéias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas cotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais”(p. 115). Neste sentido, “o mais importante é insistir sobre a historicidade das relações homens/mulheres, as idéias e os conceitos da diferença sexual.” (p. 124)

Nogueira (2001) colabora com a perspectiva histórica e social de Scott, ao utilizar as idéias de Hare-Mustin & Marecek, afirmando que o gênero funciona como uma *peça de imaginação* que constrói adultos, homens e mulheres desde a infância, formando os “arranjos sociais que sustentam as diferenças nas consciências de homens e mulheres, tais como a divisão das esferas da vida (privado/público) e a criação de significado, isto é, criar as estruturas linguísticas que modelam e disciplinam a nossa imaginação” (p. 124).

Maria Juracy Siqueira (2002), sintetiza a definição de gênero e o define como “uma categoria descritiva e analítica que trata da construção social da diferença entre os sexo” (p. 15), onde as relações são assimétricas, *atravessadas por tramas de poder*. Falar que as relações de gênero são assimétricas significa reconhecer as diferenciações social e

historicamente atribuídas a homens e mulheres. Assim, utilizar a categoria gênero é uma tentativa de se romper com o essencialismo que naturaliza a condição de masculinidade/feminilidade. É reconhecer que o masculino e o feminino não estão aderidos apenas à anatomia. As práticas ordenadas a partir da constituição dos sujeitos/subjetividades enquanto homens ou mulheres variam de acordo com os grupos culturais e com o tempo histórico. A autora salienta que, apesar desta variabilidade social e histórica, na maioria das vezes as relações estabelecidas são hierárquicas e desiguais, tendo o masculino como ponto de referência dominante. Como o masculino e o feminino não são sinônimos de homem e de mulher ou de macho e fêmea, Siqueira acrescenta que estas relações de poder não estão *coladas* ao sexo biológico, sendo assim, os homens não necessariamente detêm o poder e subjagam as mulheres. //

Jane Flax (1992, p. 228) destaca o gênero como sendo relacional, “tanto como categoria analítica como processo social”, pontuando a complexidade e instabilidade dos processos ligados às relações de gênero. Tais relações são “divisões e atribuições diferenciadas e (por enquanto) assimétricas de traços e capacidades humanos”(p.228). É através das relações de gênero que “dois tipos de pessoas são criados: homem e mulher”, como “dois termos opostos ou dois tipos distintos de seres” (p. 236), oposição esta que excluiria a relacionalidade implicada no conceito.

Segundo Mara Lago (1996b) o conceito de gênero também deve ser entendido como relacional, pressupondo o masculino e o feminino que se constituem culturalmente nas relações de oposição, que não precisam ser antagônicas, entre homens e mulheres. É no cotidiano, nas situações que envolvem conflitos, que a construção da masculinidade e da feminilidade se estabelece.

Para Robert Stoller (1993, p. 28), todos os indivíduos possuem uma mescla de masculinidade e de feminilidade, o que significa que “tanto a masculinidade como a feminilidade são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e graus diferentes.” Como ele aponta, masculino combina com a *qualidade* de ser homem e feminino com a *qualidade* de ser mulher mas, “sexo e gênero não estão, necessariamente, de maneira direta relacionados” (p.28). Assim, “masculinidade ou feminilidade é definida, aqui, como qualquer qualidade que é sentida por quem a possui, como masculina ou feminina (...) é uma convicção...”(p.28).

Walkíria Grant (1998, p. 249), pontua que a diferença dos sexos está além da materialidade do corpo. Segundo a autora, o que responde o ‘que é um homem’ e o ‘que é uma mulher’ não é a presença ou ausência do pênis. Sobre a genitália externa de um sujeito se dará uma leitura feita pela família, em certas condições sociais. Dessa forma, o “órgão sexual externo de um sujeito deverá ser interpretado pelo significante, num circuito de desejo que necessariamente percorrerá o sujeito e a família” (p. 250). -

Refletindo sobre a categoria de identidade, fundamental para os estudos sobre gênero, Lago (1996b) enfatiza as contribuições da psicanálise ao alertar que é através das relações contrastivas e de identificação com os outros que a identidade do sujeito vai se constituindo como uma *representação consciente do eu*:

/ a ficção através da qual o sujeito se representa como um ego, procurando dar coerência e unidade a esta representação, constitui-se, de acordo com a psicanálise, como identidade de gênero (p. 171).

Assim, a masculinidade e a feminilidade são representações que vão sendo constituídas e estabelecidas *nas e pelas* relações entre homens e mulheres. Em outro

trabalho esta autora (Lago, 1999) aponta que a identidade é uma construção imaginária, “como a representação consciente do eu” construída “nas relações contrastivas e de identificação aos outros” (p. 123). Tanto a identidade étnica, de gênero ou de classe passam por “este processo de construção imaginária em permanente dinâmica de significação...” (Lago, 2000, p. 6).

Miriam Grossi (1998) também postula que o *gênero é mutável* e que “está sendo todo o tempo ressignificado pelas interações concretas entre indivíduos do sexo masculino e feminino” (p.7).

Gênero e velhice

Muitos/as autores/as têm discutido a velhice como uma questão de gênero. Frederico Barreto (1999) salienta as preocupações referentes ao envelhecimento no terceiro mundo, pontuando a questão de gênero como sendo uma delas. Para o autor, “a questão do gênero é intrigantemente relacionada ao alcance de idades avançadas: as mulheres têm expectativas de vida bem superiores às dos homens em todas as sociedades” (p. 58).

Seu Beto comenta sobre esta diferença na expectativa de vida entre homens e mulheres. Conforme ele afirma, a mulher *dura mais*:

“Entrevistadora - O senhor diz as pessoas, tem muito mais gente esbarrando um no outro?
Seu Beto - Ah, tem. Agora toca 10 mulher pra cada homem. Pode olhar, tem... O homem morre primeiro que a mulher.

Entrevistadora - Porque que o senhor acha que... realmente, tá comprovado, o homem morre antes. Porque?

Seu Beto - Mulher dura mais. Não sei. Até hoje, nem a ciência não sabe. Às vezes eu procuro saber. Aqui no Ribeirão, não sei, parece que tem 60 viúva e 10 viúvo. Tinha, de certo agora tem mais. É difícil de ver morrer uma senhora. Antigamente, uma mulher não morria do coração. Morrer do coração todo mundo morre, ele pára - mas da doença do coração... Hoje em dia... quando eu tava internado, o que mais tinha lá era mulher.

Entrevistadora - Por causa do coração?

Seu Beto - Colocando válvula, operando. A mulher fuma muito, a mulher fuma mais do que o homem. O culpado de tudo isso aí é o cigarro."

A diferença na expectativa de vida (as mulheres vivem, em média, cinco anos a mais do que os homens), é um fenômeno que estimula muitos pesquisadores. Conforme Renato Guimarães (1999), "nesse caso, o masculino é verdadeiramente o sexo frágil" (p. 99), e a argumentação de que os homens estão em menor número pois estão mais expostos ao trabalho não fundamenta esta diferença porque "em países onde a mulher trabalha tanto quanto o homem, Cuba por exemplo, a diferença persiste."(p.99)

Pensar a velhice como uma questão de gênero (a diferença na vivência do envelhecimento para homens e para mulheres), e também como mais uma questão para ser trabalhada dentro dos estudos de gênero (a velhice não é um momento de androginia para ambos os sexos), desembaça nosso olhar sobre a vida daqueles/as que continuam a fazer parte da sociedade e a viver de acordo com expectativas socialmente determinadas.

// Guita Debert (1999) pontua

para alguns autores, a androginia caracterizaria as etapas mais avançadas da vida. Valores e atitude considerados tipicamente masculinos ou femininos tenderiam a se misturar na velhice. Ou ainda, o envelhecimento envolveria uma masculinização das

mulheres e uma feminização dos homens, de forma que as diferenças se dissolveriam na normalidade unissex da idade avançada. (1999, p.8) "

Ao considerar as mudanças nas etapas da vida e a vulnerabilidade de homens e mulheres idosos, Debert (1997) declara que há uma sugestão de que "as etapas mais avançadas da vida podem ser experimentadas de maneira mais gratificante, especialmente para as mulheres" (p. 121).

Caracterizando as visões sobre o velho e a velha em outro trabalho essa autora aponta perspectivas de que para as mulheres

o envelhecimento feminino é mais suave do que o masculino. A mulher não experimenta uma ruptura em relação ao trabalho tão violenta como a dos homens na aposentadoria (...) estando a mulher habituada a mudanças drásticas em seu organismo e capacidade física, por causa da procriação, da gravidez, da lactância e da menstruação, ela desenvolve mecanismos que lhe permitem enfrentar melhor do que os homens as transformações que ocorrem com a velhice. (Debert, 1999, p. 8-9)

Quanto a questão da *dissolução da diferença*, o trabalho de Angela Almeida (1999) sobre as representações acerca de aposentadoria e velhice em professores/as universitários/as, apresenta resultados que contribuem para comprovar a existência de diferenças entre os homens e as mulheres idosos. Tal pesquisa resultou não na diferenciação entre a velhice e a aposentadoria e sim numa "diferenciação entre homens e mulheres, que concebem diferentemente estes dois fenômenos" (Almeida, 1999, p.129). Para as mulheres, segundo Almeida, o envelhecimento era visto de forma negativa, estando

ligado a “idéia de desconsideração/rejeição pelos outros, com base nas perdas físicas e psicológicas do velho”. Já para os homens foi possível perceber o esboço de uma idéia de envelhecimento bem sucedido mas, “paradoxalmente, assentado na negação do próprio processo de envelhecimento”. Para as mulheres a aposentadoria assumiu o significado de uma “volta ao espaço privado do lar e o retorno a um papel tradicional de mulher” enquanto os homens continuaram exercendo alguma atividade profissional, permanecendo inseridos no meio produtivo. Manteve-se assim a reprodução hegemônica do gênero, a divisão entre as atividades desenvolvidas pelos homens em espaços públicos e pelas mulheres em espaço privado.

Em minha pesquisa, dois dos informantes não desenvolviam nenhuma atividade profissional. Os outros cinco homens trabalhavam fora, permanecendo no meio produtivo. Seu Clóvis trabalhava como gerente de uma loja, Seu Fernando trabalhava em sua padaria, Seu Gerson em sua vidraçaria, Seu Beto pescava e vendia mariscos e Seu Augusto trabalhava como cozinheiro para o EMAÚS.

Como cinco das mulheres entrevistadas não trabalhavam fora do espaço doméstico antes, não verifiquei declarações de *retorno ao lar*. Mesmo que fizessem salgadinhos, bolos ou rendas para vender (Dona Clara, Dona Beatriz e Dona Dora), estas atividades subsumiam nos afazeres domésticos:

“Entrevistadora - E a senhora nunca pensou em trabalhar fora?

Dona Dora - Não. Não. Nunca pensei de trabalhar fora. Porque a minha profissão que eu tinha em casa, que eu fiz de solteira era fazer renda, fazia *muitcha*...

Entrevistadora - E a senhora continuou fazendo, casada, renda assim?

Dona Dora - Tudo, tudo.

Entrevistadora - Por muito tempo?

Dona Dora - Muito tempo.”

Dona Graça afirma que já ajudou muito o marido no tempo em que a vidraçaria não estava bem. Hoje ela declara que não trabalha mais porque ele a sustenta.

Atualmente Dona Fátima trabalha meio período na padaria do casal.

Britto da Motta (2000, p. 230) destaca o trabalho doméstico para a mulher idosa como um meio de liberação e, o fato das mesmas serem “ ‘donas’ do trabalho doméstico, por ai começa sua auto-afirmação ou resistência, continuando a realizá-lo ou fazendo até mais intensamente quando idosas, enquanto os homens, nesse âmbito, ficam mais dependentes. Realizando-o, as mulheres sentem-se saudáveis, vigorosas.”

Dona Beatriz expressa claramente esse domínio do doméstico como essencial para ela, até mesmo para sua saúde:

“Dona Beatriz. - Assim, coisas que eu não posso fazer mais: limpeza de casa, botei uma máquina, mas eu estendo uma roupa, recolho e não passo, mas a comida eu não aceito ninguém fazer, a comida é eu que faço, teja como eu tiver.”

Conforme afirma Myriam Barros (2000), em muitos casos, na velhice o lado público do homem é eliminado, aproximando-o assim do mundo reservado à mulher. E é nesse contexto que as seguintes vivências se expressam:

“Entrevistadora - Ele ajuda a senhora com essas coisas de casa, então?
Dona Beatriz - Ajuda, ajuda, ajuda. Ele descasca as verduras pra mim...
Entrevistadora - E a limpeza como é que funciona?
Dona Beatriz- A limpeza é ela, a moça. Então o que é ali a parte do marisco, aquilo ali agora, daqui a pouco ela vai embora porque tá na hora dela ir embora, daqui a pouco ela toma café e vai embora, então ai ele assume, ele lava aquilo ali. Ali era areia, né, agora nós assoalhemos, botemos piso. Então ele lava aquilo ali, as panelas ele lava, eles não vão embora, o meu filho não vai embora, nem ele, sem limpar tudo. Eu só peso...”

Siqueira (2002) destaca que a demarcação quase unânime de territórios da vida social em público e privado permitem explicar o ordenamento social moderno. Com o advento da Revolução Industrial e da revolução burguesa, a divisão sexual do trabalho começou a operar sistematicamente. O masculino e o feminino passaram a organizarem-se “em torno das dicotomias interior/exterior, a casa/a rua, a educação das crianças/ o trabalho produtivo, entre outras” (p.18-9). A demarcação entre público e privado evidencia-se nas falas de Seu Donato e Dona Dora:

Seu Donato - Se tiver que fritar um peixe eu sei, se tiver que fazer um churrasquinho eu sei fazer...

Dona Dora - ... assar um frango ele sabe...

Seu Donato - Vamos dizê, essa é a parte da rua na churrasqueira, na garagem. E dentro de casa um bife, um feijão, um arroz ela que sabe fazer.

Entrevistadora - Ah, tá, então, assim, a parte da rua é do Seu Donato e dentro de casa é da Dona Dora ?

Dona Dora - É, às vezes eu vou lá dou uma olhada pra ver como é que tá...

Seu Donato - Porque ela sabe preparar o bife, já sabe a quantia do feijão que tem botar, o *arrogí*, então ela bota lá em cima da chapa e eu fico tomando conta..."

No caso de Dona Beatriz e de Seu Beto, parece haver uma fusão entre o público e o privado na medida em que ele limpa o galpão que é uma extensão da casa e onde quase tudo é feito, inclusive a comida, preparada pela Dona Beatriz. Entretanto, no galpão a porta fica aberta direto para o mar, uma porta enorme para dar passagem ao barco. Qualquer um que passa na beira do mar vê o que está acontecendo ali. No dia da entrevista estava muito frio e chovendo, mas a porta estava aberta. Alguns pescadores passaram de barco ou pela areia mesmo e cumprimentaram Seu Beto.

A apropriação do trabalho doméstico como domínio específico da mulher acaba gerando arranjos na divisão das tarefas, quando o homem se aposenta e começa a ocupar

um lugar no espaço tipicamente feminino. Entretanto, pode-se perceber uma divisão entre o público e o privado até mesmo nas tarefas domésticas. No caso de Seu Donato e Dona Dora, coisas públicas que ela fazia antes de ele se aposentar, como ir ao banco, por exemplo, passam a ser tarefas dele:

“Seu Donato - Agora que eu faço é porque eu tô em casa né. Então essa luta, agora vamos dizer da, de coisa de fora, quem faz sou eu.

Dona Dora - Agora quem faz é ele...

Seu Donato - Pago a luz, água e ir no feirão.

Dona Dora - ...Telefone...

Seu Donato - ... comprar um peixe. Então isso eu faço hoje.

Entrevistadora - O senhor começou a fazer quando se aposentou, né?

Dona Dora - Foi, foi.”

Como salientam Laís Guidi e Sandra Pinto (1999), há pouca definição na margem dos papéis ligados ao gênero na velhice. As autoras pontuam que existe “um trânsito tranquilo de uma margem a outra, subvertendo o tradicional, estabelecendo estratégias de convivência baseadas mais nas capacidades de cada um do que nos papéis socialmente determinados e com forte viés de solidariedade, carinho e cuidado entre pares” (p.11).

Em tom jocoso, conversávamos sobre expressões linguísticas típicas dos nativos de Florianópolis quando Seu Augusto declara que ele é o *pé de boi* da casa e hoje é ele quem de tudo, inclusive de Dona Alice:

“Seu Augusto - Então eu aqui dentro de casa sou o pé de boi: eu lavo louça, eu passo roupa, eu lavo, eu faço comida...

Entrevistadora - E dizem que Amélia que cuida da casa...

Dona Alice - É, mas eu cuidava de tudo isso né Patrícia...

Seu Augusto - Cuidava né Alice.

Dona Alice - Agora que os filhos já tão criado, já tem pouca coisa.

Seu Augusto - Agora que tem que cuidar um do outro.

Entrevistadora - E o senhor tá cuidando mais da Dona Alice?

Seu Augusto - Cuido mais dela.”

Assim, pode-se considerar que a velhice é um momento adequado para a revisão e reestruturação de muitas situações da vida. Como exemplicam as falas de Seu Augusto e Dona Alice, com a redução¹² do grupo familiar a partir da saída dos filhos de casa, diminuem as responsabilidades para os até então responsáveis. Magalhães (1989) afirma que esse longo tempo de exercício da função de responsável pela família produz uma preocupação deslocada de si mesmo, uma importância de vida centrada na responsabilidade e nos cuidados com os demais.

Dona Clara manifesta o desejo de romper sua submissão perante o marido, representando as mudanças salientadas por Britto da Motta (1998b), ocasionadas pela consciência cada vez maior por parte das mulheres, da sua subordinação social. Assim, “o jogo de poder entre sexos/gêneros e entre as gerações começou a mudar”(p. 70).

Segundo a entrevistada Dona Clara, o filho não gosta nem que ela se reúna com os irmãos para jogar cartas pois, como o pai não vai junto, ela deveria ficar em casa no final de semana com ele. Em sua fala aparece a articulação mulher e casa, sendo este espaço visto pelo filho e pelo marido como um local de descanso e lazer para ela:

“Dona Clara - Não quis quebrar esse elo com os meus filhos. Porque eles brigam ... as meninas não , mas o meu filho briga que eu faço joguinho de cartas, cada 15 dias eu vou jogar. Com meus irmãos, só os irmãos. A mãe tem a casa, casa de praia, e a gente se encontra lá, só os irmãos e cunhados. Até nem palavrão não sai. Às vezes a

¹² Um recente trabalho realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) demonstra que “dos 47 milhões de famílias brasileiras, em 12 milhões são os idosos que mantém a casa com a renda da aposentadoria (...) bancam, além das próprias despesas, os custos da manutenção de filhos e netos.” (Grecco, 2002, p.68). Tais dados trazem à tona uma realidade que não pode ser negada: nem sempre existe efetivamente uma redução no grupo familiar que coincide com a terceira idade do homem e da mulher. Este atual padrão de família que tem se fortalecido cada vez mais acaba por caracterizar exatamente o inverso. Britto da Motta (1998, p.15) corrobora esta perspectiva e destaca: “exemplo maior é o retorno, ou reaproximação espacial, vicinal, de filhos casados, desempregados ou precariamente empregados, com companheiras(os) e filhos, para a casa dos velhos”.

gente faz brincadeira mas muito pouco. É um relax que eu faço e o filho não aceita. Ele fica bravo!

Entrevistadora - Por que?

Dona Clara - Eu já perguntei, tentei questionar, ele disse que 'não, que eu faça, que eu vá'. Assim nesse tom né de ... sempre agressivo, sempre agressivo. 'Porque papai não vai, né. Papai chega domingo, papai quer ficar aqui'. E para os outros, assim, lá é meu spa de sábado e domingo.

Entrevistadora - A casa aqui é o spa de sábado e de domingo?

Dona Clara - Sábado e domingo. Os filhos não querem, o filho principalmente não quer que eu... fico a semana toda sozinha, todos trabalham né, e é só o que eu faço de lazer é jogar essas cartinhas. Ai a gente gosta de jogar canastrão né, aquele tranca. E ai ele não aceita. Daí ele fala pros outros 'tá no cassino, tá não sei aonde...'

Entrevistadora - Ele o seu filho? Ou o seu marido?

Dona Clara - Ele, o meu marido e o meu filho."

Algumas falas dos entrevistados apresentam a manutenção das divisões entre público e privado mas com um trânsito tranquilo pelos papéis ligados ao gênero, sendo a convivência entre o casal mais baseada no cuidado e no carinho. Embora na velhice as tarefas femininas e masculinas pareçam ter ficado mais intercambiáveis, para os/as entrevistados/as as separações entre o que é próprio das mulheres e o que é atribuição dos homens ficaram ainda bem demarcados. Em algumas situações, os conflitos também apareceram exacerbados. Alguns sujeitos entrevistados lançaram olhares reflexivos sobre as relações de gênero nas relações de seus filhos e netos, tecendo comparações com suas vivências.

CAPÍTULO 3

Sobre as relações familiares

“Reza unida, permanece unida, diz o dito popular, né?”
(Seu Edson, 77 anos.)

As famílias

Todos temos noção do que é uma família, mesmo aqueles que não a possuem, já que tal significação é repassada e internalizada paulatinamente, sendo percebida como um “processo integrante da vida e das trajetórias individuais” (Mário Ferrari e Sílvio Kaloustian, 1994, p.12). Entretanto, sua definição teórica mostra-se complexa e ampla.

Mesmo que os agrupamentos familiares tenham origens nos ancestrais da espécie humana, o sentimento de família é novo e não é algo “natural” como muitas vezes se acredita. Até a Idade Média ele era desconhecido e começou a se constituir a partir dos séculos XV-XVI, de acordo com Phillipe Ariés (1981 a). Ao longo de seu estudo e descrição de imagens, Ariés percebe que as reproduções pictóricas da família passaram por uma evolução. Primeiramente, nas figuras o homem é representado sempre sozinho, seja trabalhando ou se aquecendo junto à lareira. Depois surge a representação da mulher, na dama do amor cortês ou na dona-de-casa que também fica perto do fogo da lareira ou participa dos trabalhos do campo com os homens, oferecendo bebidas aos trabalhadores. Gradativamente e com mais frequência, “a família do senhor da terra é representada entre os camponeses” (Ariés, 1981, p.197), começando a aparecer também imagens de crianças

como colaboradoras nos trabalhos de campo. Mas ainda não são cenas de família. Só ao longo do século XVI estas reproduções se tornariam uma iconografia familiar, representando um sentimento novo: o sentimento da família.

Articulando a história da família e da cidade, Phillipe Ariés (1981b, p.13) discorre sobre a absolutização da família e mostra como ela começou a preencher o “vazio deixado pela decadência da cidade e das formas urbanas de sociabilidade” e passou a dar conta de todas as necessidades afetivas e sociais dos indivíduos.

Segundo Ariés, da Idade Média até o século XVIII, as relações entre as pessoas era de solidariedade, sendo que a comunidade determinava o destino do indivíduo. A entrada dos homens nesta comunidade dava-se a partir do momento em que ele mostrasse seu *domínio*, delimitando suas fronteiras e demarcando um espaço seu. Através de um jogo que “favorecia o garoto esperto e bem falante, vencedor das disputas oratórias, bom ator de teatro” (p.14), o indivíduo do sexo masculino, com a ajuda de sua mulher e de seus amigos e clientes, conquistava o referido domínio.

Conforme Ariés, após o século XVIII, três grandes fenômenos fomentaram mudanças neste modelo:

- 1 A sociedade global (o Estado) passou a se preocupar com fato de que algumas áreas da vida escapavam ao seu controle e influência. A partir de então a sociedade começou a ser bem mais *ajustada* pois “o olhar e o controle do Estado se estendem ou devem se estender por toda a parte e nada mais devem deixar na sombra.”(p.15)
- 2 Derivada do primeiro fenômeno, há uma separação entre o lugar do trabalho e das demais atividades (casa, rua, campo). “O trabalhador abandona o centro de seu antigo domínio, o da sociedade tradicional, teatro então, de todas as suas atividades, para ir trabalhar mais longe, às vezes muito longe, num ambiente bastante diferente, submetido

a uma disciplina e a uma hierarquia” (p. 15). Isolar o trabalhador no mundo do trabalho, a criança na escola, o louco no hospício, sem esquecer do confinamento da mulher em casa, estabelece uma forma de controle e ordenação social.

- 3 Junto com as demais transformações do século XVIII e a Revolução Industrial, houve uma *grande revolução da afetividade* (p.16) que, até então era difusa e voltada para diversos tipos de sujeitos, tanto quanto para seres naturais e sobrenaturais: “Deus, santos, filhos, amigos, cavalos, cães, pomares e jardins” (p. 16). Há um direcionamento dessa afetividade que se volta para o interior da família, sobre o casal e os filhos.

A vida do trabalhador oscilará entre o seu trabalho e a sua família, sendo aqueles que não trabalham (crianças, mulheres e velhos) totalmente absorvidos pelo pólo familiar – separação entre o público e o privado. Assim é que, a partir de meados do século XVIII na Europa, a família burguesa vai se constituindo e começa a romper com os modelos familiares existentes e gera novos padrões de relacionamentos familiares. Com a nítida delimitação das esferas públicas e privadas, o mundo dos negócios passa a ser sinônimo de razão e excludente de emoção. Esta última passa a ser considerada totalmente do domínio feminino, colocando a mulher em reclusão doméstica. A separação entre público/trabalho/homem e privado/lar/mulher gera outra disjunção: a divisão dos papéis sexuais. O marido passa a ser o provedor exclusivo da casa e autoridade dominante enquanto à mulher cabe a vida doméstica, a organização do lar, o cuidado com os filhos e a situação de dependente do homem. Está construído o modelo burguês de família.

Durante o século XIX, na burguesia e entre os camponeses, a família já aparece como um domínio privado, atingindo somente as mulheres e as crianças. Para os homens, tanto da burguesia quanto do campesinato, entre a família e o trabalho existia um “lugar de encontro e animação: a cidade” (p.17). Surge uma nova sociabilidade veiculada pelo café-

restaurante, um lugar público, próprio para encontros; o lugar do discurso. Mas a partir da metade do século XX , com o enorme aglomerado de pessoas no espaço urbano, a cidade declina, pois os habitantes mais ricos começam a migrar para as periferias, havendo assim uma segregação. Criam-se bairros de trabalho e bairros residenciais, tendo entre eles os meios de transporte. Não há mais espaços para o encontro, a sociabilidade. Desaparece o espaço intersticial, a vida coletiva, função da vida urbana. “O homem voltou à sua casa, como uma concha, à intimidade de sua família e, de vez em quando, à sociedade muito triada e escolhida de alguns amigos” (p.21).

O autor percorre de forma histórica o desenrolar da configuração da família, desde a Idade Média até a atualidade. Desde o surgimento do sentimento da família, social e historicamente construído e vivido, a princípio nos limites da rua, da comunidade, até a família nuclear, composta apenas por pai, mãe e filhos, ensimesmada.

A nuclearização da família está marcada por traços característicos bem definidos. Segundo Sylvia Leser de Mello (1995), a família nuclear é do tipo monogâmica, constituída por pai, mãe e filhos (biológicos ou não). Cabe ao pai, através de seu trabalho, prover todas as necessidades, da família enquanto a mãe, toma conta da casa e da educação das crianças de forma amorosa e infatigável. É o modelo ideal de família burguesa na atualidade. Mas é importante salientar que este modelo de família é uma idealização, uma abstração que acaba por gerar confusão e tensão quando confrontado com os modos reais de configuração familiar.

Geraldo Romanelli (1995) evidencia a expressividade do modelo hegemônico da família nuclear que tem como atributos básicos:

uma estrutura hierarquizada, no interior da qual o marido/pai exerce autoridade e poder sobre a esposa e os filhos; a divisão sexual do trabalho bastante rígida, que separa tarefas e atribuições masculinas e femininas; o tipo de vínculo afetivo existente entre os cônjuges e entre esses e a prole, sendo que neste último caso há maior proximidade entre mãe e filhos; o controle da sexualidade feminina e a dupla moral sexual. (Romanelli, 1995, p.73)

Ao conceito de família nuclear, Luiz Fernando Duarte (2001;2002) apresenta a noção de *família mínima* - a nova família ocidental moderna - representada pelo mínimo de personagens (pai, mãe e filhos), tendo como objetivo primordial produzir indivíduos, ou seja, seres que se pensam como indivíduos, portadores do pensamento hegemônico de sujeito ocidental. Dentro desta noção de *família mínima*, há o corolário de que é necessário um fechamento e uma segregação desta família para que ela atinja a máxima eficiência, qual seja, a de produzir seus personagens livres e autônomos:

ela surgiu como um fenômeno paradoxal: teve que se reduzir ao formato mínimo de 'um pai' e de 'uma mãe' para se desencumbrir plenamente (assim se esperava) da tarefa de produzir 'indivíduos' livres e autônomos. Um mínimo de 'relações sociais' para um máximo de autonomia. (Luiz Fernando Dias Duarte, 2001, prefácio)

Mas, segundo o autor, ela possui um caráter perverso e perigoso, na medida que pode prender seus infantes em suas teias, seus muros, não os deixando escapar para sua individualização como ente pleno e autônomo, na ideologia do individualismo que, para Louis Dumont (1985), caracteriza as sociedades ocidentais modernas, em contraposição aos modelos hierárquicos de sociedades tradicionais (Dumont, 1992).

No entanto, como aponta Duarte (2001), para essa produção de indivíduos, a *família mínima* continuou hierárquica, pressupondo no mínimo, duas pessoas necessárias para a reprodução física e moral. Mais especificamente, eram necessários dois gêneros diferentes e aí entrava o paradoxo, pois as relações diádicas que ocorriam neste formato (as de gênero, as de classe e de idade) tornavam-se mais hierárquicas, uma vez que “o homem englobava quase totalmente a mulher (menorizada também assim) e os adultos englobavam as crianças – de um modo tão total que estas foram praticamente subtraídas do mundo público.”

Tratando da psicologização do sujeito, Luiz Fernando Duarte (2002) ressalta três funções da família: social, política e psicológica. No aspecto político, a necessidade de um intenso investimento na família mostrou-se premente para que fosse possível assim, a produção dos Estados-nação. No campo psicológico, apenas com a psicanálise a família começa a aparecer como uma dimensão psicologizante do sujeito, cada indivíduo carregando dentro de si a marca dos sujeitos que o constituíram. Freud traz para o primeiro plano o parental, a família e os afetos, descentralizando dessa forma, a razão.

François de Singly (2000) distingue dois tipos de famílias nos tempos modernos: as famílias *modernas 1 e modernas 2*. O autor descreve a *família moderna 1* como “um grupo, regulado pelo amor, no qual os adultos estão a serviço do grupo e principalmente das crianças.” (p. 15). É através do casamento que a *família feliz* se estrutura e permite a cada um de seus membros ser feliz. Nas *famílias modernas 2* é dado maior valor ao processo de individualização do sujeito dentro do contexto familiar, não sendo mais o grupo reunido o elemento central. Sob esta perspectiva, “a família se transforma em um espaço privado a serviço dos indivíduos” (p.15) e, ao sistematizar as influências do nascimento do *indivíduo individualizado* na *família moderna 2*, Singly pontua o quanto a família tem participação na produção deste indivíduo.

Quanto ao tratamento que a psicologia tem dado à família, Heloisa Szymanski (1995, p.24) observa que, desde Freud, tem sido privilegiada a relação mãe-filho como um “referencial explicativo para o desenvolvimento emocional da criança”. Caracterizada como uma família composta por pai, mãe e filho(s), esta concepção familiar correspondente ao modelo de família nuclear burguesa, está centrado na estrutura da mesma e não na qualidade de suas inter-relações.

A complexificação do contexto familiar gera a impossibilidade de se falar sobre uma singularidade, sobre a família como um sistema generalizável, universal, mesmo em situações socioeconômicas similares, como marca Vannúzia Peres (2001). A autora argumenta a existência de noções de “*famílias*, entendendo que cada qual tem sua estrutura e estilo de funcionamento” (Peres 2001, p. 74).

Refletindo sobre a heterogeneidade de modelos e experiências familiares em suas pesquisas com famílias migrantes do trabalho agrícola, moradoras de bairros periféricos em São Paulo, Mello (1995) sugere a expressão *polimorfismo familiar* para caracterizar estas diversas formas de organização da família.

Pode-se afirmar que, de modo geral, a função primeira da família é definir normas e papéis sociais, sendo a sua organização, a educação e criação dos filhos e as relações entre seus membros, determinadas “pelas necessidades de formação de tipos humanos exigidos pelo mercado de trabalho e pelo mercado consumidor” (Monteiro e Cardoso, 2002, p. 96-7). Derivando desta primeira função, ou melhor, concomitante a ela, a constituição da subjetividade dos sujeitos também se dá dentro da família, conforme já colocara Duarte (2002).

De acordo com Mercedes Cupolillo, Adriana da Costa e Janaina de Paula (2001), consangüinidade, legitimidade e também as normas e regras que dirigem e reúnem os

membros de um grupo familiar, têm sido os critérios básicos utilizados na definição do conceito de família. Porém, é prioritário lembrar que este conceito é uma construção social, não é estático e vai se redefinindo e se articulando conforme os processos sociais e econômicos vão se estabelecendo. Em se tratando de um país como o Brasil, no qual a instabilidade econômica gera toda uma rede de modificações sociais, o modelo de família nuclear vem se enfraquecendo. Não raros são os casos de famílias constituídas por vários membros que se agregam num mesmo espaço físico impulsionados por dificuldades financeiras.

Galcy Roure *et al.* (2001, p. 193) apontam o atual esvaziamento da função social e simbólica da família, a partir do qual “os papéis de seus membros são deslocados e ressignificados.” Tomando como referência a psicanálise lacaniana para a elaboração de seus estudos, as autoras aduzem que “o valor do sujeito é determinado não mais pelo lugar social de nascença, no qual o que mais valia era o ser, mas encontra-se do lado do ter e cujo traço principal é o individualismo” (p. 196). Os laços sociais atualmente estabelecidos no interior da família estão cada vez mais marcados pela subjetivação através das identificações midiáticas (divulgadas pelos meios de comunicação, portanto imaginárias), do que por instâncias simbólicas (família, escola, Igreja, justiça e direito)¹³:

¹³ Seguindo Jacques Lacan, as autoras apontam as identificações simbólicas e as imaginárias como sendo as vias pelas quais os sujeitos se constituem. As primeiras estão ligadas aos valores, obrigações e tradições que cada pessoa recebe de sua cultura étnica, nacional, familiar etc. Já as identificações imaginárias correspondem ao esforço do sujeito para coincidir com a imagem que poderia satisfazer primeiro aos pais e depois aos outros.

a questão é que, no mundo contemporâneo, vivemos sob a égide de uma cultura do narcisismo, na qual observamos a prevalência do registro do imaginário. Nesse mundo, o indivíduo só encontra recurso e referência em si mesmo e vale essencialmente por sua imagem. (Roure *et al.*, 2001, p. 199)

Para Roure *et al.* após o nascimento o “pequeno pedaço de carne” só será capaz de viver e se tornar um ser desejante a partir do desejo dos seus pais. E esta ancoragem social e psíquica só ocorrerá após a transmissão do nome fornecido pelos pais enquanto Outro simbólico, representantes da função paterna. Neste sentido toda a família é importante, pois o processo de nomeação e acolhimento da criança que chega ao mundo é feito por todos os membros da família, atando assim, este novo ser a uma rede simbólica.

Como explicitado pelas autoras, do esvaziamento da função social e simbólica da família podem resultar novas cenas familiares e novas formas de subjetivação, onde crianças e adolescentes não estão mais ligados às histórias de suas famílias. Considerando esta desvinculação com o tradicional, com o antigo, é fato que se questione acerca das novas (?) formas de relações com os velhos dentro do grupo familiar. Com a identificação dos jovens e crianças cada vez mais voltadas para as instâncias midiáticas, ou seja, para a beleza, a juventude, o poder, a acumulação de capital/material divulgados pela mídia televisiva e impressa, é fácil que se suponha que as pessoas velhas não são referência de identificação, uma vez que representam socialmente exatamente o oposto do que se idealiza: são feios, supostamente já não têm mais poder social e são fisicamente fracos. Talvez esta referência, tanto de futuro quanto de passado e de presente da pessoa velha, esteja sendo fortemente negada, quando não destruída, pelas gerações mais jovens. Ao apontar que o número de agressões às pessoas velhas tem se evidenciado constantemente,

principalmente nas grandes cidades, Gilberto Velho (2002) abre espaço para que se faça tal reflexão.

Por ser uma das mais básicas tramas de relações sociais, é na família que os “indivíduos constroem sua identidade de gênero como homens ou como mulheres, de variados grupos de idades” (Britto da Motta, 1998b, p. 69), configurando assim gerações e papéis a serem desempenhados a partir da identificação dos sujeitos como sendo crianças, jovens, adultos plenos, ou velhos. A família é também o

lugar social dos afetos radicais – onde as relações são quase simbióticas, as afeições mais doces e os embates entre os sexos/gêneros e as gerações podem ser mais dolorosos. Onde se encontram os modelos de sentimentos em estado mais depurado: os amores, as aceitações ilimitadas, as mais fundas solidariedades; ou as rejeições mais chocantes, os conflitos cotidianizados, ressentimentos ‘inexplicáveis’ e ódios. Explícitos ou recalcados (Britto da Motta, 1998b, 71).

Uma vez que diversas pesquisas têm comprovado o que na prática já se vê há um bom tempo, tem se encontrado “muito mais velhos – e velhos cada vez mais idosos – na família” (Britto da Motta, 1998b, p.71), então há de se atentar para o lugar da pessoa velha na instituição familiar. Surge aqui uma ambigüidade: os velhos não são as referências de identificação mais valorizadas, entretanto, cada vez mais eles acabam provendo e mantendo grandes famílias já que, em muitas situações, há o retorno dos filhos para a casa dos pais. Um recente trabalho realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) demonstra que “dos 47 milhões de famílias brasileiras, em 12 milhões são os idosos que mantém a casa com a renda da aposentadoria (...) bancam, além das próprias despesas, os custos da manutenção de filhos e netos.” (Grecco, 2002, p.68).

Britto da Motta (1998a, p.15) fortalece esta perspectiva e destaca que há, crescentemente, em camadas populares, “o retorno, ou reaproximação espacial, vicinal, de filhos casados, desempregados ou precariamente empregados, com companheiras(os) e filhos, para a casa dos **velhos**”. Ela afirma que estes velhos que observou são figura central nas famílias, havendo numerosas mulheres (muito mais que homens) assumindo sozinhas a chefia das unidades familiares. Os/as velhos/as aparecem como provedores/as, “em quase nada como dependentes” (Britto da Motta, 1998b, p. 72).

No trabalho de Benedita Cabral (1997, p. 160), que analisou “a experiência dos grupos de convivência de idosos das camadas populares da cidade de João Pessoa-PB”, a família é a principal referência das relações humanas inclusive para suas entrevistadas, havendo grande destaque para as relações de filiação. Para meus/minhas informantes, a família também aparece como pano de fundo constante em todos os relatos, como não poderia deixar ser, levando-se em conta o contexto da entrevista (na casa deles/as) e o tema central da pesquisa (a vida conjugal).

Em minhas entrevistas, as famílias aparecem entranhadas nas falas, grudadas nas paredes, amparadas sobre os móveis ou protegidas em álbuns de fotografias. Assim, mesmo não estando com seus corpos presentes, os membros constituintes das famílias de meus/minhas entrevistados/as estavam sempre ao nosso lado, motivando longas divagações ou acentuando emoções e provocando lágrimas por suas ausências. De acordo com Maria Laís Guidi e Sandra Lúcia Pinto (1999, p. 10), a família é contexto ideal de superação de crises e adaptação a mudanças radicais, “conservando um núcleo, mesmo que imaginário, de relações de afeto e de solidariedade baseadas em consagüinidade, mas também, pela ação efetiva do grupo familiar na realização de projetos pessoais.”

As fotografias da família

Em meu trabalho de campo, as mulheres foram as que demonstraram muito interesse em me mostrar as fotografias de suas famílias, explicando os contextos e apresentando a maioria dos membros constantes nas imagens, confirmando-se enquanto depositárias das memórias familiares. Neste sentido, evidenciam-se indícios históricos do confinamento da mulher ao lar (ao privado), onde ela, muitas vezes, passa a viver para os outros e não para si mesma e tem como responsabilidade quase exclusivamente sua, a educação dos filhos. Assim, amor e compromisso se fundem numa mesma atuação da mulher: o ser mãe. No presente caso, as fotos servem como um certificado de sua ação como mãe/mulher, certificado este exibido com todo orgulho. Guidi e Pinto (1999, p.12) apontam que “o afeto dedicado aos filhos é expresso pelo engrandecimento de seus ‘feitos’: diplomas, respeito profissional, bens adquiridos. É um discurso glorificador, cheio de orgulho.”

Joan Tronto (1997), uma das autoras cujos estudos se aproximam do que poderíamos caracterizar como “feminismo das diferenças”, apresenta o cuidar como uma atividade regida pelo gênero, tanto no mercado profissional, quanto no espaço da vida pública. Segundo a autora, em nossa sociedade espera-se que os homens tenham *cuidado com* e as mulheres *cuidem de*, considerando-se que “os homens se preocupam com coisas mais importantes enquanto as mulheres se preocupam com aquelas de menor importância”(Tronto, 1997, p. 186). O *cuidar de*, atribuído às mulheres, expressa-se através do trabalho direto de cuidar da família, vizinhos e amigos. *Cuidar de*, conforme a autora, pressupõe a existência de uma responsabilidade e compromisso contínuos, “é necessariamente relacional” (p. 188). As noções de *cuidado com* e *cuidar de* se

diferenciam segundo o objeto ao qual a ação está direcionada. No *cuidado com* existe um compromisso mais geral com objetos menos concretos. Já no *cuidar de* busca-se “responder às necessidades particulares, concretas, físicas, espirituais, intelectuais, psíquicas e emocionais dos outros” (p.188), sendo o contexto familiar o espaço especialmente fundamentado neste compromisso.

Um exemplo foi o que aconteceu com a entrevistada Dona Clara que me convidou para ir até o andar de cima da casa para que ela fechasse as janelas, impedindo a entrada de insetos. Lá chegando, depois de fechar as janelas, “casualmente” Dona Clara retira do interior do guarda-roupas uma pilha de álbuns e começa a me mostrar fotografias de aniversários, crismas e formaturas, entre outras. Entretanto, dá uma maior ênfase às fotos de uma das filhas em especial, a que “ela pegou para criar”. Pode significar um interesse em me mostrar “as provas” de sucesso de sua filha, sucesso este decorrente de sua ação direta e constante e, obviamente, a confirmação de que a “criou bem”.

Dona Alice também me mostrou fotografias, a maioria tirada recentemente em uma viagem que fez com o marido para a Finlândia, para visitar o filho. Dispendeu bastante tempo falando sobre os netos, a profissão do filho, da nora e até mesmo sobre aspectos culturais diferenciados que eles vivenciaram no referido país. Chamou-me a atenção o fato de que ela falou muito mais sobre este filho do que sobre os outros dois que moram em Florianópolis, inclusive da filha que mora no mesmo bairro que ela.

A apropriação da noção de que o cuidado da casa e dos filhos caberia única e exclusivamente à mulher, manifesta-se através das falas das informantes quando elas afirmam terem “criado os filhos sozinhas”. Mesmo que o pai (ou outro/a parceiro/a), tios, avós, a família em geral, a escola, a igreja e o Estado estejam juntos neste cuidar, para estas mulheres parece que o que mais importa é o trabalho diário dedicado por elas aos filhos. A

máxima popular lembrada por Luiza Monteiro e Norma Cardoso (2001) de que “mãe é quem cuida” acaba favorecendo o fortalecimento do ideário de que cuidar é preferencialmente tarefa/função de mãe. As autoras apontam que

a família na sua intimidade está ‘tentando’ criar/educar seus filhos (...) assinalamos ‘tentando’ por compreendermos que a família, mesmo que tenha experimentado esse movimento histórico de privatizar as suas relações, inclusive as parentais, no que diz respeito à educação dos filhos, preestabelecendo os papéis e obrigações, não está isolada no todo social. (Monteiro e Cardoso, 2001, p. 102)

Ao excursionarem sobre as definições referentes à família, Monteiro e Cardoso (2001) encontram atrelados a esta noção os conceitos de “cuidar”, “educar” e “criar”. Considerando ser a família a primeira responsável pelo processo de socialização do sujeito, é ela quem “inscreve” a criança na sociedade e “ ‘criar’ inclui o atendimento às necessidades básicas, materiais e emocionais da criança – alimentação, higiene, sono, carinho, atenção – e também ‘educar’, no sentido de ensinar, transmitir valores, princípios, atitudes e os conhecimentos universais” (p. 103).

Dona Alice afirma ter cuidado dos filhos sozinha:

“Eu criei meus 3 filhos sozinha. A minha sogra gabava muito a educação dos meus filhos. Os meus filhos quando eles eram pequeninhos, levantavam de manhã: ‘bença mãe’. Eu também era assim com meus pais né. (...) Eu que criei meus filhos, quem educou meus filhos fui eu. Ele saia com eles dormindo, voltava com eles dormindo. ”

Ao lembrar de uma situação em que o marido a ajudou a cuidar de uma das filhas, esta entrevistada comenta sobre o medo que os filhos têm do pai e, em tom jocoso, admite

uma possível falta de reconhecimento de seus filhos sobre estes cuidados e pontua até mesmo uma ingratidão da parte deles, mais especificamente de uma filha:

"Dona Alice - (...) eles têm muito medo do pai sabe. Me lembro que a Lu tinha 2 mesinhos acho, então ela dava uns reinação pra dormir e ele de manhã cedo, de madrugada, ia pro camping né, no Rio Vermelho, ele trabalhava sempre com jipe, ele queria dormir pra trabalhar e não conseguia... Domingo eu tava contando isso lá na praia pra Lu:
- 'Tu és tão puxa saco do teu pai, né? E o teu pai quando tu eras pequeninha...'
- 'Ah mãe eu não sabia disso...'
- 'Foi! O teu pai fez. Tu eras pequeninha ele deu com aquela mãozona...' [ele tinha as mãos muito grande, ele era fortão, ele remava no Riachuelo...]
- 'Essa menina não deixa eu descansar!'
Ele fazia dormir quando botava na cama, abria a boca. Deu duas palmadona, ficou a mão dele marcada na bundinha dela. Chorei tanto, chorei tanto. Eu disse pra ela:
- 'Nunca me esqueço que o teu pai te bateu quando tu eras pequeninha, tinha meses...'
- 'Não me diz que o pai fez isso!'
- 'É, fez e tu és puxa saco dele.'
E às vezes a gente faz tanto pelos filhos e eles ainda são ingratos pra gente. (risos)"

Lembrando da época em que o marido estava às voltas com a vida militar e as mudanças de residência eram inevitáveis, Dona Beatriz declara:

"Dona Beatriz - Meus filhos eu criei sozinha. Ele saía de manhã e entrava de noite."

De acordo com seu marido, Seu Beto, o machismo impedia os pais de ajudarem com o cuidado dos filhos, pois esta não era uma atividade destinada aos homens, somente às mulheres:

"Seu Beto - (...) antigamente não, antigamente era um machismo. Hoje em dia não, hoje em dia a tarefa é dividida. Eu nunca levantei de noite pra dar de mamar... fazer mamadeira pra um filho. Hoje eu vejo meus filhos trocar as fralda de filho, dar de mamar, eu fico olhando mas eu nunca fiz isso. Aquilo não era dever de homem."

Dona Dora afirma e reconhece a participação de seu marido no cuidado com os filhos. E ele confirma:

"Dona Dora - Ele não tinha hora de chegar, tá? Não tinha hora... Quando eu tive os meus primeiros filhos, o Zé Carlo, a Lena, à noite ele sempre me cuidava, me ajudava, ajudava, ajudava.

Entrevistadora - Cuidava dos filhos? O Seu Donato trocava fralda e tudo Seu Donato?

Dona Dora - Meio atrapalhado mas às vezes trocava...

Seu Donato - ... meio atrapalhado mas fazia...[risos]

Dona Dora - Ele ajudava, isso ai ele sempre ajudou."

Voltando a pensar na fotografia como uma "prova" da conquista do que seria desejado para as mulheres e para os homens, é marcante o fato de que Seu Augusto também me mostrou fotografias da família, mas com a intenção de expor as casas que eles possuíam. Do homem espera-se que ele seja o provedor, o produtor, que produza bens materiais. Esta expectativa social tradicional em relação às funções masculinas diferenciadas na família, provavelmente fundamentam a importância que as propriedades obtidas adquirem para Seu Augusto, que as exhibe com orgulho. Conforme Tronto (1997, p. 186), os homens "se preocupam com dinheiro, carreira, idéias e progresso (...) coisas mais importantes" do que as que as mulheres se ocupam. Seu Augusto também apresentou com muito orgulho as fotos dos retiros dos quais ele participou pela Irmandade EMAÚS.

Conjugalidade

“... mas a melhor coisa que tem é viver junto.”
(Seu Beto, 66 anos)

Historicamente, alguns “modelos” de famílias e de relacionamentos familiares foram se configurando e passaram a fazer parte de ideários generalizáveis. A vigência da família patriarcal, da família nuclear, da família moderna, dos ideais de amor romântico são definidos diferentemente por diversos autores.

Segundo Jeni Vaitsman (1994), a partir do desenvolvimento da sociedade capitalista, ocorreu a privatização da família que se transformou na família conjugal moderna. Como as concepções econômicas passaram a considerar produtivas apenas as atividades exercidas na esfera do trabalho remunerado, conforme explica a autora, a família e o espaço privado da casa tornaram-se, no imaginário social e na ideologia oficial, um mundo feminino oposto ao mundo masculino, representado pelas atividades desenvolvidas nas esferas públicas.

Mesmo podendo ser definida como “uma instituição estruturada numa relação de amor e de contrato entre dois indivíduos que decidem livremente por sua existência” (Vaitsman, 1994, p.33), na prática esta família conjugal moderna é patriarcal, pois se estrutura segundo uma divisão sexual do trabalho em que a mulher fica encarregada dos afazeres domésticos e da criação dos filhos e o homem trabalha no mundo público, sendo responsável por prover a família e tendo sobre ela o maior poder de decisão. Para a autora, na dicotomia público/privado, as funções desempenhadas na esfera da família (mundo feminino), subordinam-se às práticas públicas (mundo masculino).

Nas elites citadinas brasileiras, as atividades das mulheres foram se tornando mais expressivamente invisíveis a partir da segunda metade do século XIX, configurando-se no

que Vaitsman chamou de patriarcalismo moderno. Assim, as desigualdades simbólicas baseadas numa concepção de natureza feminina, não só diferente, mas oposta e subordinada à natureza masculina, fizeram com que a definição da mulher girasse em torno dos papéis de esposa e mãe, dependente econômica e legalmente do marido, o *cabeça do casal*.

Anthony Giddens (1993) destaca que, a partir do final do século XIII na Europa, as mulheres começaram a ser influenciadas pelas idéias do amor romântico, somando-se à isso a criação do lar, a modificação das relações entre pais e filhos e a *invenção da maternidade*. Numa concepção oposta à de Vaitsman, Giddens ressalta que, na última parte do século XIX, o poder patriarcal dentro de casa começou a declinar e “o domínio direto do homem sobre a família (...) ficou enfraquecido com a separação entre o lar e o local de trabalho” (p.53). Como as mulheres passaram a ter mais controle sobre a criação dos filhos, houve um gradual deslocamento da “autoridade patriarcal para a afeição maternal” (p.53). Entretanto, como acrescenta o autor, associadas às idéias de amor romântico estavam a subordinação da mulher ao lar e o seu relativo isolamento do mundo exterior.

Giddens afirma que, desde o final do século XVIII, o amor romântico tornou-se uma força social genérica e a difusão de suas idéias, por seu caráter subversivo, afetou profundamente o casamento e outros contextos da vida pessoal. Na medida em que o amor romântico estimula o autoquestionamento, desliga também o indivíduo de situações sociais mais amplas e ajuda a separar o relacionamento conjugal de outros aspectos da organização familiar. Este caráter transformador do amor romântico teve que ser controlado, sendo para isso associado ao casamento e à maternidade, além de ficar por muito tempo ligado à idéia de que, “o amor verdadeiro, uma vez encontrado, é para sempre” (p. 58).

Singly (2000, p.15) enfatiza que, desde o início do século XX até os anos 60, a família esteve direcionada a uma lógica de grupo, regulada pelo amor, com os adultos

voltados para o conjunto e, principalmente, para as crianças. A *missão do pai* era ir ao trabalho enquanto a mulher ficava em casa garantindo a felicidade de cada um. Esta mulher dona-de-casa contribuía na sombra para o sucesso do marido e dos filhos realizando-se, assim, de forma mediada.

As famílias do final dos anos de 1960, chamadas pelo autor de *individualistas e relacionais*, ainda mantêm a lógica do amor, porém, mais exacerbado. Agora o elemento central não é mais o grupo reunido e sim seus membros individualmente. É a família *moderna 2*, um “espaço privado a serviço dos indivíduos” (p.15), anteriormente citada.

Anália Torres (2000), apresenta cinco dimensões da conjugalidade. A primeira delas é que a conjugalidade ocorre num percurso social, cultural e ideologicamente diferenciado na vida das pessoas, levando “personalidades sociais e ‘sexuadas’” (Torres, 2000, p.137) a interagirem. O segundo aspecto a ser considerado é que, a partir de uma relação com o outro significativo, é possível obter recompensa e gratificação, além de se cumprirem aspectos importantes da identidade pessoal. Outra característica relevante é a afetividade, subestimada pela sociologia da família nos últimos 40 anos. Esta afetividade é amplamente considerada, incluindo aí a “vertente amorosa da relação e a concretização da sexualidade” (p.138), fortes motivos que justificam as uniões conjugais. Assim, o bem-estar afetivo e relacional, mais as outras dimensões sociais e de gênero, são fundamentais nas “razões de escolha, fundação, manutenção ou ruptura das relações conjugais” (p.138). A quarta dimensão da conjugalidade, para Torres, é a que identifica o casamento como fonte produtora de realidade simbólica e também material, não só pela divisão de recursos e despesas, mas também pela geração de filhos e novas relações afetivas. A quinta dimensão da conjugalidade está vinculada ao fato de ela não ser isolada social ou historicamente, mudando significativamente suas definições valorativas ao longo dos anos.

Considerado como uma instituição imposta como destino aos indivíduos de ambos os sexos, o casamento deixou de ser unicamente articulado a questões de interesse sociais e econômicos e passou também se ligar ao amor. Assim, este último figura-se como central na escolha conjugal, um “ ‘estado’ que vence todos os obstáculos e supera todas as dificuldades” (Torres, p.154), responsabilidade da mulher por esta ter *vocação para as emoções* (grifo meu).

Surge o modelo de amor-construção com uma perspectiva de que o amor e a paixão iniciais do casamento vão se transformando num sentimento mais estável, como Torres salienta, mais *construído*. Neste modelo há uma maior paridade (em nível de idéias) entre homens e mulheres, apesar de ainda existirem assimetrias nas práticas entre os casais.

Os/as entrevistados/as da atual pesquisa têm como modelo marcante na constituição de sua vida conjugal os ideários de casamento como instituição baseada no amor romântico. Assim, a crença de que o amor uma vez encontrado seria para sempre, reflete-se na fala de Seu Edson:

“Entrevistadora - Amor, o quê que o senhor define pra mim como amor?
Seu Edson - É a união de duas pessoas que se querem bem e pela convivência se tornaram íntimas, passaram realmente a se compreender a se entender, a tolerar, a se perdoar. Isso é amor. E esse amor à primeira vista não é muito permanente, não é muito durável. A convivência, o convívio de muitos anos, com essas qualidades realmente fazem com que duas pessoas permaneçam unidas até que a morte os separe. Esse convívio, com estas qualidades que eu já citei, pra mim isto é o amor.”

O entrevistado apresenta a lógica do amor-construção, aquele que vai se estabelecendo através da convivência entre o casal. Segundo ele, este é o amor que faz com que as pessoas fiquem juntas até a morte.

Dona Dora e Seu Donato dizem que a união deles só terá um fim com a morte e, diferentemente da celebração do casamento que tem data e hora marcados, o *separamento* é uma incógnita:

“Entrevistadora - Nunca pensaram então em se separar também?

Seu Donato - Nada, olha! Deus me livre. Nós só vamo se separá quando morrê! [risos]

Dona Dora - Quando morrê...

Entrevistadora - E olhe lá, né?

Dona Dora - O *separamento* vai sê isso ai minha filha... agora ninguém sabe...”

Os casais entrevistados relataram motivos diferenciados para assumirem o contrato conjugal. A grande maioria apontou o amor como razão primordial, mas Seu Beto conta que se casou com Dona Beatriz porque “fez mal para ela” e, se eles não casassem, ela não casaria mais. Assim, em contradição com a livre escolha do cônjuge apregoada pela noção de amor romântico, o casamento de Seu Beto e Dona Beatriz foi mais determinado pela obrigatoriedade da reparação do dano causado. Desta feita, ele teve que *pagar o mal* que fez a ela e o preço final foi o casamento. Assim, como ela estava grávida, os dois *fugiram* para depois se casarem:

“Dona Beatriz - E tive um namoro muito bom e, só no começo, quando eu me casei, que eu tive uma vida meia sozinha porque ele foi servir o exército e quando nós namoramos, que eu fiquei pra ganhar neném, daí eu fugi, né, eu fiquei pra ganhar neném, que é a minha mais velha, eles chamaram ele pra servir a base. Ai a minha sogra que gostava muito de mim, ela soube ai ela pegou e disse: “Você não vai mais pra casa da sua mãe, você vai ficar aqui, ele fez ele vai pagar”.

Para alguns/mas dos/as entrevistados/as, inicialmente a vida de casados foi considerada bastante difícil, “uma luta” acrescida pela busca de estabilização profissional, social e financeira, aliada à criação dos filhos. Dona Fátima aponta o fato de ter tido três

filhos em um curto espaço de tempo como sendo o lado “negativo” do seu casamento, Segundo ela, esta foi a dificuldade maior.

Atualmente, Seu Beto busca compensar todo o sacrifício e sofrimento causados à sua esposa. Quando conversamos sobre a participação dele em grupos de convivência, ficam evidentes suas razões:

“Entrevistadora - Sozinho o senhor não iria?
Seu Beto - Talvez iria, é. Eu vou mais por causa dela né.
Entrevistadora - Pra fazer companhia, por que?
Seu Beto - Porque nós dois é melhor né. Eu tenho que compensar pra ela, tenho que compensar o que eu fiz pra ela (risos), vou ter que compensar agora depois de velho, o sofrimento que ela teve. A gente sabe.”

Quando questionados/as sobre o amor, os/as entrevistados o classificam como algo inexplicável, a razão da vida e o motivo para a duração da relação conjugal:

“Seu Beto - Amor pra mim? Olha, eu vou dizer uma coisa pra ti: amor, não dá nem pra dar o significado. Eu acho que o amor é tudo, né. Acho que é vida. O amor é pena, é saúde, é a convivência, é tudo. O amor é vida.
Entrevistadora - E o casamento assim?
Seu Beto - Se não tivesse amor não tava 50 ano casado! Né?”

O amor surge com uma conotação sagrada, uma luz:

“Dona Beatriz - Acho que o amor pra mim é tudo. O amor pra mim eu acho que é tudo porque... eu acho que é uma luz, que é uma coisa que vem do alto, coisa que vem muito, uma força superior muito boa porque eu acho que o amor, não tendo amor, desmorona tudo. Eu acho assim, o amor uma coisa muito bonita.
Entrevistadora - E o casamento a senhora acha que se mantém com o amor?
Dona Beatriz - Claro, de aparência não se vive. Eu acho que eu não vivi de aparência. ”

Entretanto, conforme as declarações, o casamento precisa mais do que apenas amor: também é necessário entendimento e compreensão entre o casal. Dona Alice e Seu Augusto

salientam que, no casamento, um dos dois tem que ceder para o outro, tem que se *micchar*¹⁴:

"Seu Augusto - Mas a gente.... um tem que se, tem que se...
Dona Alice - Se *micchar*...
Seu Augusto - É, eu me micho pra ela.
Dona Alice - (risos)
Entrevistadora - Tem que se *micchar*?
Seu Augusto - *Michar* quer dizer abaixar. Entendes, tá entendendo?"

Apesar de achar melhor que Dona Alice o acompanhasse nas atividades que ele desenvolve no EMAÚS, Seu Augusto comenta que o fato de cada um ter suas atividades também contribui para a manutenção do casamento.

Para Dona Graça, um casamento bem sucedido resulta da boa convivência e da boa aparência da mulher, ou seja, a mulher deve se manter sempre bem arrumada para esperar o homem. Caso contrário, se ela não se preocupar em se manter *alinhada* e arrumada e se ficar só reclamando que está doente, com dor, o marido irá procurar outra na rua. Imbricada com esta questão da aparência está a sensualidade e a sexualidade: se a mulher se arruma e espera o marido toda noite com uma *lingerie* sugestiva o marido não precisará *procurar na rua*.

Para esta entrevistada a fidelidade também é um critério muito importante para manter o seu casamento, fidelidade esta adquirida através do seu controle sobre o marido:

"Dona Graça - Nunca chegamos assim, ao ponto de separação. Nunca, nunca mesmo. Ele é um homem que não dá motivos. Ele não tem aquele motivo assim, de eu querer saber se ele tem mulher, chegar de madrugada em casa, nunca chegou. Quando ele chega sempre me dá satisfação. Às vezes eu ligo e ele sempre está lá. Eu estou sempre ligando, né? Onde estás? Eu não ligo pro celular, eu ligo pro clube. Porque no celular a gente pode estar em outro lugar, né?"

¹⁴ Estas falas de Dona Alice e Seu Augusto, se se referem a questões de complementariedade, traduzem também a questão do poder nas relações de conjugalidade – os micropoderes que circulam e não se fixam nas figuras masculinas.

Entrevistadora - Ah é. Ele pode ver que é a senhora...Então a senhora liga para o clube.

Dona Graça - É, eu ligo pro clube. O garçom já me conhece, aí ele: 'Não, não está aqui, está aqui'. Ou então: 'Ah, saiu com os amigos'. Ai, nesses 10 minutinhos, ele já chega."

Dona Beatriz também aponta que nunca soube de nenhum deslize de Seu Beto, segundo ela, o marido nunca teve um *cacho*.

Dona Alice e Seu Augusto fizeram um acordo: ele deixou de ingerir bebida alcoólica para evitar a separação. Assim como no relacionamento de Dona Beatriz e Seu Beto, a bebida aparece como um entrave na relação:

"Entrevistadora - O seu marido, ele bebe?

Dona Alice - Não, bebia, bebia. Mas não assim como o pai. Quando nós casamo ele bebia. Bebeu até o quê?, até a minha filha ter o quê?, acho que depois dela casar ele ainda bebia. Eu não me lembro... Mas eu rezei tanto, rezei tanto eu não sei se foi de um negócio que me ensinaram e eu botei, homeopático, botei. Não sei se foi aquilo, diz ele que deixou porque achava que se não deixasse nós ia se separar.

Entrevistadora - Ah, a preocupação dele era essa? E a senhora chegava a dizer alguma coisa?

Dona Alice - Eu dizia pra ele: 'Vou te deixar, não agüento mais' Eu ameaçava ele. Diz ele, 'ou eu deixava a...'. Então às vezes eu vou pro bingo, 'o quê que essa mulher quer mais: ela queria que eu não bebesse eu não bebo mais e ela não sai do bingo!' "

"Seu Augusto - Porque tu vê, a gente pra aguentar hoje em dia, eu deixei de beber. Se eu não deixasse de beber eu já tinha me separado dela. Eu fiz uma opção: ou me separo ou bebo."

Dona Alice e Seu Augusto falam das eventuais agruras de seu casamento, dentre elas a dificuldade em lidar um com o *gênio* do outro. Ela alega que ele tem um espírito de contradição e faz algumas coisas apenas para contrariá-la. Na sua perspectiva, se não fosse

o gênio dele, os dois viveriam no paraíso. Já, segundo o ponto de vista dele, quem tem um gênio difícil é ela:

"Seu Augusto - Mas isso aí de pequeninha tem um gênio que só vendo...

Dona Alice - Eu? Tenho gênio nada, sou calma que é uma coisa. Se eu não fosse calma não dava de levar ele né Ricardo? O Ricardo vê. (amigo que chegou para tomar um cafezinho...)"

As controvérsias entre os dois ficam evidentes em suas falas na medida em que um só concordou com o que o outro dizia em raros momentos. A fala seguinte reflete as discordâncias:

"Entrevistadora - Mas vocês tiveram alguma crise no casamento?

Dona Alice - De separação?

Seu Augusto - Não, não. A gente briga muito. Briga todo dia.

Dona Alice - Separamo muito de cama, ele dorme num quarto eu durmo no outro. Porque eu gosto de ver uma televisão, assistir um programa (risos)

Seu Augusto - Não, não é isso não. Colchão eu já comprei uns 20, eu gosto daqueles japonês, imã, não prestou. A minha filha pegou. Esse aí, ele é mole pra ela...

Dona Alice - É duro pra ti, pra mim não.

Seu Augusto - É muito duro, porque quem tem coluna ela pensa que faz bem mas faz mal pra ela...

Dona Alice - Pra mim eu me sinto bem. Eu durmo bem ali.

Seu Augusto - Então a coluna, o que tão dizendo agora os entendido não pode ser duro, tem que ser mais, tem que acompanhar a coluna. Então ela fica lá...

Seu Donato e Dona Dora apresentaram como característica marcante de suas entrevistas o fato de sempre concordarem um com o outro e muitas vezes completarem a fala um do outro:

"Seu Donato - ... O ônibus passou e nós fomo, chegemo na praia ainda tava escurinho, ainda. Então, começemo a trabalhar eu e ela...

Dona Dora - ... nós dois...

Seu Donato - ... nossa vida, nesse 50 ano é isso...

Dona Dora - ... sempre lutando nós 2...
Seu Donato - ... um ao outro ajudando um ao outro...
Dona Dora - ... sempre assim."

Dona Dora afirma que não participa de nenhuma atividade proposta pela igreja da comunidade porque não gosta de deixar Seu Donato sozinho. Dona Graça também comentou que acompanha o marido em todas as atividades que ele realiza.

Ao falar sobre seu casamento, Dona Clara manifesta decepção e tristeza, declarando sua vontade de se separar do marido. Fala sobre o homem que a humilha e controla mas que não lhe dá a atenção que ela deseja. Segundo seu relato, a convivência entre os dois é muito difícil e já não existe mais respeito entre eles: é uma relação só de aparências, não havendo mais amor (pelo menos da parte dela). Apesar de o marido, há pouco tempo, tê-la pedido em namoro, a entrevistada salienta a impossibilidade de resgatar qualquer sentimento positivo em relação ao marido e, quando eu lhe pergunto porque ficou em casa em momento que a separação era iminente, ela responde :

"Entrevistadora - Será que foi por amor?
Dona Clara - Por ele?! Não Patrícia não gosto, tô muito consciente. Não gosto dele, não tenho saudade dele. Tenho assim, às vezes, até vontade de vomitar quando eu tô perto. Não, Patrícia, não. Se isso é amor...Eu já senti saudades dele... Quando ele saía, assim... Eu sentia o cheiro dele no travesseiro... Nada mais, Patrícia, tá tudo morto! Não tenho, Patrícia. Nem assim, sabe, um carinho, não tenho por ele. Porque quando às vezes fica, fica um carinho né. Nada!"

Velhice e relações familiares

Como exposto anteriormente, Seu Beto diz que hoje fica mais ao lado da esposa para “compensá-la”, tanto pela sua ausência no cuidado com os filhos, quanto pelo fato de que ela sofreu muito por causa de comportamentos dele:

“Entrevistadora - Ela sofreu o senhor diz...
Seu Beto - Porque eu chegava bêbado, aturar um homem, bêbado num quarto e com catinga de cigarro, a gente só sabe depois que deixa, então é... não que eu incomodasse ela mas, eu digo, é isso, criar cinco filho, fez 32 mudança.”

Através desta conjectura, pode se perceber que para Seu Beto a velhice aparece como um momento de revisão de comportamentos e posturas, principalmente frente à família. É hora de aproximações e de buscar vivenciar o que a vida de trabalhador impediu. Como sugerem Guidi e Pinto (1999),

(...) o tempo disponível é um aliado para o estabelecimento e o fortalecimento dos laços afetivos. É na vivência afetiva/amorosa com cônjuge, filhos e netos que ocorrem as possibilidades de absolvição de omissões passadas, de resgate das lembranças de sentirem-se úteis e amados, compensados os sacrifícios e lutas de toda uma vida. (1999, p. 13),

Seu Edson também apresenta esta possibilidade ao descrever sua vida depois que se aposentou:

“Seu Edson - Ficou cada vez mais gostoso, melhor, eu pude participar mais, dessa vida de pais e filhos, com mais intimidade, mais próximo. Foi muito melhor. Ainda acompanhar uns poucos anos da vida das filhas, dos filhos, em sua carreira, no seu estudo. Eu participei ainda, eu tive essa oportunidade. Mas o contato maior, a dedicação maior quando eles eram pequenos foi a companhia

de luta, a eterna namorada, mãe de nossos filhos. Foi muito gostoso. (...)Hoje nós estamos mais juntos; nos visitamos. A família permanece unida. 'Reza unida, permanece unida' diz o dito popular né."

Se para muitos homens a aposentadoria, que culmina na maioria das vezes com a entrada no período socialmente classificado como velhice, surge como um momento de viver mais próximo da família, para a mulher esta ocasião pode significar exatamente o oposto. É o que afirma Motta (1998b, p.81) pois, "depois de um vida longamente dedicada à família e às lides domésticas – para várias (mulheres) também o trabalho externo – no passar-a-limpo existencial próprio do processo de envelhecimento, afirmam: agora chegou o tempo de pensar também em mim."

Dona Alice fala sobre as aulas que sempre quis fazer para aprender a tocar um instrumento musical mas que não era possível por causa dos cuidados com os filhos, além da falta de incentivo por parte do marido. Mesmo que ela sempre tivesse muita vontade de aprender a tocar um instrumento, a disponibilidade de tempo para a consecução de tal aprendizado parece ter se tornado mais viável agora na velhice:

"Dona Alice - O teclado eu toda vida tive vontade de aprender a tocar um instrumento musical. Toda vida eu tive vontade. E quando eu tava esperando a minha filha, um primo do H. me vendeu um acordeãozinho. Eu com aquela barriga grande comecei a mexer, tocar pedacinho de cai cai balão, noite feliz, só pedacinho, eu tocava de ouvido. Nunca aprendi. Mas eu tinha uma vontade louca, mas ele nunca me incentivou. O meu marido, ele foi uma pessoa que nunca teve chance de aprender as coisas, só trabalhando. Então foi uma pessoa que nunca me incentivou, nunca me deu força. Mas eu sempre fiz tudo, sempre fiz tudo. Depois comprei um violão, ai queria tocar violão, nunca deu tempo. Sempre trabalhava com os filhos em casa, de um lado pro outro. Sempre lidando com os 3 filhos. Violão nunca deu. Depois o meu cunhado tinha uma cítara, eu tenho até ela hoje..."

Atualmente ela faz a tão desejada aula de teclado, caminhando em direção ao que Vincent Caradec (2000, p. 91) denominou como um “avanço na realização do eu”.

Como salienta Caradec, existe um interesse maior das mulheres pelas novidades tecnológicas:

o acesso às tecnologias modernas segue, muitas vezes, estranhos caminhos: diferentes papéis sociais tradicionalmente assumidos pelas mulheres as levam a utilizar certos aparelhos técnicos e mesmo a tornar-se, na vida conjugal, as utilizadoras principais ou até mesmo exclusivas desses aparelhos. (2000, p 87)

No caso de Dona Alice, o computador e a ampla rede de possibilidades que a *Internet* oferece, ajuda na sua independência em relação ao marido e aos filhos. Quando o marido sai aos finais de semana e a deixa sozinha, Dona Alice prefere ficar utilizando o computador, em vez de ir para a casa de praia da filha:

“Dona Alice - Então às vezes eu fico (cochicha) quinta, sexta, sábado e domingo sozinha mais Deus. A minha filha quer que eu vá pra praia mas eu não gosto. Tem que levar roupa, levar isso, levar aquilo e a gente chega uma certa idade não mais disposição de ficar carregando coisas [...]

Entrevistadora - A senhora acessa *Internet*?

Dona Alice - Sei, sei. Eu converso com meu filho pelo computador. Ah, tinha me esquecido disso e nem sabia: eu sei mexer no computador.

Entrevistadora - A senhora fica ali no computador então...

Dona Alice - Fico na *Internet*, jogo *Freecell*, sabes *Freecell*? Conheces na *Internet*?

Entrevistadora - Nunca joguei nenhum jogo na *Internet*...

Dona Alice - Paciência, *Freecell*. Jogo paciência que é uma beleza!”

Gilles Pronovost (1994 *apud* Caradec, 2000), aponta o computador como sendo um objeto perturbador, pois tende a destruir a sociabilidade familiar. Porém, o próprio Caradec

salienta que não se pode pensar nos aparelhos tecnológicos como favorecedores de tendências *individualistas* ou *familiaristas*. Existe uma ambivalência pois, por exemplo, se por um lado Dona Alice deixa de estar com a filha para ficar no computador, por outro é através deste equipamento (também) que ela se comunica com o filho na Finlândia.

Com um estilo “independente”, Seu Augusto conta que cada cônjuge realiza suas próprias atividades, favorecendo assim, uma maior individualização. Caradec (p.82) utiliza os conceitos de *boa distância* conjugal como sendo o “equilíbrio, no seio do casal, entre as atividades individuais e as atividades em comum, entre momentos pessoais e momentos conjugais”. Entretanto, Dona Alice reclama desta individualidade do marido, que se apresenta para ela mais como uma ausência:

“Dona Alice - Então, quando chega domingo, ou sábado, eu gosto de ir a missa aqui na igreja e ele não gosta desse padre, então quer ir lá na missa do EMAÚS.

Entrevistadora - É lá no Catarinense?

Dona Alice - Não, é lá na Igreja Nossa Senhora da Conceição (...) ele vai mais lá do que aqui. Então aqui eu vou sozinha. O padre Pedro quando tava aqui, o padre Pedro dizia assim: “a senhora é viúva de marido vivo. Por quê que o seu marido não vem a missa aqui?” Mania dele ir lá pro EMAÚS. O EMAÚS pra ele é a vida dele.”

Dona Alice mostra-se disposta para aproveitar a vida e buscar o que lhe dá prazer, como uma recompensa, apesar de o marido desvalorizar as atividades que ela realiza atualmente e até considerar bingo “coisa do diabo”. Isto acaba sendo motivo de desentendimento entre os dois:

“Seu Augusto - Agora tem umas briguinhas, né, por causa dessas encrencas.

Dona Alice - Agora ele quer que eu fique em casa enfiada...

Seu Augusto - Eu não quero que ela fique em casa, que o bingo sabes que é coisa do diabo, dinheiro sujo. Ela pode ganhar 10... ela não vai recuperar

nunca o que ela já gastou. Nunca ela vai recuperar.”

Mesmo que a participação em bingos não resulte em atividades socialmente produtivas, para Dona Alice é uma ocasião onde ela faz o que lhe dá prazer:

“Dona Alice - Uma vez por semana. Esse é só joguinho de bingo. E cada uma leva, uma semana sim, uma semana não, às vezes leva 2 semanas sem levar, depois leva uma. Quando não leva uma prendinha do 1,99 leva um lanchezinho. Alguma coisa pro lanche: ou um biscoito, uma rosquinha, ou um bolo, ou sanduíche ou coisa assim. Lá então elas se reúnem e o café e o leite elas que fazem, lá tem 2 encarregadas de fazer com a mensalidade que a gente paga. A gente paga R\$5 por mês.

Entrevistadora - E é aqui mesmo no bairro?

Dona Alice - É ali na Associação. Amanha é dia de eu ir. Eu adoro muito ir minha filha! Ô, como eu gosto! O meu marido não gosta que eu vá. Ele fica louco quando eu vou pro bingo!”

Geraldine Santos e Cícero Vaz (1997, p. 356), ao citarem Rosenberg (1992), pontuam que, a partir do momento em as “tarefas básicas em relação ao desempenho profissional e à família já foram cumpridas (...) o indivíduo poderia sentir-se mais livre para realizar seus desejos”. Dona Beatriz e Seu Beto enumeraram as diversas viagens que eles têm feito ultimamente, ela mais vezes do que ele. Ao ser questionada, Dona Beatriz comenta:

“Entrevistadora - Então, a senhora passeia com o seu marido?

Dona Beatriz - Passeio. Eu tive dois, eu tive um mês no Nordeste, depois daí pra cá tivemos mais 4 excursões, fomos até Monte Sião, fomos até Minas Gerais, fomos à Aparecida, fomos ao Rio, fomos a São Paulo. A gente passeia muito, né. Ele é mais assim, caseiro. Gosta muito... é assim caseiro, mas...”

Em minhas investidas telefônicas, ao tentar entrar em contato com Dona Graça, deparei-me com grande dificuldade para encontrá-la em casa. Somente após quatro tentativas consegui concretizar meu intento e finalmente agendar um horário. Quando

comento com ela sobre este fato, Dona Graça argumenta sobre sua agenda cheia de viagens e desfiles:

“Entrevistadora - E a senhora, assim, eu tentei ligar uns dias atrás assim, pra falar com a senhora, né? Nunca consegui encontra-lá em casa. Eu fiquei imaginando: “nossa, ela deve ser super ocupada!”...

Dona Graça - É, eu sou o dia todo, todo. Hoje estou em casa porque estou te recebendo, mas já tinha pra onde ir. Ontem eu fui pro NETI de manhã. Todos os dias... eu dirijo muito, sabe? Vou pra Laguna sozinha, vou pra Curitiba dirigindo e eu não paro em casa um minuto. E eu assim, a minha agenda é cheia a semana todinha.

Entrevistadora - Pois é, eu nunca a encontrava...

Dona Graça - Eu desfilei. Desfilei a semana passada lá no Iate Clube, em prol das crianças pobres; desfilei já aqui nesse shopping, duas vezes pra boutique; desfilei em Garopaba, da terceira idade; desfilei em Brusque; desfilei em Laguna. Eu desfilei muito assim...”

A utilização do carro pela entrevistada caracteriza a autonomia de deslocamento que Caradec (2000) salienta. Como o envelhecimento é um período marcado por um processo de *desmotorização*, Dona Graça orgulha-se do fato de que ainda dirige e vai de uma cidade a outra sozinha. Para ela o carro tem um importante significado: uma extensão de si mesma.

“Entrevistadora - Pois é, e dessa coisa... Direção mesmo, assim, é uma coisa bem interessante porque poucas mulheres na terceira idade dirigem, né?

Dona Graça - Não, eles perguntam pra mim: ‘Tu não tens medo de dirigir? Como é que tu diriges ainda?’ Eu disse: ‘O dia que eu não dirijo eu fico doente’. O meu carro não pode sair da garagem, porque se o meu carro sair da garagem parece assim, que eu estou precisando dele a toda hora. Ninguém tira meu carro, ninguém.

Entrevistadora - O carro também simboliza muito.

Dona Graça - Faz parte da gente, né?

Entrevistadora - E ter acesso ao carro e ...

Dona Graça - Se a gente tá doente, tá com uma depressãozinha, uma coisa, pega o carro, da uma volta por aí, nem que a gente vai lá, volta, vem pra casa. Pronto. Aquilo já melhora o astral. Às vezes meu marido assim: ‘Ah, eu botei meu carro lá pra fazer não sei o quê, me empresta o teu?’ Eu digo: ‘Não, vai de ônibus, porque eu não te dou.’

Para Dona Beatriz o carro também aparece como uma via para a liberdade, seria uma oportunidade para ela não depender mais do marido:

“Entrevistadora - A senhora nunca mais dirigiu?
Dona Beatriz - Não. Ai, depois eu vim pra cá, mas muito me arrependo, muito me arrependo...
Entrevistadora - De não ter dirigido?
Dona Beatriz - Cruze guria! Não dependia nada dele pra ir ao mercado, pra ir pra aula mesmo. Se ele não quizesse eu pegava o carro e ia. Muito me arrependo! A minha filha tem oficina mecânica lá em Tijucas, ela que é a dona, é a empresária. Ela que é a dona da loja de acessório. Aquelas senhora chego lá botando o carro no conserto ela diz: ‘A minha mãe é uma tola! Olho pra vocês e tenho uma paixão de olhar pra vocês e vejo minha mãe muito mais nova que vocês.’
Ela diz: ‘Mãe, senhoras bem mais velhas que a senhora vão lá arrumar o carro dirigindo e senhora dentro de casa dependendo do pai!’”

Dirigir um automóvel aparece muito próximo da idéia de “dirigir a própria vida”, fazer o que bem entender, sem precisar pedir para o marido. Para ela, depender dele para tudo, até para levá-la na costureira é muita humilhação. Dirigir, seria a possibilidade de uma grande mudança:

“Dona Beatriz - Então eu digo pra ele assim: ‘Ah se eu ganhasse um fusquinha no César Souza, um fusquinha eu saia daqui não olhava nem pra trás, dando tchau pra vocês!’ Ainda tinha coragem, mas esses carro grande deles assim, né, acho que eu não tenho mais coragem de pegar não...
Entrevistadora - A senhora acha que ia mudar muito daí, se a senhora tivesse dirigindo?
Dona Beatriz - Ô, credo! Mudar?! Minha vida mudava 90%!
Entrevistadora - O quê que ia acontecer?
Dona Beatriz - Ah, porque eu não parava mais dentro de casa! Eu ia pras minhas atividade e não dependia dele! Se eu quisesse ir ao mercado não ia depender dele, entendesse? Pra tá pedindo?, porque eu acho que eu me humilho muito, eu peço muita coisa pra ele, entende?. Isso pra mim... se sente mal ele e eu me sinto mal também.”

Quando questionado sobre o porque Dona Alice não dirigia, seu Augusto alega que ele tentou ensiná-la uma vez mas que ela era muito 'desligada' então ele desistiu de instruí-la. Ela mesma reconhece que teria sido melhor ter feito auto-escola mas que não tinha dinheiro para isso. Este assunto gerou polêmica entre os dois:

"Entrevistadora - O senhor acha que se a Dona Alice prestasse mais atenção era interessante ela dirigir?

Seu Augusto - É claro que é. Ela pode fazer as coisas né. Eu fico em casa, dá uma doença, dá um tróço, né. Nós podia ter até um carro pra ela também, né.

Dona Alice - Que ele ia dar um carro pra mim?! (risos de desdém)

Seu Augusto - Por que que não daria?!

Dona Alice - (risos) tem que nascer de novo.

Seu Augusto - Por quê que não daria?! Por quê que não daria o carro?!

Dona Alice - Humpf... (dá de ombros)"

Para Seu Augusto, se Dona Alice soubesse dirigir ela poderia realizar mais atividades e até mesmo seria uma segurança para ele em caso de doença.

Em contrapartida, desde solteira Dona Clara dirige e, hoje em dia, o carro que possui tem apenas um papel num "jogo de aparências", no qual cumpre uma função de fornecer *status* de homem provedor ao seu marido. Apesar de ela o utilizar para ir à igreja, visitar a filha, levar o neto para a escola, participar de grupos:

"Entrevistadora - Pois é, e o carro? A senhora falou que é dele, né?

Dona Clara - O Carro que eu tô te dizendo: vai com R\$10 até aonde, de gasolina? Ai eu tenho que sair tenho que pedir dinheiro pra Edna, cheque pra Edna. Ai dá uma briga bem grande pra ele dar aquele cheque pra Edna e, depois na rua ele diz assim ó... ai ele trouxe esse celular pra mim, ai ele diz pros amigos dele: 'ela tem uma vida de rainha, dô celular, carro, dinheiro. É que ela não sabe viver...'"

Segundo Britto da Motta (1998b, p.71), “os velhos, principalmente os das camadas médias urbanas, em maioria declaram ao pesquisador que as suas relações de família são boas”. Constatei esta tendência em minhas entrevistas mas, também obtive relatos de conflitos familiares, inclusive na relação mãe e filhos.

Em meu encontro com Dona Fátima, levei minha filha recém nascida junto. Lá chegando a entrevistada nos recebeu carinhosamente, acolhendo meu bebê em seus braços o que a fez lembrar de sua relação com os filhos quando estes eram pequenos. A entrevistada alegou que foi muito rígida com os filhos e que não era amorosa nem compreensiva com eles. E o fato de dois dos seus quatro filhos terem sido toxicômanos e terem falecido em virtude da drogadição fez com que ela se sentisse muito culpada, ficando até mesmo deprimida por isso:

“Dona Fátima - (...) não conversava com os filhos, eu batia mesmo, eu dava, porque eu ficava nervosa lá que eu me incomodava, eu descontava neles, não é por aí. Esse remorso que eu tenho. Por isso que eu te digo, complexo de culpa é terrível. Hoje que eu tenho meus filhos lá no céu, com esta experiência muito amarga mas eu me sinto culpada. Porque? Eles eram crianças, faziam arte. Eu sai assim, muito fresquinha do normal pra aplicar aquelas, aqueles estudos todos que a gente passou né. Rigorosa. Principalmente a mais velha, a mais velha era tão boazinha, tão ... Essas exigências todas de deixar na cama porque tinha que ser, eu errava tudo (...)Esse meu menino aí ele, a gente saiu da sogra e fomos morar na Agronômica, acredita que ele fugiu e foi parar na casa da vó. Acostumado com a vó. Porque que eu não tinha que entender isso?! Quase matei. Podia ter conversado: 'Quando quiser ir pra casa da vó pede pra mãe...' Primeiro uma advertência depois então a gente bate, quando eles entendem. E assim foi que eu colhi esses frutos.”

Mesmo afirmando que a família é muito boa e que os filhos não incomodam mais, Dona Beatriz se contradiz e destaca a existência de um filho com o qual ela tem alguns problemas, aquele que ainda “não caiu o imbrigo”. A entrevistada relembra uma discussão

que teve com este filho há aproximadamente três anos atrás, na qual ela bateu nele. Justifica as dificuldades que tem com ele, responsabilizando o marido:

"Dona Beatriz - Então eu digo pra ele, meu marido, esse mais novo, ele tá assim porque ele nunca diz não pro filho. Eu reajo mas ele nunca diz não. Mas vai levando a vida assim, né.

Entrevistadora - A senhora tá melhor com seu filho agora, né? Vocês estão bem melhor, né? Porque teve uma época que tava bem difícil...

Dona Beatriz - Tô, tô bem... Porque teve uma época que nós ficamos sem trosar, bem difícil mesmo, bem difícil... Eu cheguei até a bater nele, eu contei lá (no Grupo de Amigos), naquela época lá né. Daquela época pra cá graças a Deus não..."

Apesar dos conflitos entre os dois, o filho voltou a morar na casa dos pais até que sua casa fique pronta. Para evitar embates, Dona Beatriz e Seu Beto resolveram morar na casa de praia uma vez que, como ela declara, é tênue o limite da simples convivência e do controle:

"Dona Beatriz - Eu vivo bem, a gente, a família muito boa, sempre, como diz o outro: 'eles são muito bom, sabe?' Eles não me incomodam com nada mas sempre tem aquele mais moço que não caiu o "imbigo" ainda, aquele meu mais novo, que toda vida me incomodou. Aquele que andava com psicóloga outra vez, né, tá na minha casa de volta.

Entrevistadora - Ele tá com a moça lá, casado?

Dona Beatriz - Tá com a segunda. Com aquela segunda, mas é assim, vive lá na parte dele, tá fazendo uma casinha, né, então pra terminar a casa, pediu a casa pra morar mas eu não, não sei assim tá, entendesse, assim, tá junto. Porque parece assim que tudo que eles acho que a gente faz é porque a gente tá se metendo."

Mas como a entrevistada declara, ela é "espoleta" com os filhos e não os deixa "montar em cima" dela:

"Dona Beatriz - E a família é muito boa pra mim, entendes? Também às vezes eu sou muito espoleta com eles, porque eu também não deixo eles trepar em cima de mim. Eu toda vida fui assim... Nem toda hora eu digo sim, também sei dizer um não, porque tem que saber também dizer um não."

Ao falar sobre a relação com seus pais Dona Beatriz lembra que eles batiam muito nela, ela era “a que mais sofria”.

A relação intergeracional de ajuda mútua entre pais e filhos aparece com uma conotação bastante específica, apresentando um aspecto generificado na aceitação da ajuda dos filhos, por parte dos/as velhos/as. Ou seja, em se tratando do aspecto financeiro, as mulheres demonstram aceitar mais facilmente a ajuda dos filhos. Dona Beatriz chega a brigar com os/as filhos/as, sugerindo em sua fala a o seu desejo de receber uma mesada deles, um *salário-mãe*:

“Dona Beatriz - Eu tava dizendo pro filho: ‘Se vocês fosse outro...’ - eu tenho cinco filhos, só quem me ajuda é a adotiva, aquela adotiva que eu tenho, aquilo é uma filha do coração, né - aí ele, todo mês ele me dá um dinheirinho (o filho). Então eu tava dizendo pra esse aí ó, ‘se vocês fosse outro, eu tinha uma renda! Eu tinha um salário! Porque eu tenho cinco filhos a trabalhar, cada um a R\$5 por mês não faz falta pra vocês, as mulher tudo trabalho...’ Aí ele assim: ‘Pra quê, pra quê a senhora quer o dinheiro?’ Eu dei uma resposta meia feia, e ele começou a rir. Assim, eles acham que eu não preciso de dinheiro entende?”

Dona Clara pega dinheiro emprestado com a filha para colocar gasolina no carro. Essa filha também dá o dinheiro que lhe possibilita fazer “extravagâncias”, pois no dia da nossa conversa, eu e Dona Clara nos encontramos no estacionamento de um supermercado para que ela me dessa carona até sua casa. Quando chegamos em sua residência ela me mostrou as compras que fez: leite, margarina, pão e alguns utensílios domésticos como um amassador de batatas e um talher de tefal:

“Dona Clara - Sabe por que eu comprei hoje aquele amassador de batatas e aquela pá? Eu ganhei R\$50 da Lúcia. Eu não tinha. Então isso que eu posso fazer, extravagâncias. As coisas que convivem comigo, né.”

Levar a mãe ao hospital quando esta fica doente é outra prestação de ajuda fornecida pela filha de Dona Clara, que prefere pedir para esta e não ao marido.

Devido à lógica de que o homem deveria ser o provedor exclusivo da casa, aquele que sustenta os filhos e a mulher, vigente por muito tempo e ainda fortemente presente em muitas famílias, Seu Beto declara que prefere ajudar o filho do que receber ajuda financeira do mesmo. No cultivo do marisco os dois trabalham de forma equivalente, mas para Seu Beto isso não é profissão, é mais um esporte porque não dá lucro:

“Entrevistadora - O senhor não pescava então antes?

Seu Beto - Pescava mas só com o sogro de tarrafa, de rede. Ele tinha também, mas ai comecei a comprar pra mim.

Entrevistadora - Daí acabou virando uma profissão...

Seu Beto - É, não lucrativa mas...um esporte.

Entrevistadora - Mas hoje o senhor tá vendendo os mariscos...

Seu Beto - Não , o marisco não é meu, é do filho.

Entrevistadora - Tá, mas o senhor ajuda né?

Seu Beto - É. É meu e dele só que eu não vejo o dinheiro (risos). Ela fica doida! Não prestemo conta...Eu deixo. Dá pra um filho... Antes eu dar do que ele dar pra mim, né.”

No caso de Dona Dora e Seu Donato, os dois passam a maior parte de seu tempo às voltas com trabalhos domésticos, ocupados com a casa e seus cuidados. Não existe uma intenção voltada ao lazer. Parece que eles encontram prazer em ficar em casa, cuidando dos afazeres diários, incluindo ai toda uma atenção voltada a um filho de 33 anos, solteiro. Este filho não mora mais com o casal mas frequenta a casa dos pais todos os dias, almoçando junto com eles. Há também um neto de 21 anos que almoça com eles eventualmente. Há pouco tempo este rapaz morou quase dois anos com os avós o que, segundo estes, acabou sendo muito cansativo para eles pois o neto só trazia preocupação e eles não tinham mais idade para isso. Neste casal, percebe-se a relação com os filhos como uma ajuda mútua,

onde os “pais e filhos trocam favores, uns suprindo os outros em momento de necessidade” (Guidi e Pinto, 1999), uma vez que é o filho quem dirige o carro para eles na maioria das vezes, levando-os aos lugares que desejam, como por exemplo a casamentos, almoços fora no dia da procissão de Nosso Senhor dos Passos.

Avó: mãe adoçada

Nestas relações de afeto e de cuidado, os papéis de avó e avô assumem um significado muito específico e de grande importância para a manutenção de diversas famílias. Esta participação dos avós para a continuidade familiar pode-se dizer que é um dos atributos da família moderna, à medida em que eles começam a aparecer como agentes de manutenção e não apenas como meros apêndices, ou “hóspedes indesejados”. Assim, juntamente com todos os sentimentos familiares construídos social e historicamente (sentimento de família, maternidade, paternidade, sentimento de criança, sentimento de adolescente), o sentimento de avô/ó também pode figurar nesta lista. Na Europa, conforme Clarice Peixoto (2000),

ao longo dos anos, observa-se a transformação do papel dos avós, consequência do aumento da esperança de vida e do recuo do modelo patriarcal até então assimilado a uma autoridade forte da geração mais velha e, assim, a uma distância afetiva. As relações afetivas entre avós e netos emergem (...) quando os primeiros se tornam auxiliares dos pais na socialização das crianças. Os laços entre avós e netos se tecem pouco a pouco...” (Clarice Peixoto, 2000, p.98)

Com o expressivo aumento na expectativa de vida, há também uma maior possibilidade de contatos entre as gerações recentes e as pessoas velhas de sua família, principalmente, avós, bisavós. A construção e significação desse sentimento tem se fortalecido cada vez mais e, em espanhol, existe até mesmo um neologismo para sua denominação: *abuelez*. Esta expressão é derivada da palavra *abuelo/a* e é utilizada para nomear esta relação de vivenciar o ser avô/ó. Traçando um paralelo com os termos maternidade e paternidade, que significam relações de parentesco que vinculam a mãe e o pai a seu(s) filho(s), o termo em espanhol *abuelez* poderia ser definido como a relação de parentesco que vincula avôs/ós a seus netos.

Segundo Javier Robles (2002), o tornar-se avô/ó é um fenômeno que pode não ser esperado com muito entusiasmo por algumas pessoas porque as converte em velho/a. Mas esta relação entre avô/ó e neto/a é bastante específica, pois são duas gerações marginais que se unem no afeto no meio da dinâmica do poder dos adultos. É através da relação entre os extremos da vida humana (crianças e velhos) que, segundo Robles (2002), o ser velho/a perde seus mistérios e as coisas deixam de ser complicadas para se tornarem simples, sendo que a vida cotidiana vira um eterno aqui e agora. Tanto as crianças quanto os/as velhos/as, por razões diferentes, vivem seu dia desta maneira: “mi vida es hoy”.

A *abuelez* é a oportunidade de se reviver a maternidade e a paternidade, “malcriando” as crianças que nos possibilitam voltar ao essencial, ao familiar. “Ellos... Nos devuelven años... y nosotros les damos nuestra experiencia... y juntos, hacemos la historia familiar.” (www.gentegrande.com , 2002)

E. Erikson (1998) pontua a necessidade de os/as velhos/as manterem a função generativa de *avós* pois esta contribui para o mínimo de envolvimento vital que é necessário para se permanecer realmente vivo.

No trabalho coordenado por Sônia Sousa e Irene Rizzini (2001), intitulado *Desenhos de Família - criando os filhos: a família goianense e os elos parentais*, é marcante a presença dos avós, principalmente a avó, como um elemento fundamental no cuidado e na criação das crianças, ampliando a constituição familiar e anuviando o modelo burguês de família mínima proposto por Luiz Fernando Duarte (2002.).

Como propõem Cupolillo *et al.* (2001, p.122), os avós como suporte na criação dos netos foi um tema que emergiu no decorrer do trabalho por elas realizado e que se revelou como um “importante indicador para a compreensão da dinâmica e estrutura das famílias em geral”. Como já citado, a maioria dos avós é do sexo feminino e elas exercem a função materna, ou possuem “uma co-responsabilidade na educação de seus netos”(p. 126), possibilitando assim, a emancipação profissional de suas filhas ou noras.

Mais uma vez entra em foco um dos atuais papéis assumidos pelos/as velhos/as: longe de estarem num lugar de dependentes ou de mero apêndices na família, muitos/as idosos/as continuam participando ativamente na

construção e prolongamento da família (...) Dessa forma, o aspecto da dependência do idoso, tão apregoado através da naturalização da velhice, perde sua força e nos remete a aspectos intrinsecamente sociais: os avós como aqueles que contribuem efetivamente para a continuidade da família. (Cupolillo *et al.*, 2001, p. 130)

Ao se referir à sua família, Dona Graça fala sobre o auxílio que deu à filha ao ajudá-la a criar cinco filhos, principalmente depois que esta enviuvou. O sucesso da vida profissional da filha esteve diretamente ligado à disposição de Dona Graça em cuidar dos netos. Além do que, esta participação direta de cuidadora acaba mesclando *papéis*

*familiares*¹⁵ e, efetivamente, há um retorno da mulher idosa ao papel de mãe, sendo até mesmo reconhecida assim:

"Dona Graça - Ajudei ela a criar 5 filhos, depois ela ficou viúva e eu ficava com as crianças para ela puder dá aula, puder trabalhar. E hoje eles me tem assim: se eles compram um presente para mãe, eles compram um igual para mim. Eles me tem como uma mãe. Isso então faz a gente feliz, sabendo que eles gostam da gente, que tem amor pela gente (...). Meu Deus, flores na minha casa, tudo. Até ontem eu tirei um vaso de flor lindo, que um neto me mandou. Eles são assim sabe, muito, muito queridos. São como uns filhos mesmo. Eu estou criando um da minha filha, eu estou criando desde a idade de 3 anos, o Felipe, ele mora comigo." (ele tem 24 anos)

Dona Erna e Seu Edson também ajudam uma filha no cuidado da neta de três anos: levam a menina para almoçar fora todos os dias, deixam-na na escola e buscam-na no final do dia.

Na tarde da entrevista com Dona Beatriz e Seu Beto, na hora do café estavam à mesa o casal referido, eu, o filho que cultivava marisco com o pai, a "velhinha" que ajudava na limpeza dos mariscos, uma neta do casal e a mãe dessa menina. No caso da neta, a mesma fica sob os cuidados de Dona Beatriz durante a semana para a mãe poder estudar e trabalhar. A menina acaba fazendo companhia para os avós:

"Dona Beatriz - aquela garota que tá ali é a menina dele, da primeira mulher. Ela fica comigo aqui na praia durante a semana pra mãe estudar os dois períodos porque a mãe dá aula e ela... então a avó já cuida de três netos, então pra não sobrecarregar muito a outra avó então eu tô aqui ela fica comigo... Só não fica sexta, sexta-feira eu vou descer então ela não vem, mas amanhã ela ainda fica aqui comigo. E assim a gente vai levando a vida, né."

¹⁵ Luiz Carlos Osório (1996, p. 17) utiliza a expressão papéis familiares como sendo aqueles desempenhados pelos membros da família. Entretanto, estes papéis "nem sempre correspondem aos indivíduos que convencionalmente designamos como seus depositários."

Durante o café, Dona Beatriz combina com a neta para elas irem comprar um tênis que a menina desejava. O avô, Seu Beto, dizia para comprarem no Mercado Público porque lá era mais barato e R\$10 dava pra comprar três tênis, comentário este que a neta retrucou dizendo que não queria tênis do Mercado Público, queria que a vó o comprasse numa “loja de marca”. A vó disse que iria comprar o tênis a prestação. Guidi e Pinto (1999) pontuam que

a convivência com os netos proporciona uma alegria que, se não é a única, é a mais significativa para os idosos (...). Esse vínculo intergeracional é sempre relatado como uma experiência enriquecedora e compensatória. É também uma relação que promove e facilita o retorno dos filhos à família original: ir visitar a ‘vó’ e o ‘vô’ é um programa comum em muitas famílias e ter a casa novamente cheia é um prazer para os velhos. (Guidi e Pinto, 1999, p.13)

Diferentemente do descontentamento em cuidar dos netos apresentado pelas jovens avós entrevistadas por Cupolillo *et al.* (2001), os relatos dos/as participantes da presente pesquisa expressam satisfação e prazer na execução de tal cuidado. Com exceção de Dona Dora e Seu Donato que acharam que cuidar do neto “dava muito trabalho” pois já era moço e saía muito aos finais de semana, voltando tarde, para os/as outros/as avôs/ós a relação com os netos, principalmente quando são crianças, era muito gratificante e vantajosa. Um exemplo é Dona Beatriz que alegou que a neta faz companhia para ela.

Ao falar sobre o atual índice de insucesso nos casamentos, Seu Beto pontua que :

“Seu Beto - Mas a melhor coisa que tem é viver junto. Hoje em dia, depois que eu vim pra cá eu vou pouco a missa, então todo sábado tem 10,12 casamento, na igreja. Então, quando chega... Marca, dentro de 1 mês, 10 casamento, 5 se separo. O pai gasta uma fortuna num casamento daquele, ai

se separo. Por que? Por causa da idade, namoro cedo. Começo a namorar com 12, com 15. Quando chega aos 18 aí tá saturado. Por que? Porque não gozou a vida. Quando ela começa a aprender que tem que ir num baile, aniversário, tem um namorado pegando no pé. É isso aí que eu acho errado.

Entrevistadora - Então o senhor acha que tão casando muito novo?

Seu Beto- Muito novo. Olha, eu tenho 2 neta, 4. Tem uma com 25, ela é solteira, tá fazendo doutorado lá no RJ. Tem outra que tem 21, tá noiva. E tem 2 com 15. Elas ando aí com namorado. Amanhã, depois, 15, 16, 17, 18, 20. Quando vai ver passou a vida, não gozou. O quê que vai fazer? Ou fica ou separa."

Percebe-se assim que o relacionamento com os netos também serve para que os avós entrem em contato com novas vivências e experiências, podendo fazer a comparação com os dias de sua época. Esta possibilidade favorece trocas de conhecimentos onde a pessoa idosa pode até mesmo apresentar justificativas para fenômenos da atualidade, como no caso de Seu Beto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da perspectiva de que a velhice é construída cotidianamente, nos fazeres e falares da vida diária, na presente pesquisa pôde-se verificar que as concepções sobre envelhecimento são variáveis para os sujeitos. Em alguns momentos, a velhice caracteriza-se como uma continuidade do ciclo da vida, tempo para estar junto com a família, época boa, “melhor do que antes”. Depois de muita luta na vida, a velhice aparece como um período para aproveitar as conquistas, viajar, compensar a falta e o sofrimento causados... Em outras situações, ser velho/a é estar próximo da doença, com o prazo de “validade” vencido, é estar “decarquilhado/a”. Assim, o envelhecer apareceu ligado ao desconhecido, e a velhice foi considerada uma “coisa”: uma ruptura, essa “coisa de velho”... Pode adquirir um caráter de impedimento, de desculpa para isentar a pessoa em determinadas situações. Em texto de 1914 (Introdução ao Narcisismo), Freud descreve algumas situações em que há o reinvestimento da energia libidinal sobre o ego, como nos casos de doenças, em que os laços dos sujeitos com os objetos externos se enfraquecem e ele se volta para si, para seu próprio sofrimento. Pensando na velhice enquanto doença, proximidade da morte, talvez o tema do narcisismo possa contribuir para reflexões sobre esta etapa da vida.

Apenas um dos maridos entrevistados participou de grupos para a terceira idade. Para a maioria daqueles/as com experiência nesses grupos, participar dos mesmos foi uma oportunidade para estabelecer novos laços de amizade e afeto, além de ter sido um espaço propício para ampará-los/as em situações angustiantes e desesperadoras. Alguns relatos apresentaram a participação em grupos como uma oportunidade para a realização de atividades que fortalecem os laços de afeto conjugal e parental, uma vez que tal experiência proporcionaria atividades diferenciadas entre o marido e a esposa e esta diferenciação

poderia colaborar para a manutenção do casamento. No caso que me levou a esta pesquisa, em que Dona Clara pretendia se separar quando participante do Grupo de Amigos do NETI, pude verificar que a entrevistada continuou na relação insatisfatória e deixou de participar de qualquer grupo, mesmo o religioso, mantendo o casamento que considerava uma prisão.

Através das entrevistas, pude perceber, em alguns casais, uma margem pouco definida entre as atribuições de homens e mulheres mais velhos havendo, como pontuam Guidi e Pinto (1999, p.11), um trânsito tranquilo de uma margem a outra, sendo estabelecidas, muitas vezes, estratégias de convivência conjugal baseadas “mais nas capacidades de cada um do que nos papéis socialmente determinados e com forte viés de solidariedade, carinho e cuidado entre pares”.

A emergência de concepções de feminilidade e masculinidade marcam as falas. Assim, o ser feminina, para algumas entrevistadas, é estar bonita e arrumada, “bem mulherzinha”, para esperar o marido, além da constante disponibilidade para a atividade sexual, apesar da falta de desejo. Se assim não for, o marido vai procurar outra mulher na rua. Dessa forma, ser “bem mulherzinha” é seduzir e agradar ao homem, enquanto atitudes de desleixo com a própria aparência e higiene pessoal funcionam como uma forma de repeli-lo e até mesmo agredi-lo. E é nesse jogo invisível de poder que a mulher delimita seu espaço, seu controle. E não “ser mulher” do marido (praticar o ato sexual) aparece como uma arma, uma forma de vingança contra o homem.

A individualidade de algumas mulheres pode tornar-se difusa, mesclando-se com o que deve ser feito pelo marido, pela família. Mulheres que lêem seu desejo com lentes do que supõem ser o desejo do marido, ou dos filhos. Em contrapartida, para algumas das mulheres entrevistadas, a velhice pareceu configurar-se como uma época propícia para uma

maior individualização, com a apropriação por parte da mulher, de suas opções e escolhas próprias.

Nas representações dos/as entrevistados/as, aos homens ainda cabe a função de provedor, aquele que é “obrigado” a dar a comida para a mulher e a comprar seus remédios. Aquele que, economicamente, não pode ou deve precisar de ajuda dos filhos, ajuda permitida às mulheres.

Analisar representações do casal sobre a sua vida conjugal traz à tona perspectivas de duas individualidades sobre uma conjugalidade em comum. São “dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções do mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal” (Terezinha Féres-Carneiro, 1998, *online*). A análise das informações obtidas na pesquisa não indicou qualquer diferença significativa na vivência conjugal entre os cinco casais onde as mulheres haviam participado de grupos e os outros dois casais, nos quais as mulheres não tiveram tal experiência. As diferenças percebidas referiam-se sim, às singularidades e particularidades de cada casal, não sendo possível fazer generalizações.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

Almeida, Angela M^a de O. (1999). A trama da vida: maturidade e gênero. In: Revista Humanidades: Terceira Idade, n. 46, outubro, Brasília, Ed. UnB, p. 120-131.

Ariés, Phillipe (1981 a). História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar.

Ariés, Phillipe (1981 b). A família e a cidade. In: Velho, Gilberto. Figueira, Sérvulo. Família, psicologia e sociedade. Rio de Janeiro: Ed. Campus, p.13-23.

American Psychological Association (2001). Manual de Publicação. (4^a ed.) Porto Alegre: Artes Médicas.

Barreto, Frederico F. P. (1999). Espaços para a terceira idade. In: Revista Humanidades: Terceira Idade, n. 46, outubro, Brasília, Ed. UnB, p.54-65.

Barros, Myriam M. L. (2000). Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: Barros, Myriam M. L. (org.). Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 113-168.

Beauvoir, Simone de (1990). A velhice. 3^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Belo, Isolda (1996). Velhice: anatomia política dos discursos dominantes. In: Ciência &

Trópico. Recife, v. 24, n. 1, p.39-56, jan/jun.

Beltrão, Kaizô. Camarano, Ana (1997). Características sócio-demográficas da população idosa brasileira. In: Revista de Estudos Feministas. V.1, p. 106-119.

Bento, Jorge (1999). O século do idoso e o papel do desporto. Em Revista Humanidades: Terceira Idade, n. 46, outubro, Brasília, Ed. UnB, p. 14-23.

* Birman, Joel (1995). Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: Veras, Renato. (Org.) Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Bobbio, Norberto (1997). O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos. Rio de Janeiro: Campus.

Bosi, Eclea (1979). Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Ed. T.A. Queiroz.

Bosi, Eclea (1993). A pesquisa em memória social. In: Psicologia USP, 4(1/2), p. 277-284, São Paulo.

* Britto da Motta, Alda (1997). Apresentação: dossiê gênero e velhice. In: Revista de Estudos Feministas, v.1, p.104-105.

Britto da Motta, Alda (1998a). Gênero, família e fases do ciclo de vida. In: Caderno CRH, n. 29, p. 13-20, jul./dez.

Britto da Motta, Alda (1998b). Reinventando fases: a família do idoso. In: Caderno CRH, n. 29, p. 69-87, jul./dez.

Britto da Motta, Alda (2000). "Chegando pra idade". In: Barros, Myriam M. L. (org.). Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 223-235.

Cabral, Benedita (1997). A vida começa todo dia. In: Revista de Estudos Feministas, v.1, p.159-168.

Caradec, Vincent (2000). O uso de novas tecnologias: o caso dos aposentados. In: : Peixoto, Clarice E. *et al.*(orgs.) Família e individualização. Rio de Janeiro: Ed. FGV.

Cupolillo, Mercedes Villa *et all.* (2001). Os avós como suporte na criação dos netos. In: Sousa, Sônia M. Gomes. Rizzini, Irene (Coord.) Desenhos de família – criando os filhos: a família goianense e os elos parentais. Goiânia: Cãnone Editorial, p.117-135.

Crapanzano, Vincent (1991). Diálogo. In: Anuário Antropológico/88. Brasília: Editura UnB, p. 59-80.

Debert, Guita Grin.(1997). Envelhecimento e curso da vida. In: Revista de Estudos

Feministas, v.1, p.120-128.

— Debert, Guita Grin (1999). Apresentação. In: Cadernos Pagu: Gênero em gerações. Campinas, SP: p. 7-10.

Debert, Guita Grin (2002). Novas etapas da vida adulta e a velhice. Disponível na World Wide Web:

[http:// www.sbpnet.org.br/eventos/54RA/TEXTOS/SBPC/SBPC%20Guita%20Debert.htm](http://www.sbpnet.org.br/eventos/54RA/TEXTOS/SBPC/SBPC%20Guita%20Debert.htm)

Duarte, Luiz F. D. (2001). Prefácio. In: Castro, Lúcia R. de. (Org.) Crianças e jovens na construção da cultura. Rio de Janeiro: NAU Editora; FAPERJ.

Duarte, Luiz F. D. (2002, março). A família moderna e a psicologização do sujeito. Palestra apresentada no auditório do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC.

Dumont, Louis (1985). O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco.

Dumont, Louis (1992). Homo hierarchicus: o sistema de castas das castas e suas implicações. São Paulo: EDUSP.

Eckert, Cornélia (1997). A saudade em festa e a ética da lembrança. In: Revista de Estudos Feministas, v.1, p. 182-192.

Erikson, Erik H. (1972). Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro: Guanabara.

Erikson, Erik H. (1998). O ciclo de vida completo. Porto Alegre: Artes Médicas.

Féres-Carneiro, Terezinha. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. In: Psicologia Reflexão e Crítica [online]. Vol. 11, no.2 [citado 15 setembro 2002] , p.379-394. Disponível na World Wide Web: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&nrm=iso

Ferrari, Mário. Kaloustian, Sílvio M. (1994) Introdução. In: Kaloustian, Sílvio M. (Org.) Família brasileira: a base de tudo. Brasília: Ed. Cortez.

Flax, Jane (1992). Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: Buarque de Hollanda, Heloísa (Org.). Pós modernismo e política. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco.

Fonseca, Cláudia (1999). Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. In: Revista Brasileira de Educação, n.10, jan./fev./mar./abr. p. 58-78.

Freud, Sigmund (1969[1914]). Introdução ao Narcisismo. In: Obras Completas Vol XVII. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, Sigmund (1969[1925]). O 'estranho'. In: Obras Completas Vol XVII. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

* Giddens, Anthony (1993) A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo

a família goianense e os elos parentais. Goiânia: Cãnone Editorial, p. 95-115.

Motta, Flávia de Mattos (1998). Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

Nogueira, Conceição (2001). Feminismo e discurso do gênero na Psicologia Social. In: Psicologia & Sociedade. Vol. 13, n. 1, janeiro/junho.

Oliveira, Roberto C. (2000). O trabalho do antropólogo. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP.

Organização das Nações Unidas (2003). El envejecimiento de la población mundial. In: Cuarto examen y evaluación de la eiecución de Plan de Acción Internacional sobre el Envejecimiento. Disponível na World Wide Web: <http://www.onu.org>, 2002

Osório, Luis C. (1996). Família hoje. Porto Alegre: Artes Médicas.

Peixoto, Clarice E. (1997). Histórias de mais de 60 anos. In: Estudos Feministas: dossiê Gênero e Velhice, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p. 148-158.

Peixoto, Clarice Ehlers (2000). Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e materiais. In: Peixoto, Clarice E. *et al.*(orgs.) Família e individualização. Rio de Janeiro: Ed. FGV, p. 95-111.

Lago, Mara Coelho de S. (2000). Constituição do sujeito e construção da identidade nas intersecções entre Antropologia e Psicanálise. Trabalho apresentado na 22ª Reunião da ABA. Brasília, (mimeo).

Langevin, Anette (1998). A construção social das idades: mulheres adultas de hoje e velhas de amanhã. In: Cadernos CRH. Salvador, n.29, p.129-149, jul./dez.

Laplanche, Jean. Pontalis, Jean-Baptiste (1971). Diccionario de psicoanálisis. Barcelona: Editorial Labor.

Leite, Marcelo (1999). Idade não define a fronteira da velhice. In: Folha de São Paulo, São Paulo, 26 set. Caderno *Mais Velhos*, p. 2.

Magalhães, Dirceu N. (1989). A invenção social da velhice. Rio de Janeiro: Papagaio.

Magalhães, Dirceu N. (2002). A invenção social da velhice. Disponível na World Wide Web: <http://.intelecto.net/cidadania/dirceu1.htm>

Mello, Sylvia Leser de (1995). Família: perspectiva teórica e observação factual.. In: Carvalho, M^a do Carmo Brant de. (Org.) A família contemporânea em debate. São Paulo: EDUC, p.51-60.

Monteiro, Luiza Pereira. Norma A. Cardoso (2001). Família e criação dos filhos. In: Sousa, Sônia M. Gomes: Rizzini, Irene (Coord.) Desenhos de família – criando os filhos:

curso da vida. In: Cadernos Pagu: gênero em gerações, n. 13, Campinas, SP, p.11-35.

Howard, Ron (1985). Cocoon. [filme], 118 min.

Hutz, Arhon (1986). Temas de geriatria e gerontologia. Porto Alegre, Fundo Editorial Byk.

Imamura, Shohei (1983). A balada de Narayama. [filme], 128 min.

Korovsky, Edgardo (1998). Psicoanálisis en la tercera edad: consideraciones psicoanalíticas acerca del cuerpo del anciano. In: Andrade, Helena M.; Czermak, Rejane; Amoretti, Rogério (Orgs.). Corpo e psicanálise. São Leopoldo: Unisinos.

Lago, Mara (1996 a). Modos de vida e identidade: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC.

—Lago, Mara (1996b). Refletindo sobre gênero a partir de textos freudianos. In: Anais Fazendo Gênero: seminário de estudos sobre a mulher. Ponta Grossa (PR): Centro de Publicações da Universidade Estadual de Ponta Grossa, p. 171-173.

Lago, Mara (1999). Identidade: A fragmentação do conceito. In: Silva, Alcione L.; Lago, Mara Coelho de S.; Ramos, Tânia Regina O. (orgs.) Falas de gênero: teorias, análises, leituras. Florianópolis, Ed. Mulheres, p. 119-129.

nas sociedades modernas. São Paulo, Ed. UNESP.

Grant, Walkíria (1998). A mascarada e a feminilidade. In: Psicologia USP, v.9, n.2, p. 249-260. São Paulo.

Grecco, Sheila (2002). O vovô virou papai. In: Revista Veja, n.1745, 3 de abril.

Grossi, Miriam P. (1998). Identidade de gênero e sexualidade. Em: Antropologia em primeira mão – PPG em Antropologia Social. UFSC, n. 24, Florianópolis.

✗Grossi, Miriam; Heilborn, Maria Luiza; Rial, Carmem (1998) Entrevista com Joan Scott. In: Revista de Estudos Feministas. Rio de Janeiro, IFCH/UFRJ, v.6, n.1.

Guedes, Simoni Lahud (1994). Uma visão antropológica das categorias de idade. In: SSBGG-RJ. Caminhos do envelhecer. Rio de Janeiro: Revinter, p.7-10.

Guidi, M^a Laís M.; Pinto, Sandra Lúcia S. de M. (1999). O imaginário afetivo do idoso e o contexto familiar. In: Revista Humanidades: Terceira Idade, n. 46, outubro, Brasília, Ed. UnB, p. 8-13.

Guimarães, Renato M. (1999). Viver mais (e melhor). In: Revista Humanidade: Terceira Idade, n. 46, outubro, Brasília, Ed. UnB, p. 96- 102.

Hareven, Tamara (1999). Novas imagens do envelhecimento e a construção social do

curso da vida. In: Cadernos Pagu: gênero em gerações, n. 13, Campinas, SP, p.11-35.

Howard, Ron (1985). Cocoon. [filme], 118 min.

Hutz, Arhon (1986). Temas de geriatria e gerontologia. Porto Alegre, Fundo Editorial Byk.

Imamura, Shohei (1983). A balada de Narayama. [filme], 128 min.

Korovsky, Edgardo (1998). Psicoanálisis en la tercera edad: consideraciones psicoanalíticas acerca del cuerpo del anciano. In: Andrade, Helena M.; Czermak, Rejane; Amoretti, Rogério (Orgs.). Corpo e psicanálise. São Leopoldo: Unisinos.

Lago, Mara (1996 a). Modos de vida e identidade: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC.

Lago, Mara (1996b). Refletindo sobre gênero a partir de textos freudianos. In: Anais Fazendo Gênero: seminário de estudos sobre a mulher. Ponta Grossa (PR): Centro de Publicações da Universidade Estadual de Ponta Grossa, p. 171-173.

Lago, Mara (1999). Identidade: A fragmentação do conceito. In: Silva, Alcione L.; Lago, Mara Coelho de S.; Ramos, Tânia Regina O. (orgs.) Falas de gênero: teorias, análises, leituras. Florianópolis, Ed. Mulheres, p. 119-129.

Lago, Mara Coelho de S. (2000). Constituição do sujeito e construção da identidade nas intersecções entre Antropologia e Psicanálise. Trabalho apresentado na 22ª Reunião da ABA. Brasília, (mimeo).

Langevin, Anette (1998). A construção social das idades: mulheres adultas de hoje e velhas de amanhã. In: Cadernos CRH. Salvador, n.29, p.129-149, jul./dez.

Laplanche, Jean. Pontalis, Jean-Baptiste (1971). Diccionario de psicoanálisis. Barcelona: Editorial Labor.

Leite, Marcelo (1999). Idade não define a fronteira da velhice. In: Folha de São Paulo. São Paulo, 26 set. Caderno *Mais Velhos*, p. 2.

Magalhães, Dirceu N. (1989). A invenção social da velhice. Rio de Janeiro: Papagaio.

Magalhães, Dirceu N. (2002). A invenção social da velhice. Disponível na World Wide Web: <http://.intelecto.net/cidadania/dirceul.htm>

Mello, Sylvia Leser de (1995). Família: perspectiva teórica e observação factual.. In: Carvalho, Mª do Carmo Brant de. (Org.) A família contemporânea em debate. São Paulo: EDUC, p.51-60.

Monteiro, Luiza Pereira. Norma A. Cardoso (2001). Família e criação dos filhos. In: Sousa, Sônia M. Gomes. Rizzini, Irene (Coord.) Desenhos de família – criando os filhos:

a família goianense e os elos parentais. Goiânia: Cãnone Editorial, p. 95-115.

Motta, Flávia de Mattos (1998). Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

Nogueira, Conceição (2001). Feminismo e discurso do gênero na Psicologia Social. In: Psicologia & Sociedade. Vol. 13, n. 1, janeiro/junho.

Oliveira, Roberto C. (2000). O trabalho do antropólogo. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP.

Organização das Nações Unidas (2003). El envejecimiento de la población mundial. In: Cuarto examen y evaluación de la ejecución de Plan de Acción Internacional sobre el Envejecimiento. Disponível na World Wide Web: <http://www.onu.org>, 2002

Osório, Luis C. (1996). Família hoje. Porto Alegre: Artes Médicas.

Peixoto, Clarice E. (1997). Histórias de mais de 60 anos. In: Estudos Feministas: dossiê Gênero e Velhice, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p. 148-158.

Peixoto, Clarice Ehlers (2000). Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e materiais. In: Peixoto, Clarice E. *et al.*(orgs.) Família e individualização. Rio de Janeiro: Ed. FGV, p. 95-111.

Peres, Vannúzia Leal (2001). Desenhos de família. In: Sousa, Sônia M. Gomes. Rizzini, Irene (Coord.) Desenhos de família – criando os filhos: a família goianense e os elos parentais. Goiânia: Cãnone Editorial, p. 73-93.

Ploner, Kátia Simone (2000). Bolinha não entra em clube de luluzinha: questões de gênero em grupos de terceira idade. Porto Alegre: PUC, dissertação de mestrado.

Ramos, Benedito M. S. (2002). O gigante adormecido. Disponível na World Wide Web: <http://www.cbp.rj.org.br/revista2000gigante.htm>

Rizzini, Irene (2001). Crianças, adolescentes e suas bases familiares: tendências e preocupações globais. Em : Sousa, Sônia M. Gomes. Rizzini, Irene (Coord.) Desenhos de família – criando os filhos: a família goianense e os elos parentais. Goiânia: Cãnone Editorial, p. 23-44.

Robles, Javier (2002). Abuelos. Disponível na World Wide Web: <http://www.noroeste.com.mx/Culiacan/20020829/nacional/PerezRobles.php3>

Rocha-Coutinho, Maria Lúcia (1994). Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco.

Romanelli, Garaldo (1995). Autoridade e poder na família. In: Carvalho, Maria do Carmo B. (Org.) A família contemporânea em debate. São Paulo: Ed. Cortez, p.73-88.

Roure, Glacy Q. de. *Et. all.* (2001). Família contemporânea: entre o passado e o futuro. In: Sousa, Sônia M. Gomes. Rizzini, Irene (Coord.) Desenhos de família – criando os filhos: a família goianense e os elos parentais. Goiânia: Cãnone Editorial, p.193-216.

Safons, Marisete P. (1999). Algumas considerações sobre envelhecimento e atividade física. In: Revista Humanidades: Terceira Idade, n. 46, outubro, Brasília, Ed. UnB, p. 24-33.

Salgado Marcelo (2002). Conceituação de velhice. Disponível na World Wide Web: <http://www.intelecto.net/cidadania/marcelo.htm>

Sant'Anna, Mara R. (2000). O velho no espelho: um cidadão que envelheceu. Florianópolis: Ed. da UFSC.

Santos, Geraldine A. Vaz, Cícero E. (1996). Grupos da terceira idade, interação e participação social. In: Zanella, Andréa V. Siqueira, M^a Juracy *et. al.* (org.) Psicologia e Práticas Sociais. Porto Alegre: ABRAPSOSUL.

Sathler, Julieta. Py, Ligia (1994). Pensando perdas e aquisições no processo de envelhecer: o trabalho psíquico. In: SSBGG-RJ. Caminhos do envelhecer. Rio de Janeiro: Revinter, p. 15-17.

Scott, Joan (1990). Gênero: uma categoria útil de análise. In : Educação e Realidade.

Porto Alegre, 16(2),p. 15-22, jul./dez.

Singly, François (2000). O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: Peixoto, Clarice E. Singly, François (org.) Família e individualização. Rio de Janeiro: Ed. FGV, p.13-19.

Siqueira, Maria Juracy T. (2002). Sobre o trabalho das mulheres: contribuições segundo uma analítica de gênero. Em: rPOT. Vol. 2, número 1, jan-jun., p.11-30.

Souza, Elza M^a. (1999). Reminiscências: as lembranças como patrimônio social. In: Revista Humanidades: Terceira Idade, n. 46, outubro, Brasília, Ed. UnB, p.103-109.

Sousa, Sônia M. Gomes. Rizzini, Irene (Coord.) (2001). Desenhos de família – criando os filhos: a família goianense e os elos parentais. Goiânia: Cãnone Editorial.

Stoller, Robert J.(1993). Masculinidade e feminilidade: apresentações do gênero. Porto Alegre: Artes Médicas.

Stoppe Jr, Alberto; Louzã Neto, Mario (1997). Aspectos psicológicos e sociais do envelhecimento. In: Depressão na terceira idade. São Paulo: Ed. Lemos.

Szymansky, Heloisa (1995). Teorias e “teorias” de famílias. In: Carvalho, Maria do Carmo B. (Org.) A família contemporânea em debate. São Paulo: Ed. Cortez, p. 24-27.

Torres, Anália (2000). A individualização no feminino, o casamento e o amor. In: Peixoto, Clarice E. Singly, François (org.). Família e individualização. Rio de Janeiro: Ed. FGV, p. 135-156.

Tronto, Joan C.(1997) Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso? In: Jaggar, Alison M; Bordo, Susan R. (ed) Gênero, corpo, conhecimento. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos.

Vaitsman, Jeni (1994). Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Ed. Rocco.

Veloz, M^a Cristina T. ; Camargo, Brígido V.; Nascimento-Schulze, Clélia M. (1999). Representações sociais do envelhecimento. In: Psicologia Reflexão e Crítica, [online] v. 12, n.2, Porto Alegre.

Veras, Renato P. (1994). País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Vitola, Janice de Oliveira Castilhos (1998). Terceira idade: tendência atualizante e sentido de vida. In: PSICO, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 63-88, jan./jun.

Woortmann, Klaas. Woortmann, Ellen (1999) Humanidades. In: Revista Humanidades: Terceira Idade, n. 46, outubro, Brasília, Ed. UnB, p.132-141.